

Pedro Franco Barbosa



**ESPIRITISMO
BÁSICO**



PEDRO FRANCO BARBOSA

Espiritismo Básico

As Origens, a Natureza, as Características.

Os Princípios Básicos.

A Codificação: a Filosofia, a Ciência, a Religião.

O Homem: Constituição e Destino.

A Literatura Espírita: Mediúnica e Não Mediúnica.

3ª edição

Do 6º ao 20º milheiro Capa de CECCONI NRBN

901-AA; 002.51-0; 6/1987

Copyright 1987 by

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA (*Casa-Máter do Espiritismo*)

Av. L-2 Norte — Q. 603 - Conjunto F 70830 — Brasília-DF —
Brasil

*Composição, fotolitos e impressão offset das Oficinas do
Departamento Gráfico da FEB Rua Souza Valente, 17 20941 ~ Rio-
Rj _ Brasil*

C.G.C. n.o 33.644.857/0002-84 LE. nP 81.600.503

Impresso no Brasil PRESITA EN BRAZILLO

INDICE

APRESENTAÇÃO

PALAVRAS INICIAIS

ESCLARECENDO DUVIDAS

ESPIRITISMO E UMBANDA

PSICOLOGIA, PARAPSICOLOGIA E ESPIRITISMO . . DEVE
ESTUDAR-SE O ESPIRITISMO?

As Revelações e o Progresso Espiritual do Homem

Primórdios do Espiritismo

O Episódio de Hydesville

As “Mesas Girantes”

Allan Kardec, o Codificador do Espiritismo

Léon Denis, o Consolidador

Síntese Histórica do Espiritismo no Brasil:

Notícia das Mesas Girantes	
A Obra Pioneira de Luiz Olímpio Teles de Menezes	
O Espiritismo no Rio de Janeiro	
Fatos Espíritos Notáveis	
SEGUNDA PARTE	
Postulados e Ensinamentos	
A Doutrina Espírita ... O Espiritismo Filosófico O Espiritismo Científico	
O Espiritismo Religioso	107
Atividade Sintética das Obras da Codificação do Allan Kardec	113
Princípios Básicos da Doutrina Espírita:	
Deus	129
Evolução	132
Reencarnação	134
Sobrevivência do Espírito	140
Comunicação entre os dois mundos (o físico e o espiritual) — Mediu- nidade	143
A Origem da Vida	146
O Homem:	
Constituição	152
O perispírito	152
O corpo físico	160
Evolução biológica e espiritual	163
TERCEIRA PARTE	
Literatura Espírita	
Índice	178
Alguns conceitos	180
Literatura espírita não mediúmica:	
Autores Estrangeiros	181
Autores Nacionais	184
Literatura espírita mediúmica:	
Autores Estrangeiros	188
Autores Nacionais	198
Adenda:	
O caso Humberto de Campos	207

Dos autores de direito e de fato	210
Da identidade do autor espiritual	210
Páginas antológicas	211
Da influência dos Espíritos em geral	211
Da produção da escrita mediúnica	213
Quadros Sinóticos	215
Indicação Bibliográfica	223

Apresentação do Jornalista DEOLINDO AMORIM, Presidente do INSTITUTO DE CULTURA ESPIRITA DO BRASIL.

Quando um livro tem bom conteúdo ou quando é verdadeiro em seus propósitos, pode muito bem dispensar apresentação ou prefácio. Há ocasiões em que o prefácio tem certa influência na apreciação da obra, principalmente se o apresentador ou prefaciador esclarece uns tantos pontos, sujeitos a dúvidas ou controvérsias. Não é regra geral. Mas o prefácio (quando é lido...) também serve para situar o leitor no pensamento da obra, antes de começar a leitura. É uma embocadura necessária.

Há prefácios, entretanto, inteiramente desnecessários. No caso deste livro, por exemplo. O Autor recomenda-se pelos seus serviços à Causa Espírita, pelo idealismo e pela sua cultura, não apenas jurídica, mas filosófica, e, especificamente, espírita. Para que prefácio? Quis, no entanto, por espírito de solidariedade, ou certamente por simpatia pessoal, que um companheiro de lides doutrinárias escrevesse as palavras de abertura do livro. Aqui estamos, pois, e com o maior desvanecimento.

O Dr. Pedro Franco Barbosa, titular de alto cargo jurídico na administração federal, autor de vários pareceres na Assessoria Jurídica do Serviço do Patrimônio da União, não é apenas um cultor do Direito na esfera de suas funções, mas também um estudioso do Espiritismo em todos os seus ângulos. Faz parte da Cruzada dos Militares Espíritas, onde ministra cursos de Doutrina

Espírita, com toda a esquematização didática, é conferencista e doutrinador criterioso, como também poeta, emboranem todos lhe conheçam esta faceta intelectual, colabora em diversas publicações espíritas no Brasil e no exterior.

“Espiritismo Básico”, título muito bem ajustado à natureza da obra, é um trabalho didático. Nem é um livro polêmico nem tampouco uma síntese, de compilação pura e simples. Não. O Autor utiliza-se das fontes indispensáveis, pois não tem a pretensão de ser original, mas também dá uma contribuição própria. Há uma parte histórica, que não poderia deixar de ser fundamentada nas fontes autorizadas, e ninguém inventa história, mas a principal preocupação do livro é oferecer elementos de instrução básica para os que desejarem realmente formar cultura espírita. E não se pode estudar bem o Espiritismo sem o conhecimento seguro da Doutrina. Isto significa, sem dúvida, que um estudo sério não combina com a pressa da improvisação nem com as aventuras do empirismo.

Com o intuito, aliás bem claro, de colocar o Espiritismo em sua posição justa, o livro faz certos confrontos, principalmente com a Umbanda, a fim de mostrar que são dois campos distintos, dentro de contextos próprios. E o esclarecimento é necessário, senão indispensável, neste ponto, pois ainda se observa muita confusão entre práticas espíritas e práticas umbandistas, apesar do que já se escreveu a respeito.

A bibliografia, por sua vez, revela o senso de propriedade, o espírito analítico do Autor, pois as obras indicadas são justamente aquelas que correspondem exatamente aos assuntos versados. Não é, pois, uma bibliografia difusa, lançada a esmo, sem critério seletivo, como se observa, às vezes, em determinados livros... Convém pedir a atenção do leitor, e com todo o empenho, para a 2ª parte: Postulados e ensinamentos. Se a parte histórica está muito rica de elementos informativos, inclusive no que se refere à imprensa espírita, a parte doutrinária ou interpretativa não está menos rica, pois o Autor se demora bastante no legítimo pensamento da Doutrina, procurando apresentar um trabalho bem pensado, justamente porque a sua intenção é orientar os neófitos e

também despertar interesse nos estudiosos por certos aspectos ainda não muito desenvolvidos em nossos estudos habituais nas sociedades espíritas. Segue-se a parte de literatura espírita, cuidadosamente metodizada. No centro da obra, entretanto, há dois pontos que exigem ainda mais leitura e reflexão crítica: os estudos do perispírito, que o Autor desenvolve com muita solidez de argumentos, e a tese da evolução, em que se percebe claramente o espírito de síntese. Mas não se deve perder de vista o conjunto da obra, na seqüência das matérias fundamentais: As origens, a natureza, as características; Os Princípios Básicos; A Codificação: a filosofia, a ciência, a religião; O Homem: constituição e destino; A Literatura Espírita: mediúnica e não mediúnica.

Ja se fazia sentir entre nós, há muito tempo, a necessidade de obras desta natureza, isto é, de obras que, embora não tenham a feição nem o estilo de compêndios escolares, são realmente didáticas, porque metodizam bem as suas exposições e visam intrinsecamente ao ensino da Doutrina, já preconizado por Allan Kardec, há mais de um século. É deste caráter, evidentemente, o livro de nosso confrade Pedro Franco Barbosa. Que “Espiritismo Básico” seja, pois, mais um foco de orientação espiritual, em boa hora entregue à coletividade espírita.

DEOLINDO AMORIM

Outubro de 1975.

PALAVRAS INICIAIS

ESTA É UMA OBRA INFORMATIVA, DE DIVULGAÇÃO E NADA TEM DE ORIGINAL. AGRADECEMOS AOS IRMÃOS ENCARNADOS E DESENCARNADOS, QUE CONTRIBUÍRAM PARA ELA.

NO CONVÍVIO COM OS IRMÃOS E COMPANHEIROS DE DOCTRINA, OBSERVAMOS QUE, EM SUA MAIORIA, TÊM DIFICULDADE DE CONHECÊ-LA, SEJA POR FALTA DE UM LIVRO QUE RESUMA OS ENSINAMENTOS BÁSICOS DO ESPIRITISMO, SEJA PELA IMPOSSIBILIDADE DE AQUISIÇÃO DAS NUMEROSAS OBRAS QUE TRATAM, DE PER SI, DOS

ASSUNTOS MAIS IMPORTANTES DA TERCEIRA REVELAÇÃO.
EM NOSSAS PALESTRAS DOCTRINÁRIAS, NOTAMOS,
OUTROSSIM, O GRANDE INTERESSE DOS IRMÃOS NA
AQUISIÇÃO DESSES CONHECIMENTOS ESSENCIAIS, O QUE
SÕ SE TORNA POSSÍVEL, ENTRETANTO, PELO ESTUDO.

REUNIR O MÁXIMO DE CONHECIMENTOS EM UM
VOLUME SÓ E EXPÔ-LOS EM LINGUAGEM CLARA E
ACESSÍVEL, EIS O OBJETIVO DESTA OBRA, CUJA
FINALIDADE SERÁ ALCANÇADA SE VIER, POR ISSO MESMO,
A SER ÚTIL AOS QUERIDOS COMPANHEIROS DE DOCTRINA
ESPIRITA.

“Como todo mundo, ri-me do ESPIRITISMO, mas o que eu
tomava pelo riso de VOLTAIRE não era mais do que o riso do
idiota, muito mais comum do que o outro.”

EUGÊNIO BONNEMÈRE, *jornalista e escritor francês.*

*

*“Nenhum grau de talento ou de espirito pode conferir, a quem
quer que seja, o direito de falar do que não conhece.”*

DE MAISTRE

*

*“Simultaneamente ciência experimental, filosófica e moral, o
Espiritismo traz-nos uma concepção geral do mundo e da vida,
baseada na razão, e no estudo dos fatos e das causas, concepção
mais vasta, mais esclarecida, mais completa que aquelas que a
precederam.*

*O Espiritismo abre novas vias à Humanidade. Ê sistema que
fornece prova objetiva da sobrevivência do ser. Perpetuidade da
vida, solidariedade eterna das gerações, justiça, igualdade,
ascensão e progresso para todos, tais são os princípios dessa fé e
estes princípios apóiam-se no granito do método experimental.”*

LÉON DENIS

ESCLARECENDO DÜVIDAS

O Espiritismo, conforme reconhece o Conselho Federativo
Nacional, órgão da Federação Espírita Brasileira, é a Revelação

prometida pelo Cristo de Deus para os séculos em que a Humanidade alcançasse um grau de assimilação mais elevado.

Os fenômenos psíquicos, tão velhos quanto o mundo, só atraíram a atenção dos intelectuais quando surgiram os ocorridos em Hydesville, em 1848.

Em 1857, após observá-los e catalogá-los com o mais metucioso rigor científico, Allan Kardec lançou ao mundo o primeiro livro da Codificação dessa nova Revelação — “O Livro dos Espíritos”, criando o vocábulo Espiritismo para designar essa Revelação, então chamada e ainda conhecida, em outros países, pelo nome de Neo-Espiritualismo.

Difere o Espiritismo de todas as religiões conhecidas por demonstrar a lógica dos seus ensinamentos através de experiências científicas e por apresentar uma filosofia também baseada em experimentos e observações e documentada por uma legião de sábios de renome universal.

Religião científico-filosófica, confirmando os ensinamentos básicos de todas as religiões, não pretende demolir as que a precederam, antes reconhece a necessidade da existência delas para grande parte da Humanidade, cuja evolução se processará lenta e inevitavelmente.

Doutrina religiosa, sem dogmas propriamente ditos, sem liturgia, sem símbolos, sem sacerdócio organizado, ao contrário de quase todas as demais religiões, não adota em suas reuniões e em suas práticas:

- 1) — *paramentos, ou quaisquer vestes especiais;*
- 2) — *vinho, ou qualquer bebida alcoólica;*
- 3) — *incenso, mirra, fumo, ou substâncias outras que produzam fumaça;*
- 4) — *altares, imagens, andores, velas e quaisquer objetos materiais como auxiliares de atração do público;*
- 5) — *hinos ou cantos em línguas mortas ou exóticas, só os admitindo, na língua do país, exclusivamente em reuniões festivas realizadas pela infância e pela juventude e em sessões ditas de efeitos físicos;*

- 6) — *danças, procissões e atos análogos;*
- 7) — *atender a interesses materiais terra-a-terra, rasteiros ou mundanos;*
- 8) — *pagamento por toda e qualquer graça conseguida para o próximo;*
- 9) — *talismãs, amuletos, orações miraculosas, bentinhos, escapulários ou quaisquer objetos e coisas semelhantes;*
- 10) — *administração de sacramentos, concessão de indulgências, distribuição de títulos nobiliárquicos;*
- 11) — *confeccionar horóscopos, exercer a cartomancia, a quiromancia, a astromancia e outras “maneias”;*
- 12) — *rituais e encenações extravagantes de modo a impressionar o público;*
- 13) — *termos exóticos ou heteróclitos para a designação de seres e coisas;*
- 14) — *fazer promessas e despachos, riscar cruces e pontos, praticar, enfim, a longa série de atos materiais oriundos das velhas e primitivas concepções religiosas.*

O fenômeno psíquico pode surgir em qualquer meio religioso ou irreligioso e seu aparecimento pode conduzir a criatura ao Espiritismo, mas a consolidação da crença, o conhecimento das leis que presidem os destinos do homem e a perfeita assimilação da Doutrina Espírita só se conseguem através do estudo das obras de Allan Kardec e das que lhes são subsidiárias. (Aprovado em reunião de 2 de maio de 1953.)

ESPIRITISMO E UMBANDA

O Espiritismo e a Umbanda são *doutrinas espiritualistas*, como também o judaísmo, o catolicismo, o protestantismo, a teosofia, o rosa-cruz, o esoterismo etc., o que não impede de haver entre elas *diferenças essenciais*, que lhes dão *características* próprias.

A existência de DEUS e a imortalidade do Espírito são verdades aceitas por todas, já a *reencarnação* não o é pelo catolicismo e pelo protestantismo.

O Espiritismo e a Umbanda, adotando como prática comum a *comunicação ou manifestação dos Espíritos*, já diferem do rosacruz, da teosofia, do esoterismo, que não prescrevem essas práticas.

Como veremos, não se pode, por outro lado, confundir Espiritismo e Umbanda, embora ambos aceitem a comunicação dos Espíritos e a reencarnação como pontos ou princípios básicos.

Em livro de grande valor¹, Deolindo Amorim estudou muito bem esses aspectos doutrinários, que devemos conhecer. Sua conclusão final é peremptória:

“O ESPIRITISMO É UMA DOCTRINA QUE SE BASTA A SI MESMA, SEM EMPRÉSTIMOS NEM ACRÉSCIMOS ARTIFICIAIS.”

Infelizmente, essa distinção não é feita, nem mesmo nos meios espíritas, quando não se dão ao trabalho de estudar a Doutrina, sem falar na imprensa leiga que, de propósito ou não, anuncia tudo o que ocorre nas *tendas e terreiros* como sendo Espiritismo.

Nunca é demais, portanto, esclarecer o assunto, até em pormenores, para que o adepto do Espiritismo seja coerente com os princípios da Doutrina, sem que isso sig-

(1) nifique incompreensão ou hostilidade de nossa parte, em relação aos irmãos umbandistas, cujas crenças nem por isso deixamos de respeitar. Nossa atitude tem de ser de tolerância sem conivência ou omissão.

O Espiritismo difere da Umbanda quanto à *origem*, ao *conteúdo doutrinário* e à *prática ritual*.

Quanto à *origem*, sabemos que Espiritismo (termo criado por Allan Kardec) designa uma Doutrina, recebida de vários Espíritos Superiores e *codificada* pelo mestre lionês, na França, no século passado. Essa Doutrina se caracteriza por ser um conjunto de princípios, de ordem científica, filosófica e moral, que objetiva o progresso espiritual do homem, com a implantação da fraternidade entre todas as criaturas da Terra.

O termo Umbanda, corruptela de *Mbanda*, palavra *bantu* que significa *sacerdote*, segundo Edson Carneiro, tem várias acepções e significações. É um *sincretismo* religioso, de crenças heterogêneas, incluindo folclore, superstição, credences, etc.

“A Umbanda é *prática religiosa* dos negros africanos bantos que,

juntamente com os sudaneses, foram trazidos ao Brasil como *escravos*. Existindo entre os negros bantos, segundo Nina Rodrigues e Artur Ramos, o *culto dos antepassados*, ou a *crença na existência da alma dos mortos*, os negros brasileiros *fundiram* esse culto com as *práticas do Catolicismo* e do *mediunismo*, assimilando-o ao seu ritual supersticioso, daí nascendo então o culto banto- -ameríndio da Umbanda”, conforme define João Teixeira de Paula, *in* “Estudos de Espiritismo”. (Os grifos são nossos.)

Os *bantos* habitavam o sul da África (Angola, Congo, Moçambique) e foram trazidos para o Maranhão, Pernambuco, Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo. Outros pretos escravizados vieram da África Ocidental (nagôs ou iorubanos) e foram encaminhados para a Bahia: eram mais adiantados que seus outros irmãos do continente africano.

A religião fetichista desses africanos, combinada com as crenças dos índios e influenciada pelos rituais e santos católicos², resultou, assim, na *umbanda*, considerada, com razão, um *sincretismo* (mistura) *religioso*, que difere, pela *origem*, do Espiritismo.

Com referência ao *conteúdo doutrinário*, sabemos que o Espiritismo assenta em postulados científicos, filosóficos e éticos, o que não se dá na Umbanda, que não tem *doutrina codificada*, embora seus adeptos aceitem a imortalidade da alma, a reencarnação e a lei de ação e reação (carma), como fazem os espíritas. O sentido nitidamente material do culto fetichista, a que se entregam, distancia muito os umbandistas dos espíritas, cuja doutrina tende exatamente a libertar o homem das coisas materiais, das formalidades do mundo exterior, das crendices e superstições.

Todavia, quando o umbandista começa a estudar os livros da Codificação Espírita, vai-se libertando de muitas das práticas de sua crença, porque aumenta seu discernimento das coisas espirituais e ele ultrapassa a fase evolutiva em que se encontra, por força do determinismo progressivo que orienta todas as Almas para cima e para o Alto.

Umbanda, portanto, não é Espiritismo, nem mesmo *baixo* Espiritismo, como se ouve dizer, por desconhecimento, porque *Espiritismo é um só*. É ou não é.

Quanto à *prática ritual*, a Umbanda difere essencialmente do Espiritismo, porque aquela atua no plano da natureza e este no do pensamento, pois que só o Espírito conta, realmente. Aliás, o Espiritismo não tem *ritual* de nenhuma espécie, pois não admite corpo sacerdotal hierarquizado ou não; cerimônias (batizados, casamentos e quaisquer outras) ; não se utiliza de fórmulas, invocações, ou promessas de qualquer natureza; repele a adoração de imagens, símbolos, amuletos; rejeita credices e superstições e não admite pagamento pela prestação de assistência espiritual ou de qualquer auxílio, que conceda aos necessitados.³

Em resumo: na Quimbanda há pura magia negra, sem resquício de doutrina; na Umbanda, há prática ritualista sem doutrina específica, resultado da mistura ou fusão (sincretismo) de princípios de várias religiões ou crenças, seja a dos africanos, dos índios ou do catolicismo; no Espiritismo há doutrina codificada, que se distribui, harmonicamente, em filosofia, ciência e religião.

Esta obra procura reunir ensinamentos esparsos, úteis ao espírita que, desejando estudar e conhecer, não dispõe de dinheiro e tempo para adquirir muitos livros e lê-los todos. Por isso, vamos dar aqui, resumidamente, os elementos necessários à melhor compreensão do que seja a Umbanda, o que permitirá um julgamento mais autorizado das diferenças entre ela e o Espiritismo.

A Umbanda agrupa as entidades espirituais, com que trabalha, em *7 linhas de espíritos*, ou *legiões*, divididas em *falanges*, com seus respectivos chefes:

PRIMEIRA — dos ORIXÁS (santos), cujo chefe é JESUS, que chamam de OXALÁ. Entre os iorubas havia a crença em OLORUM, divindade suprema, DEUS, que devia ter sua corte, como os reis da terra, daí nascerem os ORIXÁS, que viviam na terra, ao lado dos homens, e constituíam a corte daquela divindade.

SEGUNDA — do MAR, chefiada por IEMANJÃ, que confundem com a Virgem Maria, Nossa Senhora da Conceição, à qual se subordinam as legiões de SEREIAS (de OXUM, ou Santa Ana), de ONDINAS (de Nanã, mãe dos espíritos de Umbanda), de CABOCLAS DO MAR (chefiadas por INDAIÃ) e das CABOCLAS DO RIO (chefiadas por IARA).

TERCEIRA

QUARTA

QUINTA

SEXTA SÉTIMA

- do ORIENTE (ou da magia) chefiada por João Batista (XANGÔ AGO- Dô), que preside à astrologia, com a legião de KABALA, cujo mestre é José de Arimatéia.
- de OXOSSÍ, ou São Sebastião, chefe das matas, dos caçadores, Senhor das Florestas, com as legiões de caboclos: 7 Encruzilhadas, Rompe Mato, Jurema.
- de XANGÔ, ou São Jerônimo, santo advogado, que faz justiça, deus do raio e do trovão, com a legião de INHANÇÃ (Santa Bárbara).
- de OGUM (São Jorge, o santo guerreiro, que resolve as demandas).
- AFRICANA, chefiada por São Cipriano, com suas legiões de pretos velhos: Pai Jerônimo, de Angola, Cabinda, Pai João, Pai José, etc.

Na Quimbanda, mais atrasada, que se dedica à magia negra, há outras linhas, como a das *almas*, chefiada por OMOLU (S. Lázaro), a das *caveiras*, de *nagô*, dos *quim-bandeiros*. É o candomblé, a festa dos terreiros.

No Brasil, os pretos africanos eram jogados na lavoura e os chefes religiosos misturavam-se com os mais humildes servidores,

todos sofrendo na carne as torturas do tronco ou a chibata do feitor. Forçados a assistir aos atos religiosos católicos, foram induzidos por ignorância a trocar os símbolos de sua fé, por outros, mais sugestivos e artísticos. Em pouco, não havia solução de continuidade nas crenças, e passaram a ver nos santos católicos seus próprios *orixás*.

Coisa semelhante se deu com as crenças religiosas dos índios, com seus pajés e feiticeiros, cuja influência se fazia sentir, também, na liturgia africana. Daí o duplo sincretismo.

Os negros adotaram santos católicos que condiziam com suas crenças naturais, e assim JESUS era OXALÁ, o maior dos ORIXÁS; IEMANJÁ era Nossa Senhora, etc. Da mesma forma o demônio era EXU.

Hoje, os umbandistas justificam o uso da cachaça com o do vinho dos católicos; de defumadores com o incenso das missas; da comida dos ORIXÁS, chamada *amalá*, com a hóstia; dos *tocos* com as velas; dos *despachos* com as promessas ; dos pontos cantados com os hinos e cantorias da Igreja; dos *pontos riscados* com os símbolos cristãos; das *nunangas* (vestes especiais) com os paramentos da liturgia católica; das *mirongas* (segredos) com os mistérios e dogmas ; o dinheiro dos despachos com as taxas cobradas pela Igreja.

O *mediunismo*, ou seja, a prática da mediunidade sem disciplina, desviada quase sempre de suas verdadeiras finalidades, caracteriza as atividades da Umbanda, cujos médiuns são chamados *cavalos* e se utilizam do *marafó* (cachaça), da *marambia* (cerveja), do fumo de rolo.

Os pontos riscados são feitos com a *pemba* (giz) e cada um se refere a determinada entidade (branco, pretos- -velhos; amarelo, Oxóssi; azul, Iemanjá, etc.). Os desenhos são feitos dentro de círculos: a cruz, um coração e a âncora representam a linha de OXALÁ (JESUS) ; caboclos (índios) são representados por flechas; OGUM por espadas; EXU por punhais ou caveiras.

No simbolismo da Umbanda, flechas de *ponta para cima* indicam submissão a forças superiores, *para baixo* significam domínio e *as horizontais*, neutralidade; a cruz indica luz espiritual ; a *linha reta*,

a justiça ; a *linha curva*, a sabedoria de DEUS; o *triângulo*, a libertação; a *meia lua* é o oriente.

Babalaô ou Babalorixá é *pai de santo*, chefe na hierarquia terrena e conta com auxiliares, os *ogans* e *cam-bonos*, filhos, e as *sambas*, filhas. Médiun, quando recebe EXU, chama-se *burro*; o altar, que se enfeita de imagens, colares, como os da Igreja, é o *congá* ou *peji*. O tambor é o *atabaque* e há *amuletos*, objetos que afastam quebrantos, e *patuás*, orações costuradas em pano preto e penduradas no pescoço.

Na Umbanda visa-se à identificação da entidade comunicante, não importando muito seu conteúdo. A disciplina importa pouco. Daí, sem dúvida, o desenvolvimento mais demorado do médiun espírita, que não visa a movimentos desordenados, mas à sintonia espiritual com as entidades de luz, cujas lições deseja receber, conhecer e estudar. As entidades comunicantes agem à vontade nos terreiros e tendas, como se a disciplina não fosse a grande força reguladora da vida. O médiun espírita é controlado, buscando aprimorar seus conhecimentos, a fim de que possa obter mensagens construtivas, de elevado conteúdo moral.

Entretanto, a Umbanda satisfaz a uma faixa de irmãos ainda não preparada para vãos mais altos nas amplidões da Espiritualidade, porque, como se diz, há tempo para tudo: para plantar e para colher. Há quem assinala que a Umbanda é necessária, talvez como ponte para aquele que, saindo da claridade de sua igreja, com todo o cortejo de seus santos e seus rituais, não poderia desde logo penetrar os templos espíritas, onde apenas se cultua o espírito, como a única e verdadeira realidade. Passando pela Umbanda, onde se mistura muito das coisas materiais com alguma coisa das espirituais, eles se sentirão melhor e um dia, por evolução natural, serão adeptos esclarecidos da Terceira Revelação.

Todavia, não é possível misturar: ou somos espíritas ou somos umbandistas, cujas crenças devemos respeitar, por espírito de tolerância, nunca, porém, de conivência.

Falando de nossos irmãos africanos, cuja liberdade obtiveram pela Lei Áurea de 13 de maio de 1888, o Espírito José Inácio

Silveira da Mota, que foi senador do 2º Império e ardoroso abolicionista, assim se expressou:

“(...) a liberdade, não lhes atingiu de todo a vida espiritual, porque, ainda hoje, abertas as portas do intercâmbio entre os dois mundos, ei-los, de novo, atraídos e engodados nas múltiplas linhas do fenômeno psíquico, para contimmrem na posição de elemento servil. Abusa-se-lhes da ingenuidade, pede-se-lhes o concurso na magia deprimente, zurze-se-lhes o coração com exigências desprezíveis e suga-se-lhes o seio... Espíritas do Brasil, pregoeiros da fé renovadora, quando em contacto com os desencarnados, que ainda se ligam ao mundo africano, por força de estágio evolutivo, olvidai a paixão escravagista, deles aprendendo a abnegação e a humildade e ajudando-os, em troca, a subir para mais altas formas de educação. Manter o cativo do corpo ou da alma é falta grave, pela qual responderemos, um dia, nos tribunais celestes.” In *“Vozes do Grande Além”*. (Os destaques são nossos.)

Incumbe-nos, portanto, em nos conservando fiéis aos ensinamentos maiores, transmitidos da Espiritualidade, contidos na Doutrina Espírita, aproveitar todas as oportunidades, que tivermos, para esclarecer os irmãos ainda afeiçoados a práticas e vivências não referendadas pelo Evangelho de Jesus, sejam eles encarnados ou desencarnados.

A propósito, são oportunas estas palavras de um grande conhecedor da Doutrina Espírita:

“Já tivemos ocasião de afirmar, várias vezes, que não há outro Espiritismo senão o codificado por Allan Kardec, o que está contido em “O Livro dos Espíritos” e nas demais obras da Codificação; não há baixo nem alto Espiritismo, não há Espiritismo kardecista (ou de mesa) e Espiritismo de terreiro, e sim Espiritismo, unicamente Espiritismo.

O uso de tais expressões dará idéia de que há mais de uma doutrina espírita, o que seria absurdo, pois Espiritismo é um só, e esta palavra deve ser defendida das deturpações inconscientes ou intencionais. A palavra ESPIRITISMO, criou-a Kardec sob a assistência do Espírito da Verdade.

Quando dizemos ESPIRITISMO, dizemos — ensino dos Espíritos Superiores. Não há outro Espiritismo, e a doutrina designada por esta palavra está inteira na codificação kardequiana. E podemos concluir, como Deolindo Amorim: — “O Espiritismo é uma doutrina que se basta a si mesma, sem empréstimos nem acréscimos artificiais.”

Empunhemos, pois, esta palavra como um archote, em meio às trevas da ignorância e do erro. E não permitamos que a deturpem, porque ela é luz em nosso caminho.” — General Milton O’Reilly de Souza.

PSICOLOGIA, PARAPSICOLOGIA E ESPIRITISMO

Os fenômenos⁴ psíquicos (do grego *psyché*: alma, espírito) são objeto do estudo da PSICOLOGIA, da PARAPSICOLOGIA e da CIÊNCIA ESPIRITA; esses fenômenos têm sempre como *agente* o Espírito, seja encarnado (ALMA)⁵, seja desencarnado.

A PSICOLOGIA estuda os fenômenos psíquicos da *consciência*, ou psicológicos, normais, rotineiros, comuns, gerais, observados pelos sentidos físicos, tendo como *agente* a ALMA e regularmente conhecidos da Ciência.

A PARAPSICOLOGIA tem como objetivo os fenômenos metapsíquicos⁶, parapsicológicos, paranormais, inusitados, não comuns, produzidos por vias extra-senso-riais, não explicáveis pelas leis científicas conhecidas. O *agente* é ainda a ALMA.

O ESPIRITISMO tem como objeto o estudo dos fatos ou fenômenos mediúnicos, regidos por leis específicas, sendo *agente* o Espírito desencarnado (o finado, o defunto).

Os fenômenos estudados pela PSICOLOGIA e pela PARAPSICOLOGIA⁷ são classificados como *anímicos* (*agente*, a ALMA); os demais são chamados *espíritas* ou *espiríticos* (*agente*, o Espírito desencarnado).

A PSICOLOGIA ocupa-se, como vimos, dos fenômenos rotineiros, do *estado de consciência*, aquele pelo qual se tem ciência das realidades do mundo exterior, do corpo (somatopsíquica), do objeto

(alopsíquica), do EU (auto- psíquica).

A atividade psicológica se efetiva através dos fenômenos da INTELIGÊNCIA (poder de pensar, conhecer), da AFETIVIDADE ou SENSIBILIDADE (poder de sentir) e da ATIVIDADE (poder de agir).

Entre os primeiros, temos as sensações, as percepções, a memória, a associação de idéias, a imaginação, a abstração, a generalização, o juízo, o raciocínio, a linguagem e a atenção; os segundos compreendem as tendências, os sentimentos, as emoções, as paixões; os terceiros abrangem os atos reflexos, os instintos, os hábitos, a vontade.⁸

A METAPSÍQUICA

Charles Richet, fisiologista francês de renome, grupou e sistematizou os fenômenos *metapsíquicos*, neles incluídos os fenômenos espíritos, sob a denominação de Criptestesia Espiritica, conforme consta da obra “Tratado de Metapsíquica”, 2 tomos, Editora LAKE.

Richet apresentou, também, uma divisão histórica dos fenômenos metapsíquicos, compreendendo os períodos :

MÍTICO — das origens até Mesmer (Franz Anton), em 1776, nele incluídos os fatos paranormais e mediúnicos de que fala a História e tidos como sobrenaturais⁹ ;

MAGNÉTICO — de Mesmer às Irmãs Fox (1847), em que relata a obra dos *magnetizadores*, a começar por Mesmer, com seu célebre *baquet* e suas curas maravilhosas; o Marquês de Puységur, descobridor do *sonambulismo*, com sua *árvore magnética*; o Barão Du Potet e Lafontaine, do qual se dizia que realizava tudo quanto o Cristo fez¹⁰ ;

ESPIRÍTICO — das Irmãs Fox a William Crookes (1847-1872), que assinala fatos notáveis, a começar pelo conhecido *episódio de Hydesville*, com o primeiro diálogo travado entre um morto, o mascate Charles B. Rosma e Kate Fox, médium de 12 anos, fato esse ocorrido em 31 de março de 1848, em Rochester, Condado de Nova Iorque, nos Estados Unidos da América. Seguem-se os

fenômenos das *mesas girantes* e a Codificação da Doutrina Espírita por Allan Kardec, com sua difusão pelo mundo;

CIENTIFICO — de Crookes em diante, período que assinala o interesse dos estudiosos e dos sábios pelo Espiritismo, em todo o mundo, bem como o trabalho deveras maravilhoso dos grandes vultos da medi un idade¹¹.

Charles Richet dividiu a METAPSÍQUICA¹² em *subjetiva*, compreendendo o estudo dos fenômenos mentais, intelectuais, internos, e *objetiva*, referente aos fenômenos mecânicos, materiais, exteriores. Embora incluindo os *fenômenos espíritas* nos *metapsíquicos* (criptestesia espírita, como os chamava), Richet não aceitava totalmente seus efeitos, pois escreveu: “Se bem que a criptestesia, em todas essas experiências da Sra. Piper, seja absolutamente e irrepreensivelmente demonstrada, a *sobrevivência, na realidade, não o é*” (grifamos). Quanto à causa real dos fenômenos, argumentou: “Nas experiências espíritas, onde uma personalidade estranha parece surgir e ditar as respostas, e especialmente nos grandes médiums, como a Sra. Piper, por exemplo, a prova de criptestesia aparece como uma evidência brilhante, *sem que no entanto seja possível, com todo rigor científico, concluir pela intervenção de personalidade estranha, inteligente.*” (Obra citada; o grifo é nosso.)

A PARAPSIKOLOGIA

De 1930 para cá, alguns cientistas retomaram o estudo e a pesquisa dos fenômenos extrafísicos, criando-se a PARAPSIKOLOGIA, de que é um dos expoentes o Prof. Joseph Banks RHINE, que adotou o método estatístico associado ao cálculo das probabilidades para avaliação quantitativa de *função psi* (fenômenos paranormais). Com ele, “a experimentação parapsíquica tornou-se nitidamente de natureza psicológica e quantitativa”, afirma Hemani G. Andrade em sua “Parapsicologia Experimental”.

Pelo cálculo das probabilidades, é forçoso admitir que determinado fenômeno, julgado impossível, mas que He repete

inúmeras vezes, não é devido a simples acaso, mas sim a causas desconhecidas da Ciência e de suas leis atuais.

O termo Metapsíquica foi proposto por Charles Richet, e Parapsicologia, por Max Dessoir, firmando-se no consenso dos estudiosos depois de RHINE, da escola espiritualista americana que, segundo Jorge Ayala, da Universidade do México, segue por etapas na pesquisa dos fenômenos, primeiro provando que existem, depois mostrando que a mente não é física e finalmente atestando a sobrevivência espiritual do homem (v. J. Herculanopires, “Parapsicologia, Hoje e Amanhã”, EDICEL Editora). A escola russa, de Leonid Vasiliev, é materialista e chama a Parapsicologia de Biocomunicação; na Tchecoslováquia, temos a Psicotrônica.

Os parapsicólogos mais notáveis se recusam, na verdade, a admitir a existência de entidade extracorpórea atuando nos fenômenos *psi*, daí por que seus estudos não avançam, quando deparam com os fatos que levam à sobrevivência do Espírito (fenômenos *Psi-theta*, de *thana-* *natos*, que significa morte). Na verdade, os cientistas detestam a palavra *espírito*, e mesmo os que admitem um princípio extrafísico por trás dos fenômenos falam sempre em *mente*.

A Parapsicologia também classifica os fenômenos *paranormais* em SUBJETIVOS e OBJETIVOS, pelos efeitos e não pela causa (agente). Os fenômenos *subjetivos* são designados pelas letras gregas *Psi-gama* e RHINE os chama de ESP (percepção extrasensorial, do inglês *extrasensory perception*) e os *objetivos* são crismados pelas letras gregas *Psi-kapa*.

Os fenômenos comprovados pela Parapsicologia são os seguintes:

SUBJETIVOS (Psi-gama ou ESP) — Telepatia, clarividência, clariaudiência e cognição; OBJETIVOS (ou Psi-kapa) — Psicocinesia.

Telepatia é a comunicação direta, sem quaisquer intermediários, de uma para outra mente¹³. Segundo alguns autores, admitem-se várias formas de *telepatia*: adivinhação do pensamento de alguém, que não participa da experiência; transmissão do pensamento, quando duas pessoas participam, transmitindo e captando; quando

se influi na mente alheia (ST — sugestão telepática) e quando se exerce domínio sobre a mesma (HT — hipnose telepática)¹⁴.

CLARIVIDÊNCIA é a percepção direta, sem uso dos sentidos físicos normais, de fatos e fenômenos do meio ambiente, qualquer que seja a distância. Consiste na propriedade de ver através de corpos opacos: leitura de textos encerrados em envelopes fechados; visão a distância de cenas que se passam fora do alcance da visão normal¹⁵. Fenômeno análogo, de audição, constitui a clariaudiência.

COGNIÇÃO: conhecimento de fatos já acontecidos ou por acontecer, sem qualquer informação normal, prévia, direta ou indireta, dos mesmos fatos. Diz-se *pós-cognição* quando se trata de fatos que já se deram e *pré-cognição*, para os futuros.

PSICOCINESIA ou TELECINESIA ■— ação direta da mente sobre os objetos físicos.

Adotam-se, na prática, as siglas PT, do inglês *pure telepathy*, PC, do inglês *pure clairvoyance*, e PCg, *prccognition*, da mesma língua, indicando os fenômenos de telepatia, clarividência e precognição, estabelecidas de maneira inequívoca.

PARAPSIKOLOGIA E ESPIRITISMO

Diz J. Herculano Pires, em “Parapsicologia, Hoje e Amanhã”, que “os domínios da Parapsicologia são um *enclave* no vasto império do Espiritismo”, com isto querendo dizer, e com razão, que os fatos ontem objetos das pesquisas metapsíquicas, hoje, das parapsicológicas, são de pleno conhecimento da Doutrina, cujas fronteiras excedem, de muito, o “pequeno território autônomo” dos cientistas, que rejeitam, como vimos, qualquer contacto entre as duas áreas de estudo dos fenômenos psíquicos.

Para os espíritas, cientes do que a Doutrina representa, como síntese do conhecimento do Espírito imortal, a Parapsicologia não incomoda e a animosidade entre os dois campos do saber humano se dissipa, a ponto de haver parapsicólogos espíritas. Assim, “A parapsicologia é hoje a nova porta que se abre para o mundo espiritual, no seio da própria ciência materialista”, como afirma J. Herculano Pires, que acrescenta: “Tanto a Parapsicologia quanto o

Espiritismo objetivam exclusivamente a descoberta da verdade sobre a natureza humana” (obra citada). E acrescentamos: uma, alicerçada nos mecanismos e exigências das Ciências positivas, o outro, alimentado nos princípios da Ciência espiritual. Mas o objetivo é comum.

O Espiritismo, na verdade, estuda os fenômenos psíquicos como um todo, enquanto a Parapsicologia se restringe a um grupo de fenômenos anímicos, cuja natureza, por outro lado, se esforça em considerar como puramente física ou extrafísica, mas não espiritual. Daí o desprezo que os cientistas votam ao Espiritismo, desprezo (ou medo?) que os leva a recuar em suas pesquisas, quando se trata de admitir os fenômenos *Psi-theta*.

Na verdade, as descobertas parapsicológicas nada mais fazem que confirmar os ensinamentos espíritas, de maior amplitude de horizontes.

Joseph Banks Rhine, o eminente parapsicólogo americano, não titubeou em escrever, em “O Alcance da Mente”: “O que a Parapsicologia descobriu a respeito do homem afeta mais diretamente a religião. É possível trasladar, sem grande dificuldade, a maior parte dos dogmas principais da religião em problemas experimentais de parapsicologia.”

Na verdade, define-se a questão, de modo conclusivo, com as palavras, em resumo, de um grande líder espírita — Deolindo Amorim, cujas dissertações sempre aprofundam o pensamento da Doutrina, no que ele tem de mais válido e genuíno. Em entrevista intitulada ENTRE O ESPIRITISMO E A PARAPSIKOLOGIA, FICO COM O ESPIRITISMO (v. “Mundo Espírita” de dezembro de 1979), ele esclarece categoricamente:

- 1) não ter a menor dúvida em justificar sua posição “(...) porque o Espiritismo é uma doutrina sólida, coerente em todos os sentidos e que responde a todas as inquirições acerca da origem e do destino do ser humano” e “(...) porque o Espiritismo abrange toda a fenomenologia atualmente estudada no campo da Parapsicologia, apesar da diferença de nomenclatura”; “(...) apenas a Parapsicologia criou um vocabulário próprio e adotou

siglas especiais” ;

2) que a Parapsicologia não trouxe novidade, pois “a literatura parapsicológica inovou apenas em relação aos nomes, não em relação à natureza dos fenômenos. Ela tem os seus esquemas, seus contextos, etc., mas está trabalhando no mesmo terreno em que já trabalhou a investigação científica. Quem, portanto, já estudou o Espiritismo, demoradamente, quem já tem experiência no campo mediúnico por certo não se empolga nem tampouco fica deslumbrado com algumas notícias realmente relevantes, a respeito de ação telepática, desdobramento, psicometria e assim por diante”;

3) não haver atrito ou incompatibilidade entre a Parapsicologia e o Espiritismo, porque “são duas áreas diferentes, mas nem por isso rivais”. Sabe que “alguns parapsicólogos ou estudiosos da Parapsicologia negam os fatos mediúnicos mas que também

“(…) muitos elementos vinculados à Parapsicologia se inclinam para a aceitação do princípio básico da independência do espírito”, conhecendo “(…) espíritas de afirmações públicas que também participam de estudos parapsicológicos, tomam parte em cursos, congressos e debates, mas não negam a sua condição de espíritas”. “É falsa”, diz, “a impressão do iniciante ou neófito (...) de que a Parapsicologia resolve tudo e já superou o Espiritismo”, porque “as teses espíritas continuam de pé, a mensagem essencial do Espiritismo não perdeu a consistência, pois a Doutrina Espírita não se esvaziou, mas continua sendo a grande fonte, nos momentos mais decisivos” ;

4) que o Espiritismo não está deslocado nem precisa adaptar-se a esquemas convencionais, pois “(…) tem a sua estrutura, suas concepções, sua terminologia”, esclarecendo que “(…) a Doutrina Espírita é tão ampla, tão lúcida, tão rica de conteúdo filosófico que nos permite dialogar e confrontar experiências livremente com quaisquer movimentos”.

“Ponhamos, agora, o tema Espiritismo e Parapsicologia nos devidos termos.” E acrescenta Deolindo Amorim: “Tenho para mim que a Parapsicologia é uma disciplina científica, não é um

corpo de Doutrina. Sem intenção doutrinária ou sem preocupações especificamente filosóficas, a investigação parapsicológica está abrindo uma perspectiva nova, até certo ponto, dentro da área em que ela vem trabalhando. Poderíamos, nós espíritas, em sã consciência, minimizar a significação desses resultados? Sensatamente, não. *O que está errado, muito errado, como já se disse diversas vezes, é o fato de, vez por outra, se pretender colocar a Parapsicologia acima do Espiritismo, como se houvesse realmente superação.*” (O grifo é nosso.)

DEVE ESTUDAR-SE O ESPIRITISMO?

O conhecimento adquire-se, normalmente, pelo estudo, que é o esforço metódico para aprender. Ninguém aprende, portanto, seja o que for, não estudando o assunto. Para ser médico, é preciso estudar Medicina, um dos ramos da Ciência. O Espiritismo é uma ciência complexa, a ciência da alma. E mais do que ciência, é uma Doutrina, alicerçada em princípios filosóficos e ético-morais. Portanto, para conhecer a Doutrina Espírita é preciso estudá-la, e muito.

Por isso mesmo, no meio espírita mais responsável, muita ênfase se vem dando à necessidade do estudo do Espiritismo, porque, infelizmente, muitos de seus adeptos, até mesmo os médiuns, não o conhecem, mesmo em seus fundamentos e princípios gerais.

A pesquisa tem demonstrado que as sessões mediúnicas são muito procuradas, enquanto as de estudo doutrinário transcorrem vazias ou com frequência mínima. Os próprios dirigentes de Centros, em muitos casos, não leram Kardec ou misturam preceitos doutrinários os mais diversos, como se se tratasse de Espiritismo.

Há necessidade de uma educação em moldes espíritas e o estudo se inclui nela, para que possa ser integral e contínua. Eis o que pensa a respeito Deolindo Amorim, capacitado exegeta da Doutrina:

“E afinal, que é educação, segundo a Doutrina Espírita? Não é apenas instruir, não é simplesmente inculcar hábitos externos, é *transformar o homem*, dando-lhe uma concepção de vida

fundamentada na supremacia do espírito e dos valores morais.”

“A educação, segundo a Doutrina Espírita, é finalista, porque visa a um *fim*. E se assim não fosse, naturalmente não teria sentido prático e cairia no formalismo. Mas o fim da educação, em termos espíritas, não é simplesmente imediato ou profissional. O *fim*, neste caso, é abranger o *horriem real em sua totalidade*, isto é, corpo e espírito, tendo em vista a vida atual e a vida futura. *Já se vê*, portanto, que é um finalismo superior.”¹⁶

Eis a lição do CODIFICADOR:¹⁷

“A verdadeira Doutrina Espírita está no ensinamento dado pelos Espíritos, e os conhecimentos que esse ensinamento encerra são muito sérios para serem adquiridos por outro modo que não por um *estudo profundo e continuado*, feito no silêncio e no recolhimento.” (Grifamos.)

Seu pensamento melhor se expressa, todavia, quando, em “Obras Póstumas” (21ª edição, FEB), fala da necessidade de “um curso regular de Espiritismo... com o fim de desenvolver os princípios da Ciência e difundir o gosto pelos estudos sérios”, curso que “teria a vantagem de fundar a unidade de princípios, de fazer adeptos esclarecidos, capazes de espalhar as idéias espíritas e desenvolver grande número de médiuns”.

Em “O Livro dos Médiuns”, Cap. I, ' 14, 7”, Allan Kardec afirma, peremptório:

“A explicação dos fatos admitidos pelo Espiritismo, de suas causas e suas conseqüências morais, constitui toda uma Ciência e toda uma Filosofia que exigem estudo sério, perseverante e aprofundado.”

Nós, espíritos tão imperfeitos ainda, tão avessos ao estudo e à meditação, tão apegados aos atrativos da vida mundana, meditemos sobre esses conselhos e possamos segui-los, como meio capaz de assegurar o progresso moral e a libertação dos erros, da ignorância e da superstição, porque, como disse Jesus, somente assim conheceremos a verdade, capaz, realmente, de nos tornar livres.

Ouçamos, por último, os queridos guias da Espiritualidade, a

respeito:

“A auto-iluminação é filha do esclarecimento intelectual. O convite ao estudo, em Espiritismo, não pode, desse modo, ser desconsiderado.”¹⁸

De Emmanuel citamos estas sínteses magistrais:

“Recorda que, em Doutrina Espírita, é preciso estudar e aprender, entender e explicar.”

“O sábio não poderá tomar uma criança para confidente, embora a criança invariavelmente detenha tesouros de pureza e simplicidade que o sábio desconhece.”

Há mais de um século o Espírito da VERDADE nos mostrava a rota verdadeira:

“Espíritas,
amai-vos, este o primeiro ensinamento; instruí- -vos, este o segundo.”

Instrução e educação são processos inalienáveis de aperfeiçoamento moral do Homem, pela cultura e pela integração na Humanidade. Educar para a vida futura é o papel preponderante do Espiritismo.

PRIMEIRA PARTE Notícias Históricas

AS REVELAÇÕES E O PROGRESSO ESPIRITUAL DO HOMEM

REVELAR significa tirar o véu, mostrar, tornar conhecido o que é secreto, mas todo conhecimento deve ser progressivo e ajustado às mentalidades a que se destina.

De fato, as leis divinas são reveladas às criaturas humanas de acordo com seu grau de entendimento e capacidade de apreensão das verdades que encerram. O selvagem não entenderia por que não deve matar, se a isso o aconselhássemos.

Periodicamente, a Espiritualidade Maior revela aos Homens os

princípios que nortearão suas vidas no caminho do bem, embora nem todos os aceitem ou deles se apercebam. Isso porque têm livre-arbítrio na escolha. Entretanto, esse cabedal de conhecimentos ético-morais forma, paulatinamente, a estrutura da individualidade, ou seja, de cada Espírito, despojando-o de todos os vícios e defeitos que constituem sua bagagem de erros do passado.

As *revelações*¹⁹ deram-se em épocas variadas, e povos, os mais diversos, as receberam, através do ensino de profetas inspirados, de instrutores espirituais capacitados. A vivência e a prática desses ensinamentos promovem a evolução espiritual das criaturas, imperfeitas, mas perfectíveis em si mesmas.

Allan Kardec estuda em “A Gênese” as revelações dirigidas à civilização cristã, ou seja, a de Moisés e a de Jesus, comparando-as com a dos Espíritos.

A REVELAÇÃO DE MOISÉS

O povo hebreu destaca-se por seus numerosos profetas, dos quais um foi Moisés, e dos mais notáveis. A *Revelação moisaica* é individual e sobressai pela herança que nos legou do Decálogo, do Deus único e da fortificação da fé, mas nos apresenta a divindade sob a forma de um ser vingativo, cruel, guerreiro, temido e parcial, próprio de uma época em que somente pela ameaça de castigo físico, de represálias, seria possível conseguir ordem, obediência, submissão. “As leis moisaicas, propriamente ditas, revestiam, pois, um caráter essencialmente transitório.” — Allan Kardec, em “O Evangelho segundo o Espiritismo”.

A REVELAÇÃO DE JESUS

A *revelação cristã* desvendou-nos a vida futura, e o Deus de Jesus é todo bondade e amor, o Pai misericordioso e justo, não o Senhor inclemente e cruel. Todavia, seu ensino foi incompleto, como ele mesmo nos advertiu:

“Tenho ainda muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora.” (*João*, 16:12.)

Seu Evangelho é o mais perfeito Código de conduta moral que se

conhece, mas os ensinamentos que deixou estavam, muitas vezes, *velados*, principalmente nas *parábolas*, pois ainda era cedo para seu conhecimento integral.

A REVELAÇÃO ESPIRITA

No século passado novos ensinamentos foram trazidos à Humanidade e continuam sendo ampliados, para conhecimento de todos. Completaram os de Jesus, pois os tempos são chegados. Foram ditados pelos Espíritos e constituem o Espiritismo, o Consolador prometido pelo Mestre.

O caráter essencial da Revelação Espírita é a *verdade*, pois nos mostra a existência de outro mundo, mais real que o nosso, de suas leis morais rigorosas, explicando-nos a origem e a natureza dos seres que o habitam, os Espíritos, que nada mais são, aliás, que as almas dos Homens que desencarnaram.

As Revelações moisaica e cristã são individuais, a Espírita é *coletiva*, porque oriunda do ensino coincidente de muitos Espíritos, ministrado ao mesmo tempo em muitos lugares e por vários intermediários (médiuns).

A Revelação Espírita é, assim, *divina* (proveniente dos Espíritos de Deus) e *científica*, pois resultou, também, da experimentação, da observação e do trabalho do homem e se baseia em *fatos*, ou seja, na Ciência, cujos métodos adota.

É também *universal*, pois o ensino do Cristo se destina a todos os povos, e *progressiva*, porque não teme a Ciência e suas descobertas, mas nelas se alicerça, complementando-as com esclarecimentos de outra ordem, nem por isso menos importantes.

A verdade é que, antes do Espiritismo, o homem formulava hipóteses sobre a vida futura, hoje tem certeza dela, conhece muito de seu mecanismo e funcionamento e aceita e compreende, pela reencarnação, a justiça e a bondade de Deus.

O ensino de Allan Kardec, o extraordinário Codificador da Doutrina Espírita, exposto em “A Gênese”, referente às Três Revelações e que constitui excelente estudo de suas características, mostra que a moisaica é *despótica* (impunha-se pela força e pelo

medo), a cristã é *conselheira* (Jesus mostrava sempre a necessidade de obediência às leis de Deus), sendo ambas, entretanto, parte de um todo em processo de esclarecimento progressivo.

Quanto à revelação espírita, demonstra ele que ela é *científica* (adapta-se às pesquisas e métodos da Ciência em busca do conhecimento, Ciência que ela, por sua vez, ilumina e esclarece) e *filosófica* (ditada diretamente pelos Espíritos do Senhor, seus Mensageiros e intérpretes)²⁰, e, ainda, *coletiva* (originada do ensino de muitos Espíritos) e *universal* (porque os ensinamentos dos Espíritos foram colhidos de muitas fontes, em muitos lugares, mostrando-se sempre concordantes).²¹

PRIMÓRDIOS DO ESPIRITISMO

Antes de Allan Kardec publicar “O Livro dos Espíritos” aos 18 de abril de 1857, com o qual surgia no mundo a Doutrina Espírita, dois acontecimentos se deram, da maior importância, preparatórios do advento do ESPIRITISMO: os “fenômenos de Hydesville” e os das “Mesas Girantes”.

O EPISÓDIO DE HYDESVILLE

Hydesville, vilarejo situado próximo da cidade de Rochester, no condado de Wayne, no Estado de Nova Iorque, nos Estados Unidos, passou à História como o berço do Novo Espiritualismo, ou seja, o Espiritismo dos povos de língua inglesa.

Numa tosca cabana residia uma família protestante composta de John Fox," sua mulher Margareth e as filhas menores Margareth e Catherine (Kate), cabana na qual moraram, antes deles, os esposos Bell e sua criada Lu- crécia Pelves.

Nessa modesta residência se verificaram fatos estranhos, que alarmaram seus moradores e toda a vizinhança : ruídos, pancadas, batidas, punham todos em desassossego. Ninguém descobria sua origem.

As filhas do casal Fox, Margareth e Kate e ainda a mais velha, Lia, casada, eram médiuns. Kate, de 11 anos, no dia 31 de março de 1848, quando as pancadas (em inglês chamadas *raps*) se

tornaram mais persistentes e fortes, resolveu desafiar o mistério, travando-se um diálogo com o que todos julgavam fosse o diabo:

— “Senhor Pé-rachado, faça o que eu faço, batendo palmas.”

Imediatamente se ouviram pancadas, em número igual ao das palmas. A Sra. Margareth, animada, disse, por sua vez:

— “Agora faça exatamente como eu. Conte um, dois, três, quatro.”

Logo se fizeram ouvir as pancadas correspondentes.

— “É um espírito?”, perguntou, em seguida. “Se for, dê duas batidas.”

A resposta, afirmativa, não se fez esperar.

— “Se for um espírito assassinado, dê duas batidas. Foi assassinado nesta casa?”

Dois pancadas estrepitosas se fizeram ouvir.

Estabeleceram-se assim, naquele memorável *31 de março de 1818*, a telegrafia espiritual e hoje, em Lily Dale, no Estado de Nova Iorque, a tosca cabana é admirada como relíquia histórica e uma placa assinala a data considerada a do nascimento do Novo Espiritualismo.

Um vizinho dos Fox, de nome Duesler, usando o alfabeto para obter respostas mais rápidas, conseguiu saber o nome do assassino (o Sr. Bell), o móvel do crime (roubo do dinheiro e coisas do assassinado, um mascate, Charles B. Rosma ou Joseph Ryan), o local (o quarto leste da casa), a data (havia 5 anos, à meia-noite de uma terça- -feira) e o modo como se dera o crime (a golpes de faca de açougueiro, na garganta, sendo o corpo levado para a adega).

Graças ao depoimento de Lucrecia Pelves, criada dos Bell, Davi Fox e outros desceram à adega, onde cavaram, encontrando tábuas, alcatrão, cal e cabelos humanos, bem como utensílios do mascate. Seu corpo, todavia, só apareceu em 1904 (56 anos depois), quando uma parede da casa ruiu, assustando crianças que brincavam perto e deixando a descoberto o esqueleto do morto, inclusive uma lata, de seu uso, hoje ainda guardada em Hydesville.

Assim, os fatos vieram confirmar a estranha denúncia de um morto, que saía das trevas para relatar a ação criminosa de que fora vítima, havia anos.

Entretanto, é preciso considerar o episódio em suas verdadeiras finalidades, porque inúmeros crimes semelhantes se dão e nem por isso as vítimas os denunciam, de modo semelhante. Nem a finalidade da comunicação era a punição do culpado (que disso se encarregam, sempre, as leis divinas), porque à pergunta sobre se o assassino podia ser punido pela lei, se podia ser levado ao Tribunal, nenhuma resposta foi dada.

“É para unir a humanidade e convencer as mentes céticas da imortalidade da alma”, disseram os Espíritos; era de fato o início de um movimento de caráter quase universal, tendente a despertar a Humanidade para a vida espiritual, que seria revelada, pouco depois, pela Codificação da Doutrina Espírita, tarefa gigantesca a ser realizada pelo grande missionário Allan. Kardec.

“Era como uma nuvem psíquica, descendo do alto e mostrando-se nas pessoas suscetíveis”, escreve A. Conan Doyle, em sua “História do Espiritismo”, porquanto os fatos insólitos²², os *raps*, produzidos pelos Espíritos batedores, se multiplicavam, despertando consciências através de mensagens apropriadas.

Grande número de adeptos das novas crenças fizeram realizar em Rochester, na Sala Coríntia (Corinthian Hall) a primeira reunião pública, para exame e debate dos fatos, nomeando-se comissões para investigar sua veracidade. Nada menos de três tiveram de os confirmar.

Figuras notáveis dos Estados Unidos reconheceram a autenticidade dos fenômenos, que honestamente não podiam negar : o Governador Tallmadge e o Juiz Edmonds, cuja filha Laura se tornou depois médium notável de xenoglossia (mediunidade poliglota).

Entretanto, a reação das trevas foi grande, graças, sobretudo, ao meio intolerante em que se davam os fenômenos, numa sociedade de protestantes e numa época de obscuridade. As irmãs Fox, certa vez, quase foram linchadas no teatro, que tiveram de deixar às escondidas.

Muito sofreram os médiuns, por meio dos quais, como sabemos, realizam-se os fenômenos e as irmãs Fox não constituiriam

exceção.

Contudo, diz o Prof. José Jorge, no opúsculo “Dos *raps* de Hydesville até Allan Kardec” :

“Cumpro consignar aqui a envergadura moral do casal Fox que, contrariados e perseguidos pela Igreja Metodista a que pertenciam, preferiram de lá ser expulsos, a negar os fenômenos espíritas, ou a abdicar da verdade de que foram testemunhas.”

Como queriam os Espíritos, o acontecimento²³ repercutiria na Europa, despertando as consciências e, ao lado dos fenômenos das “Mesas Girantes”, prepararia o advento do ESPIRITISMO.

AS “MESAS GIRANTES”

Mesas de vários tipos e tamanhos (de preferência pequenas) levantavam um pé, movimentavam-se subindo, dançando; ditavam mensagens; compunham música; pairavam no ar, sem qualquer apoio.

Eram as chamadas “mesas girantes” (*tables-mouvant*, *tischrüken*, *tables mouvantes*, *tables tournantes*), que invadiram vários países (Estados Unidos, onde foram precedidas pelo conhecido “episódio de Hydesville”, Canadá, França, Alemanha, Itália, Inglaterra, Brasil), despertando as consciências adormecidas no comodismo de religiões paternalistas ou narcotizadas pelos enleios do materialismo grosseiro, das vidas sem perspectivas espirituais definidas.

Emma Hardinge, em sua “History of Modern American Spiritualism”, relata que “as mesas não se limitavam a levantar-se sobre um pé para responder às perguntas que se faziam, moviam-se em todos os sentidos, giravam sob os dedos dos experimentadores, às vezes se elevavam no ar, sem que se descobrissem as forças que as tinham suspenso”.

Muitos anos depois outro notável pesquisador psíquico assim se referia aos fenômenos das “mesas girantes”:

“Paris inteira assistia, atônita e estarrecida, a esse turbilhão feérico de fenômenos imprevistos que, para a maioria, só alucinadas imaginações poderiam criar, mas que a realidade

impunha aos mais céticos e frívolos.” — Dr. Antônio J. Freire, “Da Evolução do Espiritismo”, 1959.

Nos anos de 1853 a 1855 as “mesas girantes” constituíram, aparentemente, um passatempo para animar a frivolidade dos salões e a curiosidade das massas, mas atendiam, em verdade, a uma determinação do Alto, despertando consciências para a revelação concreta da imortalidade da alma e para o recebimento do Consolador, prometido por Jesus há muitos séculos e consubstanciado no Espiritismo, que logo seria ditado a Kardec, pois os tempos eram chegados.

Para tirar os homens do torpor espiritual em que viviam, para que se preparassem para receber uma nova Revelação era preciso, em verdade, que ocorressem fenômenos capazes de lhes provocar o medo, o assombro, a maior curiosidade. E assim foi. O fato de objetos inanimados, as mesinhas pés-de-galo²⁴, o mocho (banco de piano), as cestinhas, movimentarem-se sozinhos em todos os sentidos, girando, dançando, ditando mensagens, dando respostas inteligentes, compondo músicas, provocou tremenda celeuma em todas as classes sociais, cada qual procurando uma solução para ele, de acordo, é natural, com seus conhecimentos, ideologias religiosas e princípios filosóficos.

A ciência acadêmica simplesmente negava os fenômenos, de cima de sua imensa sabedoria, como aliás já fizera, antes, com outros fatos, também incontestáveis; entretanto, muitos de seus membros, vindo a estudá-los, honestamente lhes proclamaram a veracidade.

A Igreja, convencional, não os podendo negar, simplesmente, os atribuía ao demônio, como ainda hoje continua fazendo, por comodismo. Isso não impedia, entretanto, que o Padre Ventura de Raulica²⁵, o mais ilustre representante da teologia e filosofia católicas do Século XIX, da França, chamasse os fenômenos de “o maior acontecimento do século”.

Os fenômenos das “mesas girantes” eram produzidos, como sabemos, por Espíritos e a maior lição que deles podemos tirar é a da imortalidade da alma e a da comunicação, que sempre houve,

entre os encarnados e os desencarnados.

Entretanto, muitas explicações foram criadas para eles, algumas infantis, ou risíveis²⁶, mas Kardec escreveu, em “O Livro dos Médiuns”: “Como quer que seja, as mesas girantes representarão sempre o ponto de partida da Doutrina Espírita.”

1) Tem razão Carlos Luiz Chiesa, espírita da Argentina, quando estabelece, em três, as etapas da Terceira Revelação²⁷, consistindo a 1ª exatamente no desenrolar dos fenômenos de ordem física, capazes de despertar os homens para as coisas do Espírito e de lhes patentear a sobrevivência da alma, que os anima. Os “raps” produzidos por intermédio de Kate Fox, em Hydesville, e “os fenômenos das mesas girantes”, ocorridos em muitas partes do mundo, mas principalmente em Paris, na França, atingiram, em cheio, sua finalidade.

A 2ª etapa viria, logo depois, com a Codificação da Doutrina Espírita, graças ao missionário Allan Kardec, tarefa gigantesca que desempenhou, a contento, em virtude de seu bom senso, sua cultura humanística, sua moral elevada.

(23) ”

A 3ª agora se desenvolve, de estudo e complementação da obra de Kardec e, sobretudo, de aplicação dos postulados evangélicos na obra de redenção da Humanidade, atendendo-se aos postulados supremos da Doutrina, de TRABALHO, SOLIDARIEDADE E TOLERÂNCIA, sem nos esquecermos, todavia, de que “Fora da caridade não há salvação”.

ALLAN KARDEC, O CODIFICADOR DO ESPIRITISMO

Aos 50 anos, o Professor Hippolyte Léon Denizard Rivail era, na França, um nome respeitado nas letras, no ensino e na filosofia ; metódico, trabalhador infatigável, dotado de grande senso de responsabilidade, o Professor Hippolyte portava qualidades intelectuais e morais que o credenciavam para a grande tarefa que, em breve, iria desempenhar.

Dele disse André Moreil que, “ao término de longa atividade e experiência pedagógica, estava preparado para a outra tarefa, a fundação científica do Espiritismo” (“Vida e Obra de Allan Kardec”).

De fato, tomara-se um homem universal e, numa vida de estudo e esforços contínuos, exercitara “a paciência, a abnegação, o trabalho, a observação, a força de vontade e o amor às boas causas, a fim de melhor poder desempenhar a gloriosa missão que lhe estava reservada”, como judiciosamente assevera “Reformador”, de fevereiro de 1969.

Em 1853, as “mesas girantes” revolucionavam a Europa, mormente a França; os fenômenos, de fato extraordinários, atraíam a atenção de todos, embora muitos os considerassem pura tolice ou simplesmente uma fraude.

O Professor Rivail era um estudioso dos fenômenos magnéticos e relata como encarou, a princípio, os fatos maravilhosos :

“Foi em 1854 que ouvi falar, pela primeira vez, das mesas girantes. Encontrando-me com o Sr. Fortier, magnetizador que há muito conhecia, disse-me ele:

Sabeis que se acaba de descobrir no magnetismo uma singular propriedade? Parece que não são somente as pessoas que se magnetizam, mas também as mesas giram e andam, à nossa vontade.

— É, com efeito, singular, respondi: mas isso não me parece rigorosamente impossível. O fluido magnético, espécie de eletricidade, pode muito bem atuar sobre os corpos inertes e fazê-los mover-se.”

Pelo visto, o Prof. Rivail admitia os fenômenos, que julgava possíveis por força do magnetismo. Tempos depois, encontrou-se de novo com Fortier, que lhe diz, entusiasmado :

— “É extraordinário. As mesas não só se movem, nem andam apenas, porém, também falam (...).

— “Isso é outra questão, respondi. Só acreditarei se vir ou me provarem que a mesa tem cérebro para pensar, nervos para sentir e que pode tornar-se sonâmbula. Até lá, permita-me que considere isso uma história fabulosa.”

Em 1855, o futuro Codificador encontra o Sr. Car- lotti, que lhe relata coisas assombrosas, devidas à ação dos Espíritos, o que o deixa em maior dúvida ainda. Contudo, quando o amigo se despede e lhe diz: “Um dia serás dos nossos!”, o Professor Rivail responde:

— “Não digo que não, veremos mais tarde.”

Era, em verdade, o homem cauteloso, o verdadeiro sábio, sem preconceitos, que primeiro observa e examina, experimenta e comprova, para então admitir ou recusar, em definitivo.

Em maio desse ano, em companhia de Fortier, vai à casa de uma sonâmbula, a Sra. Rogers, onde encontra o Sr. Pâtier, Madame Plainemaison e outros, que lhe contam muitos fatos, com convicção e serenidade. A convite de Pâtier assiste a sessões em casa de Madame Plainemaison e presencia então os fenômenos de que ouvira falar:

— “Foi ali que, pela primeira vez, testemunhei o fenômeno das mesas que giravam, pulavam e corriam, em condições tais que dúvida alguma era possível.”

Depois, freqüentou a casa da família Baudin, onde Caroline e Julie, as duas meninas, recebiam mensagens com o auxílio da cesta-de-bico e da cesta-pião, que levaram Kardec a encarar com muita seriedade o estudo dos fenômenos, nos quais pressentia algo de extraordinário. Enfim, convencera-se, mesmo, de que eram produzidos por Espíritos.

Observador arguto, o Professor Hippolyte logo deduziu que, sendo os Espíritos as almas dos homens, que deixaram a Terra pela morte, não tinham senão os conhecimentos, os vícios e as virtudes aqui demonstrados, pelo que só podiam, em suas mensagens, falar e esclarecer, de acordo com seu grau de progresso intelectual e moral. Por isso, não aceitava nada sem passar pelo crivo da lógica e do bom senso:

— “Vi logo que cada Espírito, segundo sua posição e conhecimentos, me patenteava um aspecto daquele mundo” (o espiritual).
“Procedi com os espíritos como teria feito com os homens; considerei-os, desde o menor até o maior, como elementos de instrução e não como reveladores predestinados.”

O futuro Codificador já recebera muitas mensagens (50 cadernos),

obtidas pela médium Senhorita Japhet, do Grupo do Victorien Sardou (dramaturgo), que lera com atenção, passando a revisá-las em casa do Sr. Rostan, onde se realizavam reuniões de estudo, recebendo, então, esclarecimentos dos Espíritos consultados. Valeu-se de muitos médiuns, a fim de obter esclarecimentos de várias fontes.

As comunicações, lidas e examinadas com atenção, espírito crítico e a acuidade intelectual de que era dotado, permitiram ao Professor Rivail convencer-se, em definitivo, da existência do mundo invisível dos Espíritos, convicção que ele assim explicaria depois:

— “Essa crença apóia-se em raciocínios e fatos. Eu próprio não a adotei antes de tê-la examinado demoradamente. Tendo adquirido, no estudo das ciências exatas, hábitos positivistas, sondei, esquadrinhei essa nova ciência em seus mais íntimos refolhos ; quis dar-me conta de tudo, porque nunca aceito uma idéia sem conhecer o porquê e o como.” (“O que é o Espiritismo”, Cap. I, *Oposição da Ciência.*)

Mantém conversações com seu guia, o Espírito da Verdade; ouve, dentre outros, Hahnemann, o genial criador da Homeopatia, desencarnado em 1843, e recebe, do Espírito Zéfiro, a mensagem que revela ter sido ele, nas Gálias (hoje, França), um sacerdote druida, com o nome de Allan Kardec, patronímico que adota como pseudônimo. Publica, então, em 18 de abril de 1857, “O Livro dos Espíritos”, com o qual surge no mundo o ESPIRITISMO.

Ano por ano, dos que lhe restam viver, e não seriam muitos, Allan Kardec trabalha, metodicamente, na propagação da Doutrina e na elaboração das obras que deveriam complementar a já publicada.

Em 1858, edita a “Revue Spirite” (“Revista Espírita”), o primeiro órgão espírita da França, e cuja existência ele assim justificou:

“Não se pode contestar a utilidade de um órgão especial, que mantenha o público a par desta nova ciência e o premuna contra os exageros, tanto da credulidade excessiva, como do ceticismo. É essa lacuna que nos propusemos preencher com a publicação desta revista, no intuito de oferecer um veículo de comunicação a todos

aqueles que se interessam por essas questões e de vincular por um laço comum aqueles que compreendem a Doutrina Espírita sob seu verdadeiro ponto de vista moral, ou seja, a prática do bem e da caridade evangélica para com o próximo.”

Ainda em 1858, funda a Sociétés Parisienne des Études Spiritistes, que muitos serviços prestou à nascente Doutrina espiritualista.

No dia 15 de janeiro de 1861, lança “O Livro dos Médiuns”, que comprova o caráter científico do Espiritismo e cuja publicação levanta o Catolicismo e seus simpatizantes contra o Autor, as idéias e os fatos que expõe, como também a Ciência, que se mostra hostil. A primeira obra situara o assunto no mundo das idéias, do debate filosófico ; nesta eram contrariados, com fatos, sistemas religiosos e científicos tradicionais, baseados em dogmas e no materialismo dominante.

Kardec teme pela direção do movimento espírita, se vier a falecer, mas os Espíritos o tranquilizam : outros trabalhadores continuarão a tarefa interrompida.

Em 1861, a Inquisição espanhola faz queimar, em Barcelona, 300 livros espíritas, apesar dos protestos de Kardec. Numa sessão mediúnica, o Bispo de Barcelona, autor do auto-de-fé, transmite, através do médium, a seguinte declaração:

— “Está escrito: tu queimaste as idéias e as idéias te queimarão.”

— “Rogai por mim”, acrescentou, “rogai, porque é agradável a Deus a oração do perseguido pelo perseguidor. Fala o que foi Bispo e hoje não é mais que penitente.”

Em 1862, Kardec visita correligionários em Lyon e Bordeaux, em propaganda da Doutrina.

1864 assinala a publicação de “Imitação do Evangelho segundo o Espiritismo”, depois chamado de “O Evangelho segundo o Espiritismo”, e, em 1865, vem à luz “O Céu e o Inferno”. Ainda nesse ano, com a Doutrina impondo-se, como verdadeira fonte de bênçãos espirituais, Kardec elabora o “Relatório da Caixa do Espiritismo”, apresentado à Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, no qual esclarece o problema dos proventos que retira de suas obras e que servia para o ataque de adversários menos escrupulosos. Kardec se refere, então (v. “Obras Póstumas”), à

acusação de um padre, de que ele estava riquíssimo à custa da Doutrina, pois recebia a contribuição de milhares de adeptos, mostrando que tudo não passava de simples calúnia. (V. “Revista Espírita”, de junho de 1862 e de junho de 1863.

Em 1868 é publicada “A Gênese”, com a qual completa a CODIFICAÇÃO da DOCTRINA ESPIRITA, e o nome de Allan Kardec passa a figurar no “Novo Dicionário Universal”, de Lachâtre, como filósofo.

Deve-se a Allan Kardec a Codificação²⁸ do Espiritismo, Doutrina Espírita ou dos Espíritos, isto é, a reunião de seus princípios básicos e de suas normas gerais em livros (códigos), de acordo com as respostas e explicações dadas pelos Espíritos às numerosas indagações que lhes foram feitas.

Allan Kardec é o pseudônimo adotado pelo eminente pedagogo francês Hippolyte Léon Denizard Rivail, por ter sido, segundo Zéfiro²⁹, esse o seu nome como sacerdote entre os druidas, nas Gálias, em encarnação passada.

Seus pais foram o Juiz de Direito Jean Baptiste Antoine Rivail e Jeanne Duhamel. Hippolyte Léon nasceu às 19 horas do dia 3 de outubro de 1804, na Rua Sala, 76, em Lyon; casou-se em 6 de fevereiro de 1832, com a Professora Amélie Gabrielle Boudet, que não lhe deu filhos e a ele sobreviveu. Desencarnou Hippolyte Léon em 31 de março de 1869, aos 65 anos incompletos.

Teve educação esmerada, como aluno do renomado Pestalozzi (João Henrique), notável educador nascido em Zurique, na Suíça, e do qual foi também colaborador na direção da escola instalada em Yverdon, onde imperavam os ideais de liberdade e fraternidade, ambiente em que, segundo Henri Sausse, biógrafo de Kardec, “se desenvolveram as idéias que deviam torná-lo mais tarde observador atento e metuculoso e pensador prudente e profundo”.

Possuía vasta cultura humanística e conhecia o alemão, o inglês, o italiano, o grego, o latim, todavia não foi médico, como às vezes se ouve dizer e que é contestado por vários biógrafos, entre eles André Moreil, autor de “Vida e Obra de Allan Kardec”.

Grande amigo da infância, para ela escreveu numerosas obras,

referentes a línguas, matemática, ciências naturais, adotadas oficialmente em escolas e Universidades :

- 1) — Curso Prático e Teórico de Aritmética, segundo o Método de Pestalozzi, com modificações, dois tomos (1824);
- 2) — Plano proposto para a melhoria da educação pública, que assina como “discípulo de Pestalozzi” e em que expõe processos pedagógicos avançados (1828) ;
- 3) — “Qual o sistema de estudos mais em harmonia com as necessidades da época?”, memória sobre estudos clássicos, premiada pela Academia Real das Ciências, de Arrás (1831);
- 4) — Gramática francesa clássica (1831) ;
- 5) — Manual dos exames para os certificados de habilitação: soluções racionais das perguntas e dos problemas de Aritmética e de Geometria (1846) ;
- 6) — Catecismo gramatical da língua francesa (1848);
- 7) — Programa dos cursos ordinários de Química, Física, Astronomia e Fisiologia (1849) ;
- 8) — Ditados normais (pontos) para os exames na Municipalidade (Hôtel-de-Ville) e na Sorbonne (1849), obra escrita com a colaboração de Lévi-Alvarès.

Escreveu ainda “Questionário gramatical, literário e filosófico”, em colaboração com Lévi-Alvarès, segundo informa André Moreil.

O Professor Hippolyte fundou também o “Instituto Rivail”, na Rue de Sèvres, 35, onde adotou os métodos de Pestalozzi, vendo-se, porém, obrigado a fechá-lo por causa de um tio, que lhe causara grandes prejuízos. É então que se dedica à tradução de livros, à organização de escritas de firmas, à composição de obras, sem desanimar com o revés sofrido.

Em 31 de março de 1869, entre 11 e 12 horas, quando fazia preparativos para mudar-se, ao atender um caixeiro de livraria, cai fulminado por um aneurisma e desencarna.

Estava cumprida, e muito bem, a missão; podia o missionário regressar.

Como todos os que trazem mensagens novas aos seus pósteros, abalando, outrossim, as estruturas sociais e religiosas de seu tempo, Allan Kardec passou, também, por muitas amarguras,

sofreu ataques soezes e foi incompreendido até mesmo por companheiros de ideal. Aliás, disso já tinha sido avisado pelos guias espirituais.

Hoje, analisado com imparcialidade e julgado sem paixão, seu vulto se agiganta e aparece com todas as nobres qualidades de que era portador: bravura, senso de responsabilidade, humildade, capacidade de trabalho e organização, imenso cabedal de conhecimentos, bom senso e serenidade.

A missão que desempenhou na Terra, com tanto devotamento, é dessas que constituem as magnas epopéias humanas, as quais, sem dúvida, definem as grandes eras da Humanidade: Kardec inaugurou a mais importante delas, a Era do Espírito.

Deolindo Amorim sintetizou, melhor do que ninguém, a herança do Codificador à Humanidade : “A glória de Allan Kardec, glória espiritual, sem auréolas humanas, permanece inabalável, porque é uma glória sem crepúsculo, uma glória que se nutre da riqueza do espírito e não se confinou nas limitações históricas. E, por isso mesmo, ele é hoje um sol que ilumina a humanidade pelos clarões do espírito!” (“Allan Kardec”, edição do “Instituto Maria”).

Lista dos principais diplomas obtidos pelo Prof. Rivail, durante sua carreira de educador:

- 1 — Diploma de fundador da Sociedade de Previdência dos Diretores de Colégios e Internatos de Paris (1829).
- 2 — Diploma da Sociedade para a Instrução Elementar (1847). Secretário Geral: H. Carnot.
- 3 — Diploma do Instituto de Línguas, fundado em 1837. Presidente: Conde Lapeletier d'Aunay.
- 4 — Diploma da Sociedade das Ciências Naturais de França (1835) Presidente: Geoffroy Saint-Hilaire.
- 5 — Diploma da Sociedade de Educação Nacional, constituída pelos diretores de colégios e de internatos de França.
- 6 — Diploma da Sociedade Gramatical, fundada em Paris, em 1795, por Urbain Domergue (1829).
- 7 — Diploma da Sociedade de Emulação e de Agricultura do Departamento do Ain (1828). Rivail fora designado para expor e apresentar em França o método de Pestalozzi.
- 8 — Diploma do Instituto Histórico, fundado em 24 de dezembro de 1833 e organizado a 6 de abril de 1834. Presidente: Michaud, membro da Academia Francesa.
- 9 — Diploma da Sociedade Francesa de Estatística Universal, fundada, em Paris, em

22 de novembro de 1829, por César Moreau.

10 — Diploma da Sociedade de Incentivo à Indústria Nacional, fundada por Jomard, membro do Instituto.

11 — Medalha de ouro, 1º prêmio, conferida pela Sociedade Real de Arràs, no concurso realizado em 1831, sobre educação e ensino.

OBS.: A respeito de Kardec e sua obra muito se tem escrito. Para orientação dos leitores, que assim o desejem, indicamos alguns artigos, que consideramos de grande valia para o conhecimento da vida maravilhosa do Codificador:

“Em Homenagem a Kardec” — “Reformador” de fevereiro de 1969 (ao ensejo da emissão do selo postal comemorativo do I Centenário de Desencarnação de Allan Kardec).

— “A Obra de Kardec e Kardec diante da Obra”, de Hermínio C. Miranda, publicado em “Reformador” de março de 1972.

LÉON DENIS, O CONSOLIDADOR

Diz o Prof. J. Herculano Pires, no prefácio do livro “Vida e Obra de Léon Denis”, de Gastão Luce (Edicel, SP) :

“Léon Denis foi o consolidador do Espiritismo. Não foi apenas o substituto e continuador de Allan Kardec, como geralmente se pensa. Denis tinha uma missão quase tão grandiosa quanto a do Codificador. Cabia-lhe desenvolver os estudos doutrinários, continuar as pesquisas mediúnicas, impulsionar o movimento espírita na França e no Mundo, aprofundar o aspecto moral da Doutrina e sobretudo consolidá-la nas primeiras décadas do Século.”

“Nessa nova Bíblia (o Espiritismo) o papel de Kardec é o de sábio e o papel de Denis é o de filósofo.”³⁰

Léon Denis foi cognominado o Apóstolo do Espiritismo e, pela magnífica atuação desenvolvida, pela palavra escrita e falada, em favor da novel Doutrina, foi, também, o seu Consolidador. O “filósofo do Espiritismo”, de acentuadas qualidades morais, dedicou toda uma longa vida à defesa dos postulados que Kardec nos transmitira nos livros do pentateuco espírita.

O aspecto moral (religioso) da Doutrina, os princípios superiores da Vida, a instrução, a família mereceram dele cuidados extremos e, por isso mesmo, sua vida maravilhosa, de provações, exemplo de trabalho, perseverança e fé, é um roteiro de luz para os espíritas, diremos mais, para os homens de bem de todos os tempos.

Em palavras de confiança e fé, ele mesmo resumiu assim a

missão que viera desempenhar em favor de uma nobre causa:

“Consagrei esta existência ao serviço de uma grande causa, o Espiritismo ou Espiritualismo moderno, que será certamente a crença universal, a religião do futuro.”

Léon Denis nasceu em 1º de janeiro de 1846, em Foug, na Lorena francesa, e desencarnou em Tours, em 12 de abril de 1927, com 81 anos incompletos. Seus pais foram a senhora Anne-Lucie e o mestre de pedreiro e ferroviário Joseph Denis.

De porte médio, espadaúdo, com muita força de vontade e serena energia, Denis era grande trabalhador, de memória incomparável e se tornou observador sagaz e culto, pelas muitas viagens que realizou. Era sóbrio, leal e apaixonado pela causa que abraçara e que defendeu com sacrifício, honra e dignidade.

Ao contrário de Allan Kardec, não possuía recursos; autodidata, seus estudos não tiveram continuidade, ordem nem orientação mais segura, o que não impediu se tornasse orador e escritor primoroso.

Cursou as primeiras letras em Estrasburgo, mas interrompe os estudos para ajudar o pai, funcionário da Casa da Moeda; retoma-os em Bordéus, mas de novo os abandona para auxiliar o genitor, que agora serve na estrada de ferro de Moux; depois, em Tours, onde trabalha carregando cerâmica, e estuda de noite.

Dedica-se ao Desenho, à Geografia e à Contabilidade ; preocupado com as questões filosóficas e religiosas, estuda com grande interesse a História e as Ciências Sociais, conhecimentos que aprofunda graças às numerosas viagens que faz pela França, Itália, Suíça, Espanha, Inglaterra e África (Tunísia).

Por tudo isso, por seu continuado esforço em prol do autoburilamento e seu desejo de servir, levando a verdade espírita ao povo, tomou-se orador notável e conferencista de grande mérito.

Seu encontro com o Espiritismo se deu cedo, aos 18 anos de idade, quando compra e lê, entusiasmado, “O Livro dos Espíritos”, que lhe apresenta, segundo afirma (ver “Revue Spirite”, jan. 1923), “uma solução clara, completa, lógica, do problema universal”.

Denis serviu, como tenente, na guerra de 1870, desastrosa para

a França, e, convidado para a vida política recusou, como também não se casou, pois entendia que seu tempo devia ser todo dedicado à Doutrina, à sua missão, da qual os amigos espirituais lhe falavam sempre :

“Coragem, amigo”, diz-lhe Jeanne, “contigo estaremos toda a vida para te apoiar e te inspirar. Nunca estarás sozinho. Em tempo oportuno serás provido dos meios necessários para cumprir tua obra.”

“Vai, meu filho, pela estrada aberta diante de ti; caminho atrás de ti, para te sustentar” — diz seu guia, Jerônimo de Praga.³¹

Denis encontrou-se algumas vezes com Allan Kardec e, como bom médium vidente e psicógrafo, recebia mensagens de Sorella (Joana d’Arc), do Espírito Azul e de Jerônimo de Praga.

Ê como conferencista que inicia seu trabalho em prol da Doutrina. Orientado pelos mestres invisíveis e guias amigos (Durand, Sorella, que ele descobre ser Joana d’Arc, cuja vida reabilitou em livro notável), Denis pronuncia as primeiras conferências sobre o Patriotismo e o Materialismo e outra, referente ao Espiritualismo. Fala de temas diversos: A Educação, O Progresso.

Referentemente à Doutrina Espírita, pronuncia conferências que logo demonstram seu profundo conhecimento da matéria, seu estilo vivo e atraente: O Espiritismo perante a Ciência, O Espiritismo perante a Razão, O Espiritismo no Mundo e a Idéia de Deus, em número de 14, O Espiritismo através das Idades, Missão do Século XX e numerosas outras.

Além de “Tunis e a Ilha da Sardenha”, lembranças de viagens (1880), dos romances “O Médico de Catânia”, e “Giovanna”, Denis produziu inúmeras obras, de grande valor doutrinário, de estilo cuidadoso e primoroso:

- 1) — “O Progresso” (conferências) ;
- 2) — “O Porquê da Vida” (1885), exposição dos problemas da existência e das consolações aos aflitos e perseguidos ;
- 3) — “Depois da Morte”, uma demonstração da filosofia dos Espíritos, de suas bases científicas e de suas conseqüências

morais, de grande repercussão nos meios espíritas ;

4) — “Cristianismo e Espiritismo” (1889), estudo da Doutrina de Jesus em face dos preceitos do Espiritismo, livro que provocou muitas críticas de católicos e protestantes, embora escrito em linguagem elevada e sem qualquer preconceito religioso;

5) — “No Invisível” (1903), obra de estudo e orientação da mediunidade (Espiritismo experimental), cuja prática se tomara intensa, mas desordenada:

“Constituía uma explanação da questão espírita no começo do novo século, sendo também obra de vulgarização e de defesa.” — Gastão Luce, “Vida e Obra de Léon Denis”.

6) — “O Problema do Ser, do Destino e da Dor”, páginas profundas, de ciência e filosofia, acessíveis, todavia, a todas as inteligências;

7) — “A Verdade sobre Joana d’Arc” (1912), aprofundado estudo sobre a heroína francesa, sua mediunidade, seu retrato físico e moral, sua vida e missão memoráveis, obra publicada pela FEB, sob o título de “Joana d’Arc” (Médium) ;

8) — “O Grande Enigma”, obra dedicada aos problemas de Deus, da Natureza, das reencarnações ;

9) — “Resposta de um velho espírita a um doutor em letras, de Lyon”, opúsculo de refutação às objeções da Ciência, e “O Mundo Invisível e a Guerra” (1919), coletânea de artigos sobre a hecatombe de 1914.

Não foi somente como fecundo escritor espírita, de ensino seguro e análise profunda, que Denis honrou a gloriosa missão que lhe fora confiada. A tarefa de consolidação da nascente doutrina, que se iria impor como ciência e filosofia de grande influência na evolução espiritual da Humanidade, ele a realizou com sua atuação marcante e desassombro com que defendeu e viu vitoriosos os princípios cardiais do Espiritismo nos inúmeros Congressos Espiritualistas Mundiais, de que participou:

1) — Congresso Espiritualista Internacional de 1889, realizado no mês de setembro, em Paris, onde Denis, que ainda não havia escrito seus notáveis livros doutrinários, mas já era orador de fama, defendeu o postulado do Deus único e a tese kardecista contra a idéia panteísta, expressa no discurso do Sr. Lermina,

Presidente do conclave, que, aliás, reunia teósofos, rosa-cruzes, swedenborguistas, ocultistas, estes representados pelo famoso Dr. Papus (Gerardo Encausse), jornalistas como Eugène Nus, o filósofo Charles Fauvety, etc.;

- 2) — Congresso Internacional de 1900, realizado também em Paris, no mês de setembro, e do qual Léon Denis foi nomeado Presidente efetivo, ficando Victorien Sardou, Russel Wallace e Aksakof, grandes figuras do movimento espírita, como Presidentes honorários. A Secretaria coube ao ocultista Papus. Nesse movimentado conclave, Léon Denis, já consumado orador e escritor, tomou atitudes de grande importância para a Doutrina Espírita, vendo vitoriosos seus pontos de vista: caracterizou, especificamente, o Espiritismo, como elemento de transformação e progresso da Ciência e das Religiões em sua marcha evolutiva; defendeu e explanou, com riqueza de argumentação e citações históricas, a tese reencarnacionista, a que opunha objeções o Dr. Moutin, presidente da Sociedade Francesa para o Estudo dos Fenômenos Psíquicos; defendeu os aspectos filosófico-religiosos do Espiritismo, que um grupo queria fosse apenas científico e afirmou, com ênfase, a crença inamovível na existência de Deus, que muitos congressistas rejeitavam, pretendendo eliminá-la mesmo dos debates;
- 3) — Congresso de Liège, na Bélgica, realizado em 1905, cuja presidência de honra coube a Denis, que pugnou por reuniões mais constantes dos adeptos da Doutrina e expôs o que entendia como principal meta do Espiritismo: “A obra magnífica do Espiritismo consistirá em aproximar os homens, as nações, as raças, em formar os corações e em desenvolver as consciências. Mas, para isso, são necessários o trabalho, a perseverança, o espírito de dedicação e de sacrifício”;
- 4) — Congresso Espírita Universal de Bruxelas, realizado de 14 a 18 de maio de 1910, ao qual Denis compareceu como delegado da França e do Brasil e onde conseguiu fosse aprovada proposta sobre o controle da mediunidade e dos médiuns, em virtude de fraudes constantes, verificadas com sensitivos profissionais, o que abalava o prestígio da Doutrina. Foi, então, que pronunciou

notável conferência sobre a Missão do Século XX, aos 64 anos de idade;

- 5) — Congresso de Genebra (II Congresso Espírita Universal), realizado em 1913, em maio, do qual participaram Denis e Gabriel Delanne, sob a presidência de Piguet, e onde Denis relata, com satisfação, que a Ciência já abre concessões ao Espiritismo, cujas idéias penetram a sociedade para melhorá-la. Coube-lhe, ainda, defender, contra o pensamento do advogado francês, Sr. Phillipe, o aspecto religioso da Doutrina e debater, com o brilhantismo de sempre, a questão da “escola para médiuns”;
- 6) — III Congresso Espírita Internacional, realizado em 1925, em Paris, de que foi Presidente, aos 80 anos de idade, embora não o quisesse, mas no que aquiesceu a pedido, sobretudo, de Jerônimo de Praga, seu guia espiritual, e Joana d’Arc, que lhe deram novas forças³². Conviveu, então, com vultos notáveis do Espiritismo, como Jean Meyer, Arthur Conan Doyle, Oliver Lodge, Dr. Maxwell, e outros, discorrendo, no conclave, sobre assunto momentoso: “focalizar o caráter científico do Espiritismo Experimental, bem como o alcance moral e social da Doutrina Espírita no desenvolvimento da fraternidade humana”.

Estava finda a missão de Léon Denis, que dela podia se orgulhar, tal como o irmão de ideais, Allan Kardec, este codificando, aquele consolidando a Doutrina Espírita, sementeira de luz que já ilumina os caminhos dos milênios futuros, que a Humanidade terrena irá trilhar.

SÍNTESE HISTÓRIA DO ESPIRITISMO NO BRASIL

NOTICIA DAS MESAS GIRANTES

14 — 06 — 1853 — O “Jornal do Commercio”, do Rio de Janeiro, publica pela *primeira vez* matéria enviada pelo Dr. José da Gama e Castro, seu correspondente em Berlim, comentando os fenômenos das *mesas girantes*.

30 — 06 — 1853 — O mesmo jornal descreve, sob o título de “A

Rotação Elétrica”, os fenômenos que empolgavam Paris, depois de terem feito o mesmo nos Estados Unidos, México, Londres, Viena e Berlim.

02 — 07 — 1853 — O “Diário de Pernambuco”, editado no Recife, noticia os fenômenos, o que continua a fazer em outras edições, de 7, 10, 11,13 de julho e 12 de agosto.

15 — 07 — 1853 — “O Cearense” publica, em Fortaleza, a primeira notícia dos fatos empolgantes, prosseguindo no relato nas edições de 26 de julho e 2 de agosto, nesta transcrevendo trechos de jornais europeus, como o “Correio de Lião”, da França.

19 — 05 — 1854 — “O Cearense”, falando da comunicação dos Espíritos pelas mesas, arremata: “A evocação se faz por intermédio de um *iluminado*, a quem se dá o nome de médium.”

A OBRA PIONEIRA DE LUÍS OLÍMPIO TELES DE MENEZES

LUÍS OLÍMPIO TELES DE MENEZES nasceu na cidade do Salvador, na Bahia, aos 26 de julho de 1825. Foi professor primário, hábil este- nógrafo, funcionário da Assembléia Legislativa de sua terra natal e Oficial da Biblioteca Pública da Bahia, a primeira da América do Sul.

Falava o inglês, o francês, o castelhano e o latim. Pertenceu, como tantos ilustres brasileiros, à Guarda Nacional, que prestou relevantes serviços ao País, tendo atingido o posto de Tenente-Coronel.

Escreveu no “Diário da Bahia” e no “Jornal da Bahia” e fez parte do periódico “A Época Literária”, como seu principal redator, onde estampou artigos notáveis de cultura geral e fez publicar o romance “Os Dois Rivais”.

Pertenceu ao Instituto Histórico da Bahia, do qual foi tesoureiro. Conviveu com notáveis figuras da vida pública baiana, no ramo da política, das artes, da literatura, das ciências e da educação.

Vindo para o Rio de Janeiro, ingressou logo depois, em 1879, no corpo de taquígrafos do Senado, tendo publicado, em 1885, o

“Manual de Estenografia Brasiliense”, obra reveladora de seus grandes conhecimentos do assunto. Paupérrimo, com família grande, desencarnou aos 16 de março de 1893, com 68 anos de idade, em sua residência da Rua Barão de São Félix, 165, sobrado.

Foi sepultado no Cemitério de São Francisco Xavier.

Sua vida foi uma constante luta em prol do bem público, luta em que demonstrava grande força de vontade e sadio idealismo, porque sempre o animaram objetivos elevados: o bem e o progresso das criaturas humanas.

Coroou sua existência fecunda e admirável com as realizações espíritas, de que foi autêntico, perseverante e denodado *pioneiro*, missão desempenhada com valor e fé in-quebrantável, denodo e desprendimento.

09 1865 — Instala, nesta data, o Grupo Familiar do Espiritismo, o *primeiro* \ *Centro Espírita do Brasil*, e, às 20h30m, preside a uma sessão me-diúnica, onde se recebe a primeira página psicografada, assinada por “Anjo de Deus”.

1866 Luís Olímpio Teles de Menezes publica o opúsculo “O Espiritismo — Introdução ao Estudo da Doutrina Espiritíica”, páginas extraídas e traduzidas de “O Livro dos Espíritos”. A obra contém um prefácio de sua lavra, de afirmação de sua fé na Doutrina. Escreve, também, uma Carta aberta defendendo o Espiritismo de ataques desfechados em Pastoral de D. Manuel Joaquim da Silveira, Arcebispo da Bahia e Primaz do Brasil, e nela afirma seu autor: “O Espiritismo tem de passar por provas rudes, e nelas Deus reconhecerá seus verdadeiros servos por sua: coragem, sua firmeza e suaperseverança. Os que se ausentam por um simples temor, ou por uma decepção, assemelham-se a soldados que somente são corajosos em tempo de paz, mas que, ao primeiro tiro, abandonam as armas.”

Julho — 1869 — Para melhor defender e propagar o Espiritismo, duramente atacado pelo clero e imprensa de Salvador (“Bahia Ilustrada”), Luís Olímpio Teles de Menezes publica “O Écho D’Além-Tumulo” — Monitor D’O SPIRITISMO N-0 BRAZIL, o *primeiro jornal espírita do Brasil*. Com 56 páginas, o jornal

circulava em várias partes do Brasil e em capitais estrangeiras (Londres, Paris, Madrid, Nova Iorque), defendia o abolicionismo e, segundo seu fundador, conforme afirma na Introdução escrita para o primeiro número, nascia “para registrar todos os fatos que tiverem lugar em nossas reuniões, feitas unicamente no interesse de sermos úteis a nossos irmãos em Jesus-Cristo, e para que os homens em geral, revestindo-se de boa-vontade, e procurando despojar de si o espírito de controvérsia, de divisão, de egoísmo e de vaidade, possam encontrar um meio seguro de observação e de estudo”. “Revue Spirite”, de outubro de 1869, registrou o aparecimento do periódico espírita, elogiando-o.

28 — 11 — 1873 — Os componentes do Grupo Familiar do Espiritismo, a fim de evitar os efeitos da intolerância religiosa da época, constituem-se em sociedade científica, sob o título de Associação Espírita Brasileira” regida pelos Estatutos do Grupo. Luís Olímpio Teles de Menezes foi seu primeiro presidente.³³

O ESPIRITISMO NO RIO DE JANEIRO

02 — 08 — 1873 — Funda-se na Capital do Império, por inspiração do Espírito Ismael, a Sociedade de Estudos Espíritos — Grupo Confúcio, sob a direção dos Drs. Francisco de Siqueira Dias Sobrinho, Presidente; Antônio da Silva Neto, vice, eleito Presidente um ano depois; Joaquim Carlos Travassos, Secretário Geral ; Casimiro Lieutaud, Tesoureiro; Bittencourt Sampaio e outros.

09 — 10 — 1873 — É aprovado o regulamento do Grupo, que dizia ter a sociedade “por fim o estudo dos fenômenos relativos às manifestações espíriticas, bem como o de suas aplicações às ciências morais, históricas e psicológicas”, pelo que devia seguir os princípios e as formalidades expostos em “O Livro dos Espíritos” e em “O Livro dos Médiuns”.

Sua divisa era: “Sem caridade não há salvação; sem caridade não há verdadeiro espírita.”

O Grupo Confúcio recebeu mensagens de seu patrono e de Ismael,

que se revelou o *diretor espiritual do Brasil*-, receita-se a homeopatia, e eram aplicados passes.

01 — 01 — 1875 — O Grupo Confúcio lança a “Revista Espírita” (Publicação mensal de Estudos Psicológicos), nos moldes da “Revue Spirite”, de Allan Kardec, redigida e dirigida pelo Dr. Antonio da Silva Neto.

Era o segundo periódico espírita do Brasil e o *primeiro do Rio de Janeiro*, Capital do Império.

A “Revista Espírita” publicou notáveis artigos doutrinários e de refutação aos inimigos da Doutrina, duramente atacada pelo “Jornal do Commercio”, nos anos de 1874/ 1875, que tachava o Espiritismo de “epidemia mais perigosa que a febre amarela”, verdadeira fábrica de doidos.

O Grupo Confúcio manteve contacto, por intermédio da “Revista Espírita”, com o Sr. Leymarie, de Paris, que dirigia a Sociedade para a continuação das obras espíritas de Allan Kardec.

Ainda nesse mesmo ano, o Grupo Confúcio faz publicar, *em primeira tradução no Brasil*, a cargo de Fortúnio, pseudônimo de Joaquim Carlos Travassos, várias obras de Kardec: “O Livro dos Espíritos”, “O Livro dos Médiuns”, “O Céu e o Inferno”, “O Evangelho segundo o Espiritismo”. A editora B. L. Garnier foi muito criticada por isso. Também em 1875 Adolfo Bezerra de Menezes lê, pela primeira vez, “O Livro dos Espíritos”, que lhe fora oferecido por Joaquim Carlos Travassos, seu *primeiro tradutor em língua portuguesa*.

23 — 03 — 1876 — A conselho do Guia Ismael, funda-se a Sociedade de Estudos Espíritas Deus, Cristo e Caridade, sob a orientação de Bittencourt Sampaio e, em 1878, também de Antônio Luís Sayão. Durante algum tempo foram realizados trabalhos de grande valor.

20 — 05 — 1877 — Um grupo de dissidentes da Sociedade de Estudos Espíritas Deus, Cristo e Caridade funda a Congregação Espírita Anjo Ismael.

08 — 06 — 1878 — Outros componentes da mesma Sociedade reúnem-se no Grupo Espírita Caridade. Essas instituições, bem

como o Grupo Confúcio, desaparecem em 1879.

03 — 10 — 1879 — A Sociedade de Estudos Espíritas Deus, Cristo e Caridade passa a denominar-se Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade, atendendo à vontade do grupo dos *cientificistas*, contrários ao caráter religioso da Doutrina. O fato foi assim comentado por Pedro Richard, no “Reformador” de 15-9-1901: “Como se Deus, Cristo e Caridade pudessem ser acadêmicos, colegas de pobres pecadores ignorantes.” A Sociedade foi instalada na Praça da República, 54 (antiga Praça da Aclamação), sendo eleitos e empossados seus diretores, dentre os quais os Drs. Siqueira Dias, Lima e Cime e Antônio Pinheiro Guedes. Entretanto, é preciso considerar que muitos benefícios prestou à Doutrina, difundindo-a e defendendo-a de soezes ataques de seus tradicionais inimigos.

21 — 03 — 1880 — Desgostoso com a situação criada na Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade, um grupo de dissidentes, entre os quais estavam Bittencourt Sampaio, Antônio Luís Sayão e o grande médium Frederico Júnior, funda o Grupo Espírita Fraternidade, com sede na Rua da América, e presidido por João Gonçalves do Nascimento, notável médium curador.

15 — 07 — 1880 — Antônio Luís Sayão que tentara, sem êxito, recompor a antiga Sociedade de Estudos Espíritas Deus, Cristo e Caridade, funda, com Frederico Júnior, João Gonçalves do Nascimento, Bittencourt Sampaio e outros, o Grupo dos Humildes, mais conhecido como Grupo do Sayão, que, numa primeira fase, durante perto de um ano, realizou proveitosas reuniões.

Mais tarde vem a se chamar “Grupo Ismael” e se integra na Federação Espírita Brasileira, onde existe até hoje e cuja história completa se pode ler em “Reformador” de agosto de 1973.

Ainda em 1880 Augusto Elias da Silva, futuro fundador da Federação Espírita Brasileira e do “Reformador”, lança a União dos Espíritas do Brasil, a que preside.

Aliás, com relação ao ano de 1880, comenta Pedro Richard (ver “Reformador”, novembro de 1973, pág. 342) : “Por essa época

ocorreu um fato bem significativo: Os espíritas, ou -por discordância de idéias, ou por criminosa pretensão, criaram considerável número de grupos, cujos membros, em sua maioria, desconheciam os preceitos mais rudimentares da Doutrina. Qualquer espírita formava um grupo, só para satisfazer a vaidade de dar-lhe por título um nome que ele venerava. De grupos produtivos apenas se contavam alguns, em número por demais reduzido.

apenas se contavam alguns, em número por demais reduzido.”

- 1881 — É lançado o Grupo Espírita Humildade e Fraternidade, com apoio de Francisco Raimundo Ewerton Quadros, que será, anos mais tarde, o *primeiro presidente* da Federação Espírita Brasileira e um dos seus fundadores.

1881 — A data assinala a perseguição oficial ao Espiritismo. Diários cariocas (“O Cruzeiro” e “Jornal do Comercio”) anunciam a ordem policial que proibia o funcionamento da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade e dos Centros filiados. Os Diretores da Sociedade dirigem- -Se ao Ministro da Justiça, que lhes afirma não consentir na perseguição.

1881 — A Sociedade é intimada oficialmente a suspender suas reuniões, havendo a Diretoria expedido ofícios ao Chefe de Polícia e ao Ministro da Justiça, tendo aquele recebido ainda uma Comissão de Espíritas, de que faziam parte Antonio Pinheiro Guedes, Lima e Cime e Joaquim Carlos Travassos, para exposição dos fatos e sustação das medidas policiais.

1881 — O Imperador D. Pedro II recebe uma comissão de espíritas, que lhe entrega documento com minuciosa exposição dos fatos e o pedido de que se faça justiça. O Imperador, na ocasião, disse que não consentiria em perseguições.

1881 — A mesma comissão volta ao Imperador, que repete a promessa de que os espíritas não seriam perseguidos, mas que não quisessem passar por mártires... A ordem policial não foi expressamente revogada, embora também não tivesse prosseguimento, lembrando uma espada de Dâmocles...”

Essa *primeira perseguição policial contra o Espiritismo* levou muitos adeptos, nesse mesmo ano, a fundar o Grupo Espírita Vinte

e Oito de Agosto.

06 — 09 — 1881 — Realiza-se o Primeiro Congresso Espírita do Brasil, com a finalidade de reunir e orientar as entidades espíritas.

03 — 10 — 1881 — Na Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade é criado, pelo Prof. Afonso Angeli Torteroli, o Centro da União Espírita do Brasil, fruto do aludido Primeiro Congresso.

10 — 01 — 1882 — A Diretoria da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade dirige ofício ao Imperador, manifestando seu júbilo pelo clima de liberdade em que os espíritas exercitavam suas atividades.

8 — 08 — 1882 — Nesta data, que recorda o início da perseguição policial ao Espiritismo, ocorrida no ano anterior, foi realizada a Primeira Exposição Espírita do Brasil, instalada na Rua da Alfândega, 120, sobrado, sede da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade, fundada, como vimos, em 3 de outubro de 1879 e que organizara programa comemorativo intitulado Festa do Espiritismo no Brasil.

Foi, também, lançado o jornal “O Renovador”, pelo Major Salustiano José Monteiro de Barros e Afonso Angeli Torteroli, este, fundador e presidente da Sociedade. A Exposição, aberta ao público até 3 de setembro, foi muito visitada e expunha trabalhos mediúnicos variados (psicografias em caracteres normais, taquigráficos e telegráficos, em línguas estrangeiras, até orientais, desenhos), a correspondência da Sociedade com associações espíritas estrangeiras, jornais e revistas espíritas da Europa e America, obras espíritas, retratos de vultos do Espiritismo de vários países e, também, livros e jornais contrários à Doutrina.

01 — 1883 — Augusto Elias da Silva, fotógrafo português radicado no Brasil, alma voltada para as finalidades maiores da Vida, lança, com seus próprios recursos, o “Reformador”, órgão evolucionista”, com oficinas e redação na Rua da Carioca (então S. Francisco de Assis), 120, sobrado, atelier e residência daquele inesquecível vulto do Espiritismo no Brasil. A direção intelectual da publicação ficou a

cargo do Major Francisco Raimundo Ewerton Quadros. “Reformador” era quinzenal, tinha quatro páginas e teve sua tesouraria e secretaria instaladas, depois, na Rua do Clube Ginástico (hoje Silva Jardim) nº 17, depois 25.

Assinala Zêus Wantuil, em sua obra “Grandes Espíritas do Brasil”, que “fundar e conservar um órgão de propaganda espírita, na Corte do Brasil, era, naquela época, de forma a entibiar o ânimo dos espíritas mais resolutos. Todas as baterias do Catolicismo estavam assestadas „ contra o Espiritismo. Dos púlpitos brasileiros, principalmente dos da Capital, choviam anátemas sobre os espíritas, os novos herejes que cumpria abater”.

“Elias da Silva, porém, era de vontade tenaz e inquebrantável, e não seriam as dificuldades, de toda ordem, as oposições sectaristas e os sarcasmos de todos os lados que o desencorajariam no empreendimento que lhe dominou o cérebro.”

3 1883 — “Reformador”, recém-fundado, publica um número especial dedicado a Allan Kardec, que, segundo Augusto Elias da Silva, “simboliza o alicerce do edifício moral e social, que será erguido pela confraternização humana”.

12 1883 Augusto Elias da Silva promove, em sua casa da Rua da Carioca, 120, sobrado, reunião preparatória de rearticulação do Espiritismo, pois havia muita incompreensão entre os componentes das entidades espíritas existentes : o Grupo dos Humildes, a Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade, o Centro da União Espírita do Brasil e o Grupo Espírita Fraternidade. Da histórica reunião participaram 12 pessoas, como a lembrar o número dos Apóstolos: Augusto Elias da Silva, Francisco Raimundo Ewerton Quadros, Manuel Fernandes Figueira, João Francisco da Silveira Pinto, Maria Balbina da Conceição Batista, Matilde Elias da Silva, Luis Móllica, Elvira P. Móllica, José Agostinho Marques Porto, Francisco Antônio Xavier Pinheiro, Manoel Estêvão de Amorim e Quádrio Léo, modesto operário, o último do grupo a desencarnar, em 8 de junho de 1928.

Foi, então, aclamada uma Diretoria provisória até o dia 2, quarta-feira, quando seria oficializada a fundação da nova Casa.

1884 — É eleita e empossada a *primeira diretoria* da FEDERAÇÃO ESPIRITA BRASILEIRA que, funcionando na Rua da Carioca, 120, sobrado, teve como *primeiro presidente* o Major Ewerton Quadros, ocupando Fernandes Figueira a vice-presidência, Silveira Pinto a secretaria e Augusto Elias da Silva a tesouraria, ficando Xavier Pinheiro como arquivista.

Fernandes Figueira escrevia, então:

“(...) assim nasceu a humilde filha do Céu, mas trazia em seu seio, como o carvalho na bolota, todas as forças, todas as energias, que a fariam crescer, florir, frutificar e copar, como árvore materna, a cuja sombra deveriam acolher-se, para se desalterarem, as gerações presentes e futuras.”

Segundo ele, a novel agremiação seria o elemento aglutinador

“reunindo em um forte, indissolúvel laço, a crente comunhão espírita brasileira”.

Augusto Elias da Silva transforma, *na mesma data*, o “Reformador” em órgão oficial da FEDERAÇÃO, que se instala depois na Rua da Alfândega, 153, onde foram pronunciadas memoráveis conferências, inclusive por Elias da Silva que, incansável obreiro do Senhor, fez presente de vários livros à nova instituição, pequena biblioteca logo enriquecida com outras obras, oferecidas por Antônio Pinheiro Guedes.

1885 — A Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade, de agitada trajetória, mas que também prestou muitos benefícios à causa espírita, funde-se à Federação Espírita Brasileira.

16 — 08 — 1886 — Bezerra de Menezes faz, publicamente, sua profissão de fé espírita, em conferência realizada no salão da Guarda Velha, na Rua do mesmo nome, hoje Avenida Treze de Maio, em presença de mais de 1.500 pessoas.

1887 — Augusto Elias da Silva funda o Grupo Espírita Sete de Março, que durou até 1890.

1888 — Allan Kardec se manifesta no Grupo Espírita Fraternidade, conclamando os espíritas à harmonia.

1889 — Bezerra de Menezes que, por meio de artigos e conselhos, pregava a necessidade de maior compreensão entre os

espíritas, depois de muito instado, assume a direção da Federação Espírita Brasileira, sucedendo a Ewerton Quadros, que a administrara de 1884 a 1888.

21 — 04 — 1889 — Reorganiza-se e instala-se na Federação Espírita Brasileira o Centro da União Espírita do Brasil — segunda fase —, com Bezerra de Menezes como presidente e, depois, Augusto Elias da Silva (1893).

23 ,— 05 — 1889 — Bezerra inicia o *estudo sistemático* de “O Livro dos Espíritos” em sessões públicas semanais realizadas no salão da Federação, incorpora-lhe o Grupo dos Humildes, depois denominado Grupo Ismael, ao qual emprestaram intensa colaboração Bittencourt Sampaio e Antônio Luís Sayão.

22 — 12 — 1889 — A Federação Espírita Brasileira congratula-se com o Governo Provisório da República pelo advento do novo regime.

1890 — O Grupo Espírita Fraternidade adere à Federação.

23 — 12 — 1890 — Bezerra de Menezes, presidente do Centro da União Espírita do Brasil, oficia ao Marechal Deodoro da Fonseca, Presidente da República, sobre o novo Código Penal contrário aos interesses espíritas.

24 1893 — O Grupo Espírita Fraternidade extingue-se, depois de ter alterado seu regulamento, passando a chamar-se, enfatuadamente, Sociedade Psicológica Fraternidade.

4 — 04 — 1894 — Reorganiza-se, mais uma vez, o Centro da União Espírita do Brasil, numa terceira fase, mudando o nome para Centro da União Espírita de Propaganda no Brasil, sob a direção do Prof. Afonso Angeli Torteroli, com sede na Rua Silva Jardim, 9. À sua Diretoria pertenciam Julio César Leal e Bezerra de Menezes, que dele se retirou em 1896, diante da campanha de insultos pessoais que contra ele se desencadeara, por ser considerado um *místico*, que não se dava ao trabalho de raciocinar.

03 — 08 — 1895 — Em meio à grande crise administrativa e financeira, agravada pelas profundas divergências dos líderes espíritas, Bezerra de Menezes, depois de muito relutar, assume

a presidência da Federação Espírita Brasileira, vaga com a renúncia de Júlio César Leal, que a dirigira por 7 meses. Bezerra imprime orientação evangélica aos trabalhos da Federação, chefiando o grupo dos “místicos”, galvanizando corações e inteligências para restaurar e consolidar o prestígio da entidade e atender ao conselho de Kardec, recebido mediunicamente : “Reunidos em nome de Ismael, não tendes outros deveres senão estudar os Evangelhos à luz da Santa Doutrina.”

31 03 — 1897 — Instala-se, definitivamente, a Livraria da Federação, fundada por Augusto Elias da Silva e à qual doara grandes quantias em dinheiro.

28 08 — 1897 — Os integrantes do Centro da União Espírita de Propaganda no Brasil reúnem-se em Congresso Espírita Permanente, homenageando os componentes da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade, que reagira com energia contra a tentativa de perseguição dos espíritas em 1881. O referido Centro desaparece pouco tempo depois.

15 — 04 — 1905 — A sede da Federação Espírita Brasileira, na Rua do Rosário, 97, é invadida por funcionários da Diretoria Geral de Saúde Pública, que lavram autos de infração contra o médium Domingos Filgueiras, por exercício ilegal da Medicina.

10 — 12 — 1911 — Sob a presidência de Leopoldo Cirne, a Federação Espírita Brasileira instala-se na Avenida Passos, antiga Rua do Sacramento, onde hoje ainda se encontra.³⁴

27 — 10 — 1937 — A Federação Espírita Brasileira é fechada pela Polícia e reaberta três dias depois por ordem do Ministro da Justiça, Dr. Macedo Soares.

5 — 10 — 1949 — Assinado na Federação Espírita Brasileira, fruto do movimento de unificação dos espíritas, o PACTO ÁUREO, com a finalidade de fortalecer os laços de fraternidade e a comunhão de sentimentos dos adeptos da Terceira Revelação. Esse objetivo já fora realçado por Allan Kardec em “Obras Póstumas” e em mensagem de 1888, recebida pelo médium Frederico Júnior. Também Bezerra de

Menezes batia-se pela consecução desse importante fator de progresso da Doutrina, como comprovação dos elevados ideais de seus adeptos, reunidos em torno do Mestre Jesus, e como testemunho sincero do desejo de reforma íntima, de renovação espiritual de cada um.

Eis como ele se expressava:

“Já é tempo de se ligarem todos os espíritas, para que se cumpra nesta parte do planeta a tarefa que lhes foi distribuída. Compreende-se que é pela união dos espíritas que se pode dar a ligação, a harmonia de seus esforços, sem a qual, diz o Mestre, cada um *cavará* o sulco por onde hão de correr as lágrimas de seu arrependimento. A união faz a força precisamente porque nasce dela o emprego harmônico dos esforços de cada um. Com quanto mais razão, pois, devem os espíritas unir-se, quando precisam de forças para resistirem aos inimigos da Terra e aos inimigos do Espaço? Da união resultará o apoio mútuo, quer no sentido do socorro caridoso, quer dos recursos para a obra da propaganda. Da união, em suma, nascerá o método, sem o qual todo o esforço humano é perdido, toda a boa-vontade é estéril.” — Artigo em “O Paiz”.

Da Grande Conferência Espírita, reunida naquela memorável data, resultou a unificação de todas as Federações Estaduais em torno da Casa-Máter do Espiritismo no Brasil e, em nova feição, o Conselho Federativo Nacional, composto dos representantes das referidas entidades.

18 — 04 — 1957 — É lançado o *primeiro selo postal espírita no mundo*, em comemoração do centenário de “O Livro dos Espíritos”. (Noticiário completo encontra-se em “Reformador” de abril de 1957.)

18 — 04 ■ — 1964 — Novo selo comemora o centenário de “O Evangelho segundo o Espiritismo”. (Noticiário completo encontra-se em “Reformador” de abril de 1964.)

1969 — São lançados os selos comemorativos:

1) — do centenário de desencarnação de Allan Kardec, em 31 de março (v. “Reformador” de fevereiro e março de 1969) ;

2) — do aparecimento de “O Eco d’Além-Túmulo”, o primeiro jornal espírita do Brasil, fundado por Luís Olímpio Teles de Menezes (Noticiário completo encontra-se em “Reformador” de junho e julho de 1969).

03 — 10 — 1970 — Inaugura-se a Seção Brasília da Sede da Federação Espírita Brasileira.

FATOS ESPIRITAS NOTÁVEIS

Presidentes da Federação Espírita Brasileira

Francisco Raimundo EWERTON QUADROS: 1884 a 1888; Adolfo BEZERRA DE MENEZES Cavalcanti: 1889; Francisco de Menezes DIAS da CRUZ: 1890 a 1894; JÚLIO CÉSAR LEAL: 1895; Adolfo BEZERRA DE MENEZES Cavalcanti: 1895 a 1900; LEOPOLDO CIRNE: 1900 a 1913; ARISTIDES de Souza SPINOLA: 1914; MANUEL QUINTÃO: 1915; ARISTIDES de Souza SPINOLA: 1916 a 1917; MANUEL QUINTÃO: 1918 a 1919; Luís Olímpio GUILLON RIBEIRO: 1920 a 1921; ARISTIDES de Souza SPINOLA: 1922 a 1924; LUIZ BARRETO A. Ferreira: 1925 a 1926; Francisco Vieira PAIM PLONA: 1927 a 1928; MANUEL QUINTÃO: 1929; Luís Olímpio GUILLON RIBEIRO: 1930 a 1943; Antônio WANTUIL DE FREITAS: 1943 a 1970; ARMANDO DE Oliveira ASSIS: 1970 a 1975; FRANCISCO THIESEN: 1975/.

Primeiro jornal “espírita” do mundo

Foi publicado nos Estados Unidos, em 8-5-1852, e se intitulava “The Spiritual Telegraph”.

“La Revue Spirite” saiu em 1^o de janeiro de 1858, sendo uma das primeiras publicações espíritas do mundo.

Dirigida por Allan Kardec até seu decesso, prosseguiu, em 1977, com o nome de “Renaître 2000” (Revista de Investigações Psíquicas e de Pesquisas Teóricas e Experimentais sobre a Sobrevivência Humana), sob a direção de André Dumas, que não admite a palavra *espírita*, por discordância com o Espiritismo, tal como é praticado no Brasil. (Ver noticiário em “Reformador”, abril, 1977;

“Revista Internacional de Espiritismo”, fevereiro e novembro de 1977.)

Periódicos espíritas mais antigos do Brasil

1869 (julho) — “O Eco d’Além-Túmulo” (Monitor do Espiritismo no Brasil) — Salvador, BA.

1875 (janeiro) — “Revista Espírita” — Rio, RJ.

1875 (setembro) — “O Espírita” — Natal, RN.

1881 (janeiro) — “Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade” — Rio, RJ.

1881 (março) — “União e Crença” — Areias, SP.

1881 (julho) — “A Cruz” — Recife, PE.

1881 (outubro) — “O Espiritismo” — Rio, RJ.

1882 (agosto) — “O Renovador” — Rio, RJ.

1883 (21 de janeiro) — “Reformador”³⁵ — Rio, RJ.

Periódicos espíritas mais antigos do mundo (ainda existentes)

1858 — “La Revue Spirite”, fundada por Allan Kardec — França. Em janeiro de 1977, prosseguiu sob o título “Renaître 2.000”.

1877 - “Constância”, fundada por Angel Scarnichia Argentina.

1881 “Light”, fundada por W. Stainton Moses — Inglaterra.

1883 “Reformador”, fundado por Augusto Elias da Silva Brasil.

188/ “Two Worlds”, fundado por Emma Hardinge Krltten Inglaterra.

18iM “Spiritualisme Moderne”, fundado por Charl

1897 — “La Tribune Psychique”, fundada por Gabriel Delanne — França.

1905 — “O Clarim”, fundado por Caírbar Schutel — Brasil.

Semanas Espíritas

A iniciativa, hoje generalizada, de reunir oradores espíritas em palestras, durante uma semana, comemorativa de data aniversária

da instituição promotora ou em homenagem a grandes vultos do Espiritismo, coube ao GRUPO ESPIRITA FÉ E ESPERANÇA, de Três Rios, ex-Entre Rios.

A SEMANA DE PALESTRAS ESPIRITAS, a que nos referimos, foi realizada de 24 a 30 de junho de 1939, com início às 19h30m, na sede do mencionado GRUPO, havendo os oradores, Manuel Quintão, Dr. Henrique Andrade, Dr. Moreira Guimarães, Dr. Carlos Imbassahy, Dr. Armindo de Carvalho, Humberto Alexandrino de Aquino e Dr. Guillon Ribeiro, falado a respeito dos seguintes temas: “João Batista e o Problema da Reencarnação”, “Que é o Espiritismo”, “O Inferno Perante a Razão”, “A Moral, a Filosofia e a Ciência Espírita”, “O Espiritismo à Luz dos Fatos”, “A Fé Cega e a Fé Raciocinada” e “Fora da Caridade não há Salvação”.

Congressos de Jornalistas e Escritores Espíritas

O I Congresso Brasileiro de Jornalistas Espíritas³⁶, instalado solenemente na Associação Brasileira de Imprensa (ABI), foi realizado de 15 a 25 de novembro de 1939, na Cidade do Rio de Janeiro, então Capital da República.

Nesse Congresso foi lançada a idéia da criação de uma sociedade de jornalistas espíritas, concretizada somente no VI Congresso, realizado em 1976, em Brasília, com a fundação da Associação Brasileira de Jornalistas e Escritores Espíritas — ABRAJEE. (Ata de Assembléia Geral Extraordinária, de 26 de maio de 1977.)

Os demais Congressos foram realizados:

- * em São Paulo, em 1947, o II;
- * em Belo Horizonte, em novembro de 1961, o III;
- * em Curitiba, em fevereiro de 1968, o IV;
- * em Niterói, de 30-3 a 2-4-1972, o V;
- * em Brasília, de 15 a 18 de abril de 1976, o VI;
- * no Rio de Janeiro, de 15 a 18-4-1979, o VII;
- * em Salvador, de 17 a 21-4-1982, o VIII.
- * em São Paulo, de 18 a 21-4-1986, o IX.

Perseguições aos espíritas

Idéias e ensinamentos novos, capazes de iluminar as mentes, promovendo o progresso do Espírito, não escapam das perseguições de pessoas, entidades e autoridades mal informadas a respeito ou mesmo interessadas em que não se propaguem, esclarecendo, renovando, consolando. Foi o caso do ESPIRITISMO, de seus adeptos e instituições, que sofreram e vêm sofrendo ataques insidiosos de católicos, protestantes, médicos, detentores do poder, seja pela palavra escrita ou falada, seja pela ação mais violenta, com o processamento e condenação de médiuns, etc.

Remontando no tempo, mais precisamente em 1881, a Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade recebia, no dia 30 de agosto, um Oficial de Justiça, que lhe entregou intimação de parte do Dr. Alberto Fialho, 2^o Delegado de Polícia da Corte do Rio de Janeiro, determinando a proibição de reunir-se, “visto não estarem os seus Estatutos devidamente aprovados pelo Governo Imperial, na forma do que dispõem os capítulos 1^o, 2^o e 3^o da Lei n^o 2711, de 19-12-1890”. Isto aconteceu, apesar da promessa do Ministério da Justiça, de que a entidade não seria molestada. O fato, como é natural, obrigou a Sociedade a comparecer, duas vezes, à presença do Imperador D. Pedro II, de quem obteve, por fim, garantias de funcionamento normal.

Em 27 de outubro de 1937 verificou-se uma perseguição à Doutrina, desta vez contra a Federação Espírita Brasileira, que esteve fechada por 72 horas, embora se mantivesse absolutamente neutra na efervescência política da época, atitude que recomendava a todos os espíritas.

Em abril de 1941, na presidência de Guillon Ribeiro, deu-se nova intervenção na FEB, devendo ser lembrada a célebre Portaria n^o 10.194, de 10 de outubro de 1943, que trouxe, em 1945, problemas para a Casa-Máter, Portaria que foi revogada neste mesmo ano pelo Chefe de Polícia Cel. João Alberto.

Essa Portaria considerava os espíritas elementos perigosos para a sociedade, fazendo restrições às suas atividades, sob o pretexto de regulamentá-las.

Também o Código Penal apresenta dispositivos, embora sejam

pouco aplicados pelos juizes e tribunais, que têm como objetivo punir a atividade de cura dos espíritas, como aconteceu, por exemplo, com Ignácio Bittencourt e José Arigó, presos e condenados mais de uma vez.

A lei penal considera crime o exercício do *curandei- rismo*, ou seja, o ato de alguém “prescrevendo, ministrando ou aplicando habitualmente qualquer substância; usando gestos, palavras ou qualquer outro meio; fazendo diagnósticos”.

Examinando esse momentoso assunto, Carlos Imbasahy, com a proficiência de sempre, escreveu “A Mediu- nidade e a Lei” (2ª edição, FEB, 1962), obra da qual respigamos as seguintes passagens:

- 1) Jesus sempre curou e disse mais que esta faculdade seria exercida por muitas criaturas: “(...) porão as mãos sobre os enfermos, e os curarão.” — Mc., 16:17-18;
- 2) chegamos, então, a esse prodígio de justiça: é considerado criminoso o que tem por finalidade a prática de um bem (pág. 75) ;
- 3) Encontra-se na lei um caso interessante. Como se vê, ela proíbe quaisquer gestos que tenham a finalidade de curar. O que incide na sanção penal é querer pôr bom o seu semelhante. Não há punição para outros gestos. O cidadão é livre de bracejar à vontade; pode espreguiçar-se como quiser, esticar os braços como puder, encolerizar-se como entender, ferir o espaço com murros formidáveis; nada, absolutamente nada lhe fica mal. Mas se levantar, quase imperceptivelmente, os dedos sobre a fronte de alguém, procurando minorar-lhe os sofrimentos, está cometendo um crime. Aí têm onde chegou a culminância do saber jurídico dos nossos doutos patrícios. Até então a característica do crime era a intenção de fazer o mal; agora, o que constitui o delito é a intenção de fazer o bem. (Pág. 78.)

Vivemos, na verdade, num regime consentido.

A lei, enquanto não revogada, pode ser argüida pelo julgador e aplicada com todas as suas absurdas conse- quiências.

SEGUNDA PARTE POSTULADOS E ENSINAMENTOS

“Um dos maiores obstáculos capazes de retardar a propagação da Doutrina seria a falta de unidade— Allan Kardec, em “Obras Póstumas”.

A DOCTRINA ESPÍRITA

Allan Kardec definiu o ESPIRITISMO como “a ciência que trata da natureza, da origem e do destino dos Espíritos e das suas relações com o mundo corporal”. — “O Que é o Espiritismo”.

E acrescentava o Codificador:

“O ESPIRITISMO É, AO MESMO TEMPO, CIÊNCIA DE OBSERVAÇÃO E DOCTRINA FILOSÓFICA.

COMO CIÊNCIA PRÁTICA, TEM A SUA ESSÊNCIA NAS RELAÇÕES QUE SE PODEM ESTABELECEER COM OS ESPÍRITOS.

COMO FILOSOFIA, COMPREENDE TODAS AS CONSEQUÊNCIAS MORAIS DECORRENTES DESSAS RELAÇÕES.”

Em discurso pronunciado no dia D de novembro de 1868, na Sociedade Espírita de Paris (v. “Revista Espírita”, vol. 12, Ano XI, dezembro de 1868), Allan Kardec explicava porque havia declarado não ser o Espiritismo uma religião:

“Porque não há uma palavra para exprimir duas idéias diferentes, e que, na opinião geral, a palavra religião é inseparável da de culto ; desperta, exclusivamente, uma idéia de forma, que o Espiritismo não tem. Se o Espiritismo se dissesse uma religião, o público não veria aí senão uma nova edição, uma variante, se se quisesse, dos princípios absolutos em matéria de fé; uma casta sacerdotal com seu cortejo de hierarquias, de cerimônias e de privilégios; não o separaria das idéias de misticismo e dos abusos contra os quais tantas vezes se levantou a opinião pública.”

Todavia, declarou, também, que há um sentido pelo qual o Espiritismo é nitidamente religioso, quando estabelece um laço moral entre os homens; quando os une, “como consequência da

comunidade de vistas e de sentimentos, a fraternidade e a solidariedade, a indulgência e a benevolência mútuas”.

De fato, a Doutrina Espírita³⁷ vinha abalar os alicerces milenares do misticismo, da intolerância, da fé dogmática, do materialismo científico, e era preciso que sua autoridade tivesse apoio na verdade da revelação divina e nas provas dos fatos, a fim de que não pudesse ser totalmente contestada nos seus princípios básicos, nos conceitos que expusesse. Daí, sem dúvida, porque

“O Espiritismo, na fase de *doutrina científica* (IHH 1 «r»7), foi Revelação Divina como fato da Iniciativa dos Espíritos, independentemente da vontade humana. Na fase de *doutrina filosófica* (IH57 1HCM) foi consequência das instruções dos Espíritos, deduzida pelo Homem. Na fase de *dou-* *Itítiti rrliyivrm* (após 1K(J4) foi aplicação feita pelo Homem da Doutrina Espírita de 1857 aos fundamentos da Religião Natural” — Canuto de Abreu, texto em *lac símile* de “O Livro dos Espíritos”, Primeiro Centenário, 1957 (grifamos).

Tomos, portanto, que a Doutrina Espírita, inseparável em seus três aspectos, assim deve ser estudada, compreendida e praticada: ela esclarece, comprova e demonstra, racionalmente, a natureza espiritual do Homem e o seu glorioso destino.

A esse respeito assinala o Prof. J. Herculano Pires, no magnífico ensaio “O Espírito e o Tempo”, publicado pela Editora Pensamento: “Aqueles, portanto, que não compreendem a natureza tríplice do Espiritismo, ou tentam reduzi-la apenas a um dos seus aspectos, praticam uma violência contra a Doutrina.”

Desse mestre e de sua utilíssima obra, acima citada, cuja leitura recomendamos aos estudantes da Doutrina, vamos transcrever ainda este magnífico trecho, muito elucidativo :

“O homem se encontra a si mesmo, no triângulo de forças da concepção espírita. A pesquisa científica demonstra-lhe a realidade espiritual da vida, rompendo o véu das aparências físicas; a cogitação filosófica desvenda-lhe as perspectivas de vida espiritual, em seu processo dialético, através do tempo e do espaço; a fé

raciocinada, consciente, da religião em espírito e verdade, abre-lhe as vias de comunicação com os poderes conscientes que o auxiliam na ascensão evolutiva.”

O Espiritismo é, portanto, completo, em sua Doutrina, porque, como ciência, nos prova que a vida é eterna, apenas transcorrendo em planos diferentes, sendo o espiritual a nossa verdadeira pátria; como filosofia, nos explica o mecanismo da Evolução e as leis que regulam as relações das almas, no seu eterno caminhar para Deus, sujeitas a reencarnações periódicas, ao determinismo ditado pelo carma; como a Religião natural, ilumina o nosso comportamento no mundo das formas físicas, aumentando o nosso discernimento do bem e do mal e mostrando a nossa responsabilidade na escolha dos caminhos que seguimos, para atingirmos os objetivos da Criação e a felicidade, com a perfeição moral.

João Teixeira de Paula, em seus “Estudos de Espiritismo”, também esclarece:

“Tem a Doutrina Espírita tríplice aspecto: filosófico, científico e religioso; como filosofia, esclarece-nos acerca de nossas responsabilidades individuais e coletivas, quer no campo social, quer no campo espiritual; faz-nos compreender com melhores luzes o nosso passado, o nosso presente e o nosso futuro; indica-nos, com segurança e firmeza, o caminho a seguir e nos mostra, com lógica e irrespondíveis argumentos, a inaniidade de nossos cismas e das nossas superstições, assegurando-nos a inexistência de privilégios, penas, prerrogativas, recompensas por toda eternidade ; como ciência, prova-nos a existência, a sobrevivência e a imortalidade do espírito; como religião, ensina-nos a interpretar os Evangelhos em espírito e verdade.”

A Doutrina Espírita, como está na Codificação do Kardec, resultado das mensagens dos Espíritos e do trabalho de seleção e de juízo³⁸ do homem, pois o mestre de Lyon seguia o método de observar, comparar

o Julgar, como ele mesmo nos informa em “Obras Póstumas”, constitui, nos tempos apocalípticos que vivemos, a última fase de um processo de conhecimento³⁹, capaz de orientar a Humanidade

para os seus verdadeiros des- tinos, como parcela do Universo incomensurável.

Só os cegos pela vaidade e pelo orgulho se animarão n dizer ultrapassada a obra gigantesca de Kardec, que vem sendo, todavia, legitimamente, complementada em profundidade, pois a Doutrina é progressiva, daí a exati- diu) da observação de Bezerra de Menezes, em artigo publicado em 6-4-1897, na “Gazeta de Notícias”:

“(...) os principais fundamentos da Revelação Espírita, compreendidos nas obras fundamentais de Allan Kardec, tendem constantemente a se alargar em extensão e compreensão (...)”

Eis o Espiritismo conceituado e entendido como Doutrina⁴⁰, cujas *características* Deolindo Amorim explicitou em suas aulas no Instituto de Cultura Espírita do Brasil (v. “Anais”, nº 2):

“Chama-se característica de uma coisa aquilo que lhe é mais próprio ou marcante. A Doutrina Espírita distingue-se pelo seu conjunto de princípios, pela sua sistemática, pelas suas conseqüências, pela sua estrutura. São as características.”

E acrescenta o Prof. Deolindo que, para efeito de caracterização, a Doutrina pode ser considerada em relação a três aspectos iniciais: origem, constituição e natureza.

Quanto à *origem*, a Doutrina não é uma obra pessoal, não provém de um só Espírito nem foi recebida através de um só médium.

Quanto à *constituição* (estrutura), que compreende o ensino dos Espíritos (generalidades) e o desenvolvimento da Doutrina (aplicação às necessidades e problemas da vida mesma), ela é própria, não exclusivista, mas relati- vista, racionalista por excelência.

Quanto à *natureza* destaca-se por seu sentido *progressista* (acompanha a evolução geral da Ciência) e de *consistência* (não modifica seu conteúdo essencial), sendo, pois, simultaneamente, dinâmica e estável.

O ESPIRITISMO FILOSÓFICO

O Espiritismo é uma doutrina essencialmente filosófica, embora

seus princípios sejam comprovados experimentalmente, o que lhe confere também o caráter científico.

Quando o Homem pergunta, interroga, cogita⁴¹, quer saber o “como” e o “porquê” das coisas, dos fatos, ilos acontecimentos, nasce a FILOSOFIA, que mostra o *<iuc são as coisas e porque são as coisas o que são.*

Em verdade, o Homem quer justificar-se a si mesmo e ao mundo em que vive, ao qual reage e do qual recebe contínuos impactos, procura compreender como as coisas o os fatos se ordenam, em suma, deseja conhecer sempre inuis e mais.

O caráter filosófico do Espiritismo está, portanto, no estudo que faz do Homem, sobretudo Espírito, de seus problemas, de sua origem, de sua destinação. Esse estudo leva ao conhecimento do mecanismo das relações dos Homens, que vivem na Terra, com aqueles que já se despediram dela, temporariamente, pela morte, estabelecendo as bases desse permanente relacionamento, e demonstra a existência, inquestionável, de algo que tudo cria e tudo comanda, inteligentemente — DEUS.

Definindo as responsabilidades do Espírito — quando encarnado (Alma) e também do desencarnado, o Espiritismo é Filosofia, uma regra moral de vida e comportamento para os seres da Criação, dotados de sentimento, m/.ito o consciência.

A filosofia espírita nos mostra, assim, que “A lei natural é a lei de Deus ; a única verdadeira para a felicidade do homem. Ela lhe indica o que ele deve fazer ou não fazer, e ele só se torna infeliz porque dela se afasta.” — Allan Kardec, Questão 614 de “O Livro dos Espíritos”.

Como ser moral, consciente, o Homem tem liberdade com responsabilidade, e é isso que a filosofia espírita lhe mostra com clareza, à luz da doutrina das vidas sucessivas, da reencamação, do carma e do livre-arbítrio, demonstrando-lhe também que a vida é eterna e que ele deve fazer dessa vida uma permanente fonte de ventura e felicidade, pela obediência às leis que regem toda a Criação.

Filosofia⁴² de amor e bondade, de tolerância e solidariedade, de

conseqüências religiosas,

“A Filosofia Espírita desemboca, assim, na Moral Espírita, que não é outra senão a própria moral evangélica, racionalmente explicada, inteiramente desembaraçada das interpretações teológicas e místicas” — J. Herculano Pires, “O Espírito e o Tempo”.

O ESPIRITISMO CIENTÍFICO

O Espiritismo passa de filosofia a ciência⁴³, qiiiuido confirma, pela experimentação, os conhecimentos filosóficos que prega e dissemina.

De fato, há, no Espiritismo, a fenomenologia, que devo ser provada por meios e métodos científicos.⁴⁴

O Espiritismo, no quadro geral do Espiritualismo, é poHltivo e consciente, não se perde em hipóteses metafísicas o constitui um processo triplo de conhecimento: filosófico, científico, religioso (moral).

Como filosofia trata do conhecimento frente à razão, Induga dos princípios, das causas, perscruta o Espírito, enfim, interpreta os fenômenos; como ciência, prova-os.

()B fatos ou fenômenos espíritas, isto é, produzidos por espíritos desencarnados, são a substância mesma da Ciên- eia Espírita, cujo objeto é o estudo e conhecimento desses fenômenos, para fixação das leis que os regem. Eles cons- (II nem o meio de comunicação entre o nosso mundo físico , o mundo espiritual, de características diferentes, mas i|iie não impedem o intercâmbio, que sempre houve, entre mi vivos c os mortos, segundo a terminologia usual.

Infelizmente, a Ciência acadêmica, por preconceito e orgulho, não se dispôs ainda a um estudo sistemático e profundo do fenômeno espírita, alegando que não pode obtê-lo quando e onde deseja e na quantidade necessária, o que revela, simplesmente, desconhecimento completo do assunto. O fenômeno espírita tem características próprias, que não podem ser desatendidas, pois lidamos, no caso, com inteligências, encarnadas e desencarnadas, com livre- -arbítrio, razão e consciência.

As Casas Espíritas, promovendo sessões mediúnicas, embora

sem escopo de pesquisa científica, vão colhendo mensagens dos Espíritos superiores, que nos permitem conhecer, em parte, o mecanismo das comunicações entre os dois mundos, ordenando-se e disciplinando-se, assim, a mediunidade.

Aspecto importante do Espiritismo é que, sem idéia de competição, ele alcança todas as formas de conhecimento do mundo atual, lançando luz sobre muitos problemas das ciências físicas, biológicas, sociológicas, médicas, políticas, jurídicas. Por isso, Kardec já dizia que “O Espiritismo e a Ciência se completam um pelo outro; a Ciência, sem o Espiritismo, se acha impossibilitada de explicar certos fenômenos, unicamente pelas leis da matéria; o Espiritismo, sem a Ciência, ficaria sem apoio e exame.” — “A Gênese”.

Essa verdade, que hoje honestamente não se pode contestar, é reafirmada por Deolindo Amorim, quando declara que o Espiritismo “não se limita a um misticismo improdutivo, volve-se para onde possa chegar nossa atividade, dirige-se a todas as disciplinas, alcança todas as esferas do conhecimento”.

A Ciência Espírita se classifica, assim, entre as ciências positivas ou experimentais e se utiliza do método analítico ou indutivo, porque observa e examina os fenômenos mediúnicos, faz experiências, comprova-os. Seu objeto⁴⁵ é o Espírito, o princípio inteligente do Universo, e, por isso, disse muito bem o inolvidável Pinheiro Guedes :

“O psiquismo é sem dúvida uma ciência, ciência vasta, profunda, eclética; constrói a síntese da vida humana e a evolução do Espírito.”

Graças ao Espiritismo científico, desaparece o velho antagonismo, o eterno divórcio da ciência com a fé, pois não mais se trata, agora, do espiritualismo utópico, dos dogmas, das crendices, do sobrenatural e do místico; é a própria razão, o lúcido raciocínio, a lógica mais cerrada, que formam, ao lado de uma vasta fenomenologia, cada tllu mais exuberante e comprovada, o substrato, mesmo, dit ciência psíquica. De fato,

“A nova ciência espiritualista não é, pois, uma obra de imaginação;

é o resultado de longas e pacientes pesquisas, o fruto de inúmeras investigações. Os homens que as empreenderam são conhecidos em todas as esferas científicas: são portadores de nomes célebres e acatados.” — Léon Denis, “No Invisível”.

Não foi sem motivo, portanto, que o Codificador preferiu definir o Espiritismo dizendo que “é uma ciência que trata da natureza, origem e destino dos Espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal”.

Também Gabriel Delanne, em seu “O Espiritismo l'crante a Ciência”, afirma, categórico:

“O Espiritismo deixa de parte as teorias nebulosas, desprende-se dos dogmas e das superstições e mil, « cuja sobrevivência comprova e proclama como o fato ca- dit História da Humanidade Terrena. vai apoiar-se na base inabalável da observação científica”, opinião que igualmente expressa em “O Fenômeno Espírita”, outra de suas monumentais obras:

“O Espiritismo é uma ciência, cujo fim é a demonstração experimental da existência da alma e sua imortalidade, por meio de comunicações com aqueles aos quais impropriamente chamam mortos.”

“Como ciência nova, última da escala das ciências, o Espiritismo abre nova era na história do conhecimento”, afirma o Prof. J. Herculano Pires, em seu magnífico “O Espírito e o Tempo”, e embora considerados como “provas anedóticas” os fatos do Espírito sempre atraíram a atenção de numerosos grandes homens da Ciência, das Artes e das Letras. Os físicos, principalmente, embora negando a sobrevivência do Espírito e até mesmo sua existência, deslumbram-se hoje com as maravilhas do mundo do infinitamente pequeno, inclinando-se para conceitos antinaturais como *tempo regressivo e massa negativa*, às voltas com teorias que se contradizem, com o fantástico *neutrino*, capaz de atravessar, com a velocidade da luz, o corpo sólido da Terra, como se fosse um espaço vazio.

A teoria dos fluidos, lançada pelos Espíritos, através da obra da Codificação, negada pela Ciência, revive no “oceano extraordinário

de elétrons negativos” de Dirac, a lembrar o velho conceito do éter.

As experiências, apesar das marchas e contramarchas da Ciência, confirmam as teses espíritas e, em verdade, existe hoje um verdadeiro namoro dos Físicos com os fenômenos do Espiritismo, naturalmente com outros nomes, como afirma Arthur Koestler, em “As Razões da Coincidência”.

Felizmente, a Parapsicologia já merece a atenção dos nossos cientistas⁴⁶, mas é pouco, por incluir apenas o estudo de fenômenos anímicos, embora, através dela, os fenômenos *theta* já se façam sentir, veementemente. Nem é sem motivo que pesquisadores assim se expressam, hoje :

“A pesquisa psíquica é um dos ramos de investigação mais importantes que se oferece ao espírito humano.” — H. H. Price.

“(…) afirmar que existe só a matéria e nenhum espírito é a mais ilógica das propostas. É bem diferente da descoberta da Física moderna. Esta mostra que, no significado tradicional do termo, não existe matéria.” — V. A. Firsoff, “Mind and Galaxies”.

“Ocorre um fenômeno psíquico quando uma informação é transmitida por um sistema físico sem o uso de qualquer forma conhecida de energia física.” — John Randall.

Em resumo: A Doutrina Espírita é ciência quando i impiova, experimentalmente, a existência do Espírito e ,,,,,, iobrevivência ao desaparecimento do corpo carnal, i , , , comprovação se dá por meio dos fenômenos espíri- Imt olmci vudos nas sessões mediúnicas.

O ESPIRITISMO RELIGIOSO

Itcntpre se considerou religião (de *relegere*, que sig- Mlllcu "tratar com as coisas de Deus", ou de *religare*, isto é, ligar o homem a Deus, ou melhor, levá-lo de volta a Deus) o culto instituído e formal, com seu templo ou igreja, suas imagens, seu ritual, sua hierarquia sacerdotal, seus dogmas, mitos e credences.

Nesse sentido, o Espiritismo não é religião.⁴⁷

Por isso, Kardec, orientado pelos Espíritos, estabeleceu, primeiramente, os fundamentos filosóficos e científicos da

Doutrina⁴⁸, pois conhecia bem os homens, com seu espírito de imitação, suas fraquezas e seu gosto pelo exótico e pomposo. E porque não se tratava de fundar mais uma religião, capaz de satisfazer apenas os sentidos físicos e os sentimentos superficiais da criatura, mas sim as necessidades íntimas da Alma, só mais tarde foi publicado “O Evangelho segundo o Espiritismo”.

Entretanto; o Codificador esclarecia, em seu discurso de 1º de novembro de 1868, na Sociedade Espírita de Paris, que “sem dúvida, no sentido filosófico, o Espiritismo é uma religião, e nós nos ufanamos disso”.

Seu pensamento é o mesmo, exposto muito mais tarde, de outro grande vulto da Filosofia, o brasileiro Farias Brito, em “A Verdade como Regra das Ações”, 1905:

“(...) é da filosofia que nasce o sentimento moral... assim compreendida, a filosofia se confunde com a religião.”

“(...) é a filosofia deduzindo as leis da conduta e organizando espontaneamente e sem coação a sociedade, só pelo acordo das convicções; numa palavra, a religião é a moral organizada.”

Assim, cumprindo ao Espiritismo demonstrar a n- r.-unidade da urgente reforma íntima do homem, esclare-«nilo-o (planto à sua origem e natureza e relativamente "o progresso contínuo do espírito humano, não podia es- i"" ri que, primordialmente, essa evolução se apoia no

""•d Intento religioso de todas as criaturas, externado em u||i,, ,|ç, adoração e contrição e numa conduta moralmente ""vudu.

Kra preciso, pois, despertar a consciência dos homens l""iu Deus e a realidade do Espírito imortal; mostrar a ¹¹ "piininibilidade de cada um, de acordo com seu estágio ' lilivo, por sua posição e atitude na vida, proporcio- "•Mído it todos, outrossim, o entendimento amplo, mas

das leis naturais e divinas, que presidem à ^Viduçfto.

(» Knptritismo é, portanto, a Religião natural e cien- ¹¹ fl< n, du fé raciocinada, sem misticismos e segredos IH, uma forma integral e consciente de conduta ""UHHIU» diante do Criador, não, como assinala Newman,

"(...) a religião que impôs ao homem uma fé dogmática e contraditória, ameaçou-o com penas e castigos irremissíveis, embalou-o com mentiras e promessas, que não podiam ser cumpridas, violando sua consciência, seu raciocínio e sua liberdade".

A Igreja, entendida como filosofia de consequência, é a fábrica invisível do caráter e do senso moral do povo, que enrola soberana da formação moral do povo, "luz e poder para a viagem da humanidade, como vemos alguns.

A verdade que o homem se redime por suas obras, e muitos se salvaram, sem dúvida, mas este era necessário e veio, a seu tempo, para explicar a todos o mecanismo do bem e do mal e revelar tudo aquilo que o Mestre de Nazaré não pudera revelar, por falta de maturidade das criaturas.

O ensino espírita é, por isso mesmo, simples, direto, objetivo, sem discussões bizantinas, sem mistérios nem iniciações, esclarecedor e sem contestação lógica e honesta, porque baseado na existência de Deus, como a inteligência suprema e a causa primária (única) de todas as coisas, na Evolução como lei geral, a que tudo está subordinado, exceto o próprio Deus, na reencarnação como fator preponderante da justiça divina, no exercício do livre-arbítrio e no carma (determinismo) que seu uso acarreta (lei de causa e efeito).

Religião da fé raciocinada, mostra-nos que fora da caridade não há salvação, sendo preciso, portanto, que o homem creia e que seus atos estejam de acordo com as leis de Deus, de fraternidade, de bondade, de altruísmo, de humildade, de trabalho, de tolerância e de solidariedade, em harmonia com os semelhantes e mesmo com os seres inferiores da Criação.

Como explicava Descartes, quanto mais concebemos a perfeição em uma coisa, mais devemos crer que sua causa seja mais perfeita ainda.

Se testemunhamos, com os nossos sentidos físicos, a nossa

inteligência, a nossa razão, o Universo maravilhoso, temos de admitir uma causa para ele, muito mais perfeita ainda. Então admitimos Deus, a própria Perfeição.

Se admitimos Deus, é preciso que criemos uma forma de adorá-lo. Daí, a Religião.

Em Espiritismo, a religião não suprime a razão, porque a fé é raciocinada, como sabemos. Assim, o caráter religioso da Doutrina Espírita não conflita com seu aspecto científico e muito menos com seus postulados filosóficos.

Os estudiosos da Doutrina jamais negaram seu aspecto religioso, o mais importante deles, porque conduz homem aos seus verdadeiros destinos, pela reforma íntima, pela reconciliação com as leis divinas.

“Basta a análise do próprio texto de “O Livro dos Espíritos”, que começa pela definição de Deus, aponta Jesus como o modelo humano e termina tratando das leis morais, da lei religiosa de adoração, e das penas e gozos futuros”,

segundo o Prof. J. Herculano Pires, in “Os Três Caminhos de Hécate”, compreendermos e aceitarmos o caráter religioso do Espiritismo, porque

“negar que tudo isso seja religião é a mesma coisa que negar a existência da luz solar”.

Em “Religião”, de Carlos Imbassahy, lemos:

“Pelas leis morais do Cristo, que segue; pela parábola do Cristianismo, que representa; pela obrigação que Ele impõe de divulgar o Evangelho; pelo dever, que mantém, de colocar as leis divinas acima de tudo, como a fonte do progresso humano, o Espiritismo reivindica a parte que lhe cabe no seio das religiões.”

O caráter religioso do Espiritismo tem sido contestado por muitos espíritas que, até certo ponto, teriam que não fossem as evidências, em que nos podemos

ver, de modo contrário, e, outrossim, condições inofensíveis do próprio Allan Kardec,

em seu tratado, em todas as obras da Codificação Espírita:

1 > ESPIRITISMO é uma religião e nós nos ufamos disso.”

— Discurso de 1º de novembro de 1854, | foi inundado na Sociedade Parisiense de Espíritos. (“Revista Espírita”, dezembro de 1854.)

“O ESPIRITISMO é forte porque assenta sobre as próprias bases da religião — “O Livro dos Espíritos” (Conclusão, V).

“O ESPIRITISMO vem confirmar as verdades fundamentais da Religião.” — “O que é o Espiritismo”.

“(…) o ESPIRITISMO repousa sobre as bases fundamentais da religião e respeita todas as crenças; (...) um de seus efeitos é inculcar sentimentos religiosos nos que os não possuem, fortalecê-los nos que os tenham vacilantes (...)” — “O Livro dos Médiuns” (1ª parte, Cap. III, 24).

“A Ciência e a Religião são as duas alavancas da inteligência humana: uma revela as leis do mundo material e a outra as do mundo moral. *Tendo, no entanto, essas leis o mesmo princípio, que é Deus, não podem contradizer-se.*” — “O Evangelho segundo o Espiritismo” (Cap. I, nº 8).

“(…) o ESPIRITISMO vem opor um dique à difusão da incredulidade (...)” — “O Céu e o Inferno” (1ª parte, Cap. I, 4).

O ESPIRITISMO, longe de negar ou destruir o Evangelho, vem, ao contrário, confirmar, explicar e desenvolver, pelas novas leis da Natureza, que revela, tudo quanto o Cristo disse e fez (...)” — “A Gênese” (Cap. I, 41).

“O ESPIRITISMO (...) não vem destruir os fatos religiosos, porém sancioná-los, dando-lhes uma explicação racional (...)” — “Obras Póstumas” (1ª parte, *Manifestações dos Espíritos*, nº 7).

ANÁLISE SINTÉTICA DAS OBRAS DA CODIFICAÇÃO DE ALLAN KARDEC

I

Allan Kardec foi o pseudônimo adotado pelo Professor Hipolyte Léon Denizard Rivail, nascido em 3 de outubro de 1804,

em Lyon, na França, onde iniciou em 31 de março de 1869, na cidade de Paris, a tarefa, missionária, de *codificar*, isto é, sistematizar em livros, metódica, didática e logicamente organizados, comentados e explicados, os postulados da Espiritista.

Aos cinquenta anos, ostentava o título mais sublime que um homem pode aspirar, o de mestre e educador. Ao desencarnar, aos 65 anos incompletos, regressava à verdadeira pátria do Espírito como um benfeitor da Humanidade e missionário de Jesus, que soubera cumprir à risca a nobre tarefa que lhe fora confiada pelo Mestre.

A CODIFICAÇÃO⁴⁹ da Doutrina Espiritista, ou seja, o ESPIRITISMO, em seus aspectos inseparáveis e inalienáveis de Filosofia, Ciência e Religião, compreende as seguintes obras, o chamado *pentateuco espírita*: “O Livro dos Espíritos”, “O Livro dos Médiuns”, “O Evangelho segundo o Espiritismo”, “O Céu e o Inferno”, “A Gênese”.

A ordem de publicação das obras da CODIFICAÇÃO foi arbitrária, tendo obedecido à orientação da equipe de Espíritos Superiores que assistiam Kardec. Contudo, sua perspicácia e seu bom senso, servidos por sólidos conhecimentos, adquiridos na vida presente e nas anteriores⁵⁰, fizeram com que agisse, nesse particular, da maneira mais indicada ao êxito da majestosa tarefa, de tanta significação para a Humanidade.

Era preciso que, primeiro, se trouxesse à cogitação filosófica dos Homens acerca de seu próprio destino, tão desorientados e perplexos diante das inúmeras e confusas interpretações dos grandes problemas da Vida, que os exegetas e místicos de todos os tempos haviam acumulado em milhares de obras sibilinas, o esclarecimento e a luz de uma doutrina racional e simples, sem espírito de sistema, embora profunda nos seus fundamentos e consequências.

Fazia-se mister ainda que fosse escrita com clareza e objetividade e, para isso, a linguagem não podia ser demasiado técnica e o método de exposição deveria ser didático, ao alcance de

todos: daí o recurso ao diálogo, sugestivo, da tradição filosófica.

Nasceu, assim, "O Livro dos Espíritos", publicado em 18 de abril de 1857, cuja 2⁵ edição, lançada em 18 de março de 1860, é considerada a definitiva, por Kardec.

A 1^a edição contém, em 501 questões, o ensino dado pelos Espíritos, liderados pelo Espírito da Verdade, e as mensagens foram recebidas pelas médiuns Caroline e Julie Boudin, mocinhas ainda, pela senhorita Japhet e outros médiuns.⁵¹

A 2^a edição apresenta nova contribuição de Kardec, que, utilizando-se também de outros médiuns, julga, critica, analisa, seleciona, desenvolve o trabalho, que consta, então, de 1.018 questões, notas aditivas e comentários. (Ver "Allan Kardec", de Zêus Wantuil e Francisco Thiesen. Cap. I, subcapítulo 11, pág. 104.)

"O Livro dos Espíritos"* contém os princípios da Doutrina Espírita, expostos de forma lógica, por meio de diálogos com os Espíritos, às vezes comentados por Kardec, e, embora constitua, pelas importantes matérias que versa, o mais completo tratado de Filosofia que se conhece, sua linguagem é simples e direta, não se prendendo a preciosismos de sistemas dificilmente elaborados, e ao gosto dos teólogos e exegetas escriturísticos, na sua improfícua e estéril busca das causas primeiras e finais.

Os assuntos tratados na obra, com a simplicidade e a segurança das verdades evangélicas, distribuem-se homogênea e uniformemente, constituindo, por assim dizer, um panorama geral da Doutrina, desenvolvida, nas suas facetas específicas, nos demais volumes da Codificação, que resulta, assim, como um todo grântico e conseqüente, demonstrativo de sua unidade de princípios e conceitos, características de sua grandeza.⁵²

O Professor J. Herculano Pires, na "Introdução ao Livro dos Espíritos", que escreveu para a Edição Especial, editada pela LAKE, aponta, objetivamente, essa concordância nas obras da Codificação, mostrando que há, no livro básico da Doutrina, um Núcleo Central, compreendendo os Livros I e II (até Cap. VI), que tratam das Causas Primárias e do Mundo Espírita, enquanto o Livro U, do Cap. VI ao XI, constitui a fonte de "O Livro dos

Médiuns"; o Livro III (As Leis Morais), a de "O Evangelho segundo o Espiritismo"; o Livro IV (Esperanças e Consolações), a de "O Céu e o Inferno". "A Gênese" tem sua fonte no Livro I (Caps. H, III e IV), no II (Caps. IX, X, XI) e no III (Caps. IV e V), enquanto a Introdução e os Prolegômenos deram origem ao "O que é o Espiritismo".

Em "O Livro dos Espíritos", na clareza e acuidade de seus ensinamentos, existem rotas seguras, de que os espíritos, caminheiros da Eternidade, tanto carecemos, para sangrar menos os pés nas pedras do caminho e desafogar o coração das angústias geradas no conflito das paixões, alimentadas pelo orgulho, pelo egoísmo, pela intolerância.

Lendo-o, estudando-o, analisando-o, passamos a conhecer um Deus soberanamente bom e justo, Criador de todas as coisas, Pai de todas as criaturas e cuja grandeza e sabedoria ainda não podemos conceber, com segurança.

Deslumbramo-nos ante sua obra, o Universo, do qual tão pouco, de fato, conhecemos, e descobrimos, orgulhosos, que somos parte dela, quiçá seu mais importante elo.

Ficamos sabendo de nossa origem, nossa natureza espiritual e porque somos o artífice de nossa própria miséria ou grandeza. Compreendemos porque sofremos e porque há tantos outros Espíritos felizes, em mundos superiores ao nosso.

A vida se nos apresenta sem mistérios e sem segredos à luz da reencarnação, das leis de ação e reação, do livre-arbítrio. Sofremos angústias e dores e vemos que outros também as sofrem, mas compreendemos o porquê de tudo. Reconforta-nos, então, o bálsamo da resignação.

O conhecimento das leis morais, inscritas, também, em nossas consciências, mas adormecidas por força dos nossos instintos animalizados, faz-nos corar de vergonha, por sermos ainda tão ignorantes, tão invigilantes, tão orgulhosos, tão egoístas, tão intolerantes. Mas logo compreendemos que a perfeição está na rota que perseguimos, não é uma quimera, porém risonha esperança.

O livro, então, nos arrebatou a alma em prantos e a arremessa para o Futuro, onde Jesus nos aguarda e a cujo lado estaremos,

quando soubermos semear, para colher, a Paz e o Amor.

II

O Espiritismo tende a reunir e a fundir, numa síntese grandiosa, todas as formas do pensamento e da Ciência, afirma Léon Denis. Uma vez estabelecidas as verdades espirituais e dentre elas a sobrevivência do Espírito, fundamental, a Doutrina, longe de ficar apenas nas afirmativas metafísicas, doutorais, das demais doutrinas espiritualistas, partiu para o exame e a disciplina dos fatos ou fenômenos produzidos pelos Espíritos desencarnados, todos do domínio da mediunidade e experimentalmente comprováveis.

Afirmava-se o caráter científico da Nova Revelação que, “sem a Ciência, careceria de apoio e confirmação”, como esclarece o Codificador, para quem o Espiritismo, inclusive, não se teria podido constituir em Doutrina antes do desenvolvimento das ciências.

Surgia, assim, “O Livro dos Médiuns”, a segunda obra da Codificação, publicada em 1861 (janeiro), que englobava, outrossim, as “Instruções Práticas sobre as Manifestações Espíritas”, publicadas em 1858, e era, conforme esclarece Allan Kardec, a continuação de “O Livro dos Espíritos”. A edição definitiva é a 2ª, de outubro de 1861.

Lê-se no frontispício da obra que ela * “contém o ensino especial dos Espíritos sobre a teoria de todos os gêneros de manifestações, os meios de comunicação com o Mundo Invisível, o desenvolvimento da mediunidade, as dificuldades e os escolhos que se podem encontrar na prática do Espiritismo”.

“O Livro dos Médiuns” também é obra dos Espíritos, como se vê, ampliada por Allan Kardec que, na “Revista Espírita” de novembro de 1861, assim se expressa a respeito :

“Devemos acrescentar que os Espíritos reviram a obra inteiramente e trouxeram numerosas observações do mais alto interesse, de sorte que se pode dizer que é obra deles, tanto quanto nossa.”

Nesse livro se expõe, conseqüentemente, a parte prática da Doutrina, mediante o estudo sistemático e perseverante, como

queria Kardec, de sua rica e variada fenomenologia, com base na pesquisa, por método científico próprio, o que não exclui a experimentação e a observação, enfim, todos os cuidados para se evitar a fraude e chegar-se à evidência dos fatos.

Mais de cem anos depois de publicado, “O Livro dos Médiuns” é ainda o roteiro seguro para médiuns e dirigentes de sessões práticas, e os doutrinadores encontram em suas páginas abundantes ensinamentos, preciosos e seguros, que a todos habilitam à nobre tarefa de comunicação com os Espíritos, sem os perigos da improvisação, das credices e do empirismo rotineiro, fruto do comodismo e da fuga ao estudo.

A mediunidade, como sabemos, é a fonte primordial dos ensinamentos da Doutrina, e suas tarefas constituem, hoje, sem dúvida, importante contribuição dos espíritas, que a elas se dedicam, à consolidação da fé raciocinada e ao retorno, à normalidade, das condições psíquicas alteradas daqueles que, enleados nas tramas da obsessão disfarçada e tenaz, procuram, agoniados, os centros espíritas, ou são a eles encaminhados.

A comunicação entre os dois mundos, o corporal, material ou visível e o incorpóreo, imaterial ou invisível, é uma premissa básica do Espiritismo, que seria apenas um espiritualismo irreal e duvidoso, se a negasse ou a repudiasse. Essa comunicação, disciplinada e orientada para suas verdadeiras finalidades, pode ser conseguida e mantida, desde que apliquemos à técnica de sua realização os ensinamentos de Allan Kardec contidos em “O Livro dos Médiuns”.

A Doutrina é progressiva e é dinâmica: Espiritismo é conhecimento, é estudo, é orientação, contidos nos princípios expostos em “O Livro dos Espíritos”; ao mesmo tempo, é comprovação, é prática construtiva, é aplicação, para a vida diária das mensagens sublimes que nos chegam dos Irmãos maiores da Espiritualidade, obtidas por processos científicos, de experimentação e observação, nas sessões mediúnicas, as quais devemos orientar segundo os preceitos de “O Livro dos Médiuns”.

Do espiritualismo utópico de antanho passa-se ao espiritualismo científico da Doutrina Espírita, e a Fé e a Ciência não mais se

repelem, aquela porque baseada na Razão e esta preparada, também, para o conúbio sempre julgado impossível, posta a serviço do Espírito, a realidade única do Universo.

III

Iniciada a revolução espiritual com a publicação de “O Livro dos Espíritos”, comprovados seus princípios pela lógica, pela razão e pela experimentação, consoante os postulados de “O Livro dos Médiuns”, Kardec partia agora para a tarefa de iluminar os caminhos, até então tortuosos, da Fé, o que colimou e conseguiu lançando, em 1864, “O Evangelho segundo o Espiritismo”, a terceira obra da Codificação.⁵³

Segundo mensagens mediúnicas que recebera, cabia-lhe, então, “apresentar o Espiritismo qual ele é, mostrando a todos onde se encontra a verdadeira doutrina ensinada pelo Cristo, proclamar que o Espiritismo é a única tradição verdadeiramente cristã e a única instituição verdadeiramente divina e humana”,

Na verdade, como disseram os Espíritos orientadores de Kardec, utilizando uma bela imagem literária, “Com esta obra, o edifício começa a libertar-se dos andaimes e já podemos ver-lhe a cúpula a desenhar-se no horizonte.” — “Obras Póstumas”, 21ª edição, 1985, FEB.

Proclamando que “Fé inabalável é somente aquela que pode encarar a razão, face a face, em todas as épocas da Humanidade”, “O Evangelho segundo o Espiritismo” provocou a reação daqueles acostumados a impô-la à força de dogmas e explicações sibilinas, ridículas e fantasiosas, contumazes beneficiários do Cristianismo adulterado por consciências a serviço de interesses inconfessáveis e mesquinhos, criminosos mesmos.

Alertando as almas para as verdadeiras finalidades da Vida, levando aos humildes e sofredores a lídima mensagem de Jesus, de paz e consolação, permitindo a comprovação de tudo quanto afirma, através das sessões mediúnicas e públicas, a Doutrina Espírita abriu muitas brechas, rombos mesmos, nas cidadelas que abrigavam, como ainda abrigam, os céticos, os materialistas, os

mercadores de coisas sagradas, os teólogos concretos e abstratos de todos os tempos.⁵⁴

A reação foi, muitas vezes, violenta; nada impediu, porém, que “O Evangelho segundo o Espiritismo” fosse e seja lido em profusão, no Brasil e no mundo, pois encontrou, “de imediato, funda ressonância nos cérebros e corações de milhares de necessitados de todas as classes sociais, posto que lhes respondia, de maneira racional e convincente, às dúvidas, aflições e angústias”. (V. Ofício da FEB, em que pleiteia o lançamento do selo comemorativo do primeiro centenário daquela obra, *in* “Reformador”, de abril de 1964.)

A genuína essência da Doutrina está contida nesse livro, o Evangelho de Jesus verdadeiramente explicado em espírito e verdade, cujo ensino moral é o único que nos pode conduzir à reforma íntima, à realização integral da finalidade da Criação, pelo respeito e obediência às leis divinas, às leis morais, inscritas na própria consciência do Homem.

O Espiritismo, assim codificado por Allan Kardec, vinha mostrar às criaturas humanas a supremacia de sua natureza espiritual, provando-lhes: a existência de Deus, a sobrevivência do Espírito, sua conseqüente evolução através das vidas sucessivas, a comunicação permanente entre os dois mundos, nos quais se realiza o progresso das almas, em estágios simultâneos e sucessivos. Caracterizava, em termos de absoluta justiça, as vicissitudes por que passa o Homem, por sua transgressão às leis de Deus, que, entretanto, sempre permite ao infrator que se regenere, saldando suas dívidas, ao contrário das absurdas penas eternas, a que se vê condenado segundo o entendimento de determinadas e retrógradas crenças.

Dava aos tradicionais conceitos de céu e inferno uma concepção nova, iluminada pela razão e acorde com a natureza espiritual do Homem, sempre chamado a prestar contas ao tribunal de sua própria e rigorosa consciência, mostrando que não são lugares, mas estados em que a alma se pode encontrar, mercê dos atos bons ou

dos desatinos cometidos pelas criaturas, arrastadas pelo orgulho, pelo egoísmo, pela intolerância.

Orientava, em suma, o Homem para a reforma interior, para o combate aos vícios, para uma nova filosofia de vida, mostrando-lhe, sobretudo, a necessidade de ser bom, porque fora da caridade não há salvação.

“Trabalho, solidariedade, tolerância” deveria ser a divisa dos verdadeiros cristãos, capaz de restaurar a fé na sua pureza original e lavar a mancha de hipocrisia e maldade que enodoara, por séculos e séculos, a bandeira de Paz e Amor desfraldada por Jesus na Palestina distante.

Completava-se, assim, a obra dos Espíritos, prepos- tos do Senhor, e a do ínclito missionário Allan Kardec, e à herança de Jesus (Eu vos mandarei um Consolador) era entregue aos homens de boa- vontade do mundo inteiro, aos quais só então era permitido desvendar, pela cogitação filosófica, em termos de simplicidade e clareza, as verdadeiras perspectivas da vida espiritual. E ainda mais: essa realidade espiritual podia ser demonstrada pela pesquisa científica e pela fé raciocinada, consciente, egressa dos tenebrosos processos da crença dogmática, ex cathedra, das épocas medievais e inquisitoriais.

IV

Muitos dos assuntos tratados em “O Livro dos Espíritos” e mesmo nas obras posteriores, “O Livro dos Médiuns” e “O Evangelho segundo o Espiritismo”, não puderam ter o desenvolvimento que sua importância impunha. Allan Kardec compreendeu isso e, infatigável trabalhador e dedicado obreiro do Senhor, complementou os assuntos apenas esboçados ou insuficientemente expostos naquelas obras e tratou de outros, igualmente valiosos para o conhecimento integral da Doutrina. Surgiram assim “O Céu e o Inferno” e “A Gênese”.

Em agosto de 1865 era lançado na França “O Céu e o Inferno”, ou A Justiça Divina segundo o Espiritismo, cuja 1ª edição brasileira, editada em 1875, foi traduzida da 4ª francesa.

Escreveu Allan Kardec, na “Revista Espírita”, número de

setembro de 1865, quando da publicação do livro:

“O título desta obra indica claramente o seu objetivo. Aí reunimos todos os elementos próprios para esclarecer o homem sobre o seu destino. Como nos nossos outros escritos sobre a Doutrina Espírita, aí nada introduzimos que seja produto de um sistema preconcebido, ou de uma concepção pessoal, que não teria nenhuma autoridade: tudo aí é deduzido da observação e da concordância dos fatos.”

Depois de assinalar que as obras sobre o Espiritismo apareceram numa ordem natural e que a Doutrina veio no seu justo tempo, pois que, “mais cedo, teria abortado, mais tarde, teria perdido a ocasião favorável de se produzir”, Kardec esclarece que importantes assuntos seriam tratados em “O Céu e o Inferno”, no seguimento lógico dos esclarecimentos necessários à evolução das almas.

Combatendo o *niilismo*, que leva a tristes consequências, pois os que acreditam que a morte põe fim a tudo costumam deixar a carne pela porta do suicídio ou se entregam a todo tipo de vícios degradantes, na ânsia de “gozar” a vida, desiludidos, depois, amargamente; mostrando que o *temor da morte*, por outro lado, decorre menos do *instinto de conservação* do que mesmo do conhecimento e do juízo errôneos do que seja a *vida espiritual*, a que os homens são levados por crenças espiritualistas mal informadas; provando o *absurdo da doutrina das penas eternas*, dogma imposto às consciências desavisadas e às almas por demais crédulas, pois a punição é sempre temporária e proporcional à falta cometida e a recompensa é graduada segundo o mérito, não se podendo conceber o problema de outra maneira, tendo em vista a bondade e justiça de Deus, que seria pior ou inferior ao Homem, que não castiga o semelhante por todo o sempre, se fosse ou se se mostrasse *insensível e eternamente impiedoso* contra suas próprias criaturas; caracterizando o céu e o inferno, não como lugares de gozos perenes e improdutivos ou de sofrimentos atrozes, que nunca terminam, mas, racionalmente, como *estados de consciência* que o próprio Espírito cria e nos quais vive, seja quando respeita as leis naturais, e, por isso, tem tranqüilidade, é feliz, seja quando, transgredindo-as, torna-se inseguro, considera-se desditoso e se vê, por toda parte

e a todas as horas, angustiado, acicatado pelo remorso, triste, sem perspectivas para o futuro, Allan Kardec elucida e coloca nos seus devidos termos importantes questões teológicas, que tanto têm preocupado a Humanidade e levado milhares de seres, por todos os séculos, a uma falsa concepção da Divindade e, particularmente, de seu próprio destino e dos meios e caminhos que deve seguir, para uma evolução, a que não pode renunciar, mais suave, menos dolorosa, sem as tenazes de uma condenação compulsória, que corta as possibilidades de reabilitação e arrependimento e fere, frontalmente, os atributos mais sublimes do Pai Celestial, quais sejam a Bondade e a Justiça infinita.

A imperfeição acarreta o sofrimento, a perfeição a felicidade, por isso, a alma traz dentro de si mesma o castigo ou o prêmio, onde quer que se encontre. A paz, que desfruta, significa para ela o *céu*-do contrário, conhecerá o *inferno*, cujo fogo simbólico, mas realmente aterrador, alimenta-se do orgulho, do egoísmo, da intolerância, enfim, de todos os vícios e de todas as condé- . náveis paixões a que se deixou arrastar e que, todavia, não são eternos, dependendo do seu livre-arbítrio inverter as posições, bastando, para isso, entregar-se à prática do Bem, que conduz à verdadeira felicidade.

V

Em janeiro de 1868 Allan Kardec publicava “A Gênese” (Os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo), fechando, assim, o ciclo das obras da Codificação, a que, com tanto trabalho e devotamento, se dedicara, no afã de despertar as consciências adormecidas nos casulos sedutores da matéria e dos instintos, para as *revelações* que a Humanidade estava recebendo, destinadas a acelerar seu progresso moral e espiritual. Essa tarefa, de qualquer modo, fora todo o objetivo de sua vida, quer como educador, culto, liberal e progressista, ou como espírita.

“A Gênese” encerra, atendidos os métodos de trabalho adotados desde a obra inicial, de observância dos fatos, de sua universalidade e concordância, a série de livros da Codificação e

apresenta, na Introdução, as razões que fizeram da Doutrina uma obra monolítica, pelas conexões e coerência de seus preceitos, ou seja, generalidade e concordância no ensino dos Espíritos, até hoje não refutado pelos homens, nem desmentido pelos acontecimentos.

No Capítulo I, Kardec caracteriza a Revelação Espírita, mostrando que é, ao mesmo tempo, *divina*, originada dos Espíritos Superiores (“as vozes dos céus a iluminar o caminho e abrir os olhos dos cegos”), resultando, porém, sua elaboração do trabalho do homem; *científica*, porque seus princípios e fatos são comprovados experimentalmente, e *coletiva*, pois resulta do ensino universal, concordante, dos Espíritos (é trabalho de equipe, despersonalizado, portanto).

Em seguida, examina, mais uma vez, o problema de Deus, de difícil compreensão pelos homens e pelas religiões tradicionais e estáticas, voltando à apreciação, mais pormenorizada, de seus atributos, como também dos aspectos sempre discutidos e incompreendidos, da origem e existência do Bem e do Mal.

O papel da Ciência e os problemas de cosmogênese (sistemas do mundo, criação universal, revoluções do Globo, teorias sobre a Terra), o espaço, o tempo, períodos geológicos de formação da Terra, a gênese orgânica (formação dos seres vivos), a gênese espiritual, inclusive encarnação e reencarnação de Espíritos, a gênese mosaica e sua compreensão à luz da Ciência, eis importantes estudos da obra, elaborados para o melhor esclarecimento de aspectos da Doutrina, no seu campo de experiência e observação científicas.

A apreciação dos *milagres*, assim considerados fatos naturais, regidos, todavia, por leis ainda desconhecidas ou pouco estudadas, constitui interessante capítulo de “A Gênese”, que Kardec comenta e esclarece, quando trata dos fluidos em geral, sua natureza e propriedades, do perispírito, da mediunidade, das obsessões e possessões.

Importantíssimo o capítulo referente aos milagres no Evangelho, à natureza de Jesus e a fatos de sua vida na Terra, comentados por Kardec com raro espírito de sabedoria e entendimento.

Sobre as *predições* e a *teoria da presciência*, o Codificador se estende em lúcidas considerações, mostrando que a percepção dos fatos fora das leis conhecidas, e dos sentidos comuns, é uma faculdade inerente do Espírito, tanto mais aperfeiçoada quanto mais adiantado for o mesmo. Por isso, pode prever o futuro. As predições, no Evangelho, são examinadas, então, inclusive quanto à anunciação do Consolador, em que Jesus prediz a vinda, futura, do Espírito da Verdade, para nos dizer tudo quanto Ele não o podia fazer, na época, como de fato aconteceu, com o advento do Espiritismo.

Na parte final da obra, o mestre de Lyon encaminha à Humanidade uma advertência final, suavizada por palavras de esperança, otimismo e fé, alertando a todos para os graves acontecimentos de nossa época, de transição, sem dúvida, e para a necessidade de enquadramento, individual e coletivo, de todas as consciências na tarefa de renovação e progresso, da Terra e de seus habitantes, empreendida por Jesus e continuada, até hoje, por seus prepostos e missionários.

Para isso, o trabalho de todos será o de *fazer reinar entre os homens a caridade, a fraternidade, a solidariedade, para assegurar o hem-~estar moral.*

VI CONCLUSÕES

Verdadeira enciclopédia de ensinamentos transcendentais, a Codificação, como é fácil concluir pelo conhecimento que a própria Doutrina distribui, generosa, foi o fruto, sazonado e bendito, de um *plano* arquitetado na Espiritualidade, havendo um de seus elaboradores concretizado a parte que lhe cabia desempenhar, já encarnado na Terra: Allan Kardec.

Na verdade, os Arquitetos da obra foram fiéis aos compromissos assumidos, daí porque ela resultou num verdadeiro monumento doutrinário filosófico-científico- -moral, quando podia não ter passado, se o *plano* não fosse seguido à risca pelos elaboradores, de mais um edifício rústico dos muitos que representam crenças místicas e espiritualmente inexpressivas, ou sistemas de fanatismo e negação.

A missão de receber, organizar, metodizar e explicar a Doutrina Espírita foi cumprida, fielmente, pelo missionário: à posteridade incumbe estudá-la, respeitá-la, propagá-la, vivê-la.

Jesus apôs-lhe o seu selo, e a bênção de seu Infinito Amor e o zelo pela Humanidade ressaltam de cada palavra dela.

Cada obra contém a matéria exatamente necessária ao seu entendimento à época, mas, como a Doutrina é progressiva, embora os ensinamentos básicos perdurem, estes são complementados por estudos posteriores⁵⁵, sem que nada se modifique nos alicerces doutrinários expostos pelos Espíritos e por Kardec.

Allan Kardec não foi um simples copista (sempre ouviu os amigos espirituais, mas deles prescindiu quando a tarefa era sua), mas o artista digno da obra — fruto, portanto, do ensino dos Espíritos Superiores e da extraordinária capacidade de trabalho do Professor Rivail, de sua ampla e variada cultura humanística, de seus sólidos postulados morais, de seus lúcidos conceitos científicos, servidos por um cérebro bem ordenado, habituado ao raciocínio lógico, uma curiosidade intelectual sadia e bem orientada, uma inteligência penetrante, analítica e fria, como diz Hermínio C. Miranda, em magnífica síntese (v. “Reformador” de janeiro de

1968, pág. 2).⁵⁶

Nem por ser transcendental a obra, e apesar da magnitude dos assuntos tratados, deixou ela de ser simples, para ser acessível a todos, escrita num estilo com as qualidades tradicionais da correção, da concisão, da clareza e harmonia, a que não faltaram originalidade e vigor.

Quanto à *substância* mesma da obra da Codificação, atentos à lição do notável Deolindo Amorim (v. “Anais” do Instituto de Cultura Espírita do Brasil, Vol. III, pág. 141), diremos que os fenômenos em que a Doutrina se apóia não foram desmentidos pela experiência, no tempo e no espaço, antes, pelo contrário, têm sido confirmados em abundância;

- 1) — as teses que a Doutrina sustenta não foram substituídas por outras mais exatas e convincentes, antes permanecem, como que evidentes por si mesmas;
- 2) — os problemas expostos pela Doutrina continuam aguardando solução, que a cegueira espiritual dos homens não encontra, porque se esquivam ao cumprimento dos postulados do Espiritismo ;
- 3) — as soluções da Doutrina, porque alicerçadas nos Evangelhos de Jesus, continuam válidas para todos os problemas que afligem a Humanidade.

Que Emmanuel diga por nós as últimas palavras desta modesta Análise:

“Lembrando o Codificador da Doutrina Espírita, é imperioso estejamos alertas em nossos deveres fundamentais.

Convençamo-nos de que é necessário:

Sentir Kardec;

Estudar Kardec;

Anotar Kardec;

Meditar Kardec;

Analisar Kardec;

Comentar Kardec;

Interpretar Kardec;

Cultivar Kardec;

Ensinar Kardec e
Divulgar Kardec.” (“Reformador”, março, 1961.)

PRINCÍPIOS BÁSICOS DA DOCTRINA ESPÍRITA

O Espiritismo é uma doutrina espiritualista, de características próprias, e, como toda doutrina, tem princípios básicos⁵⁷, claramente definidos, pelos quais se norteia e nos quais apóia as verdades que proclama. Vejamos quais são.

A — DEUS

“A prova da existência de Deus têmo-la neste axioma: *não há efeito sem causa*. Vemos constantemente uma imensidade de efeitos, cuja causa não está na Humanidade, pois que a Humanidade é impotente para produzi-los, ou, sequer, para os explicar. A causa está acima da Humanidade. É a essa causa que se chama *Deus, Jeová, Alá, Brama, Fo-hi, Grande Espírito, etc.*” •— Allan Kardec, em “Obras Póstumas”.

A Intellgência finita do Homem, para compreender, tem de limitar, restringir, circunscrever, qualificar. Definir ó sempre perigoso. Entretanto, procurando entender e aceitar u divindade, o Homem cria atributos para Deus, mas, em verdade, não pode ainda compreendê-lo nem en- .tendfi lo em sua essência e natureza íntima, como adver-' tiram os Espíritos a Kardec (“O Livro dos Espíritos”, Q. 10). Todavia, pode respeitá-lo e amá-lo, pode senti-lo no coração, no âmago da alma.

Por isso mesmo, muitos perguntam se Deus existe, pois a Ciência o nega e o Materialismo o desconhece.

Entretanto, é uma lei científica, a de que não há efeito sem causa, que prova a existência de Deus. De fato, tudo quanto existe e não é obra do Homem, tem de ter uma causa: Deus.

A um pobre beduíno, ignorante, que orava muito a Deus, alguém perguntou como podia acreditar nele.

— “Por suas obras”, disse. E explicou:

— “Você não conhece a origem de uma jóia pelo sinete do joalheiro?

Não sabe de quem é uma carta, pela letra do envelope ? Não

afirma que um camelo e não um cão passou pela estrada, olhando simplesmente o rastro deixado pelo animal ? Assim, também, eu sei que Deus existe por suas obras.”

— “Como? Explique melhor.”

— “É muito fáeil. As estrelas, no céu, não são obra dos homens, que lá não poderiam tê-las colocado. Logo, só podem ser obra de Deus, e, portanto, ele existe.”

De fato, o mais simples raciocínio nos dirá que, se há o relógio, deve existir o relojoeiro. Portanto, se há Criação, deve haver o Criador. A Ordem Universal não poderia ser um fato, se não houvesse a Mente criadora e organizadora, verdade que Kant definiu

“como a mais antiga, a mais clara e a mais adaptada à comum razão humana, e, ao mesmo tempo, a mais popular”.

Deus existe, embora, como assinala Heráclito Carneiro (“Espírito e Matéria”, da Editorial Crítica, 1959), cada povo o conceba de um jeito e dentro de cada povo muitos o entendam a seu modo, daí porque na mente do homem ele varia ao infinito.

Cogitando da existência de Deus, diríamos, como La Bruyère, que “a impossibilidade em que me vejo de provar que Deus não existe, prova-me a sua existência”, porque, como dizia Victor Hugo, “Deus teria de existir, pois, do contrário, como nós existiríamos?”.

Não devemos limitar⁵⁸ o conceito da divindade a apenas um de seus aspectos, nem atribuir ao Criador as perfeições e imperfeições do Criado. Entretanto, para melhor sentir Deus, nós lhe conferimos certos atributos, a começar pela definição que lhe deram os Espíritos: “Deus é a inteligência suprema e a causa primária de todas as coisas.”

Deus é a inteligência suprema porque, se há ordem no Universo, há necessariamente uma inteligência responsável por ela. O efeito é resultado de uma causa, logo, o efeito inteligente tem uma causa inteligente. A grandeza do Universo, o conjunto harmonioso e sábio das leis eternas mostram uma invulgar inteligência orientando, conduzindo tudo e todas as coisas.

Deus é *infinito e eterno*, pois não teve começo e nem terá fim; é o

Incriado e o *Absoluto*. Porque suas leis não mudam nunca, nem se revogam, é *imutável*. A temporalidade, onde há mudança e movimento, é incompatível com a *imutabilidade*, eternidade, atributos da perfeição.

Deus é *imaterial*, isto é, puro Espírito e como tal, ensinava Jesus, deve ser adorado. Forçosamente, é *único*, pois se outro existisse não seria Deus.

É soberanamente *bom e justo*, pois é pai e juiz imparcial, não cria o mal, apenas estabelece a lei, cuja transgressão dá sempre lugar ao reajuste. Jamais nega a oportunidade do resgate das faltas, que, todavia, terão de ser pagas, porque, se a sementeira é livre, a colheita é obrigatória.

O filósofo Epicteto já dizia, quando lhe perguntaram que coisa era Deus:

“Se eu o pudesse declarar, ou eu seria Deus ou Deus não o seria.”

Deus (o Incriado) é, nós (a Criação) *somos, existimos*.

Deus existe, diz o Espiritismo, porque consta da Revelação, porque o compreende nossa razão e porque os fatos o comprovam.⁵⁹

Deus está em tudo (imanência) e se manifesta pela Vida e pelo Amor, mas sua Criação não é Ele (transcendência) ; sendo Deus causa e não efeito, “as obras de Deus não são o próprio Deus, como o quadro não é o pintor que o concebeu e executou” (Allan Kardec, “O Livro dos Espíritos”, Q. 6, *in fine*).

Deus está imanente (presente) em todas as coisas, mas não se confunde com elas, transcende, é distinto delas.

Por todas as suas características supremas, entende-se que Deus é *onisciente* (tudo sabe), *onipotente* (tudo pode) e *onipresente* (está ao mesmo tempo em todos os lugares).

Compreender Deus é impossível, então sintamo-lo, porque Deus é eterno Amor e, como Amor é altruísmo, Deus se dá em Amor a todas as criaturas.

“Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas.” — Q. 1 de “O Livro dos Espíritos”.

B — Evolução

A Evolução⁶⁰, ou seja, o progresso contínuo e ordenado dos seres e dos mundos, constitui uma lei divina, a que está sujeita toda a Criação:

“O Universo inteiro, no mínimo e no máximo, está sujeito a uma evolução constante e progressiva. Há evolução para o Princípio material ; há evolução para o Princípio psíquico.” — Gustavo Geley, “Resumo da Doutrina Espírita”.

Há assim um determinismo divino orientando todo o Plano da Criação, porque tudo progride, tudo se eleva, pois *a perfeição é a característica intrínseca da obra de Deus*, a inteligência suprema:

“A evolução, na sua máxima amplitude, abrangendo e solidarizando Céus e Terras, Sóis e Planetas, o Universo inteiro, é, talvez, a lei fundamental da Providência, de que todas as outras são subsidiárias e complementares ; a razão de ser da Vida, animada e impulsionada pelo Espírito, como seu direto organizador e orientador, para um fim de perfeição inacessível, por enquanto, à nossa razão, transcendendo, no seu dinamismo progressivo, o tempo e o espaço.” — Dr. Antônio J. Freire, “Ciência e Espiritismo”.

Em verdade, a Evolução, como podemos concebê-la, concretiza-se em cadeia de elos indestrutíveis, do cristal às plantas, do princípio espiritual, embrionário, dos animais, ao Espírito individualizado do Homem, dotado de razão e consciência, em milênios e milênios de séculos humanos.

Ingressando no reino hominal, o Espírito, simples e ignorante, é ainda ferocidade e instinto primário, com vislumbres de inteligência, que fará dele, pelos milênios afora, o conquistador da própria Individualidade, síntese final resultante de muitas vivências, em que se depurará, no cadinho da dor, dos sofrimentos, dos atos sublimados de altruísmo e amor, sob a máscara, mutável, de inúmeras personalidades, que viverá por força da lei que transforma os brutos em anjos, a grande retificadora, o instrumento maior da Justiça Divina — *a reencarnação*.

A Evolução, mecanismo simples mas complexo, ao mesmo tempo, verifica-se em dois movimentos paralelos e simultâneos, interdependentes e coexistentes, promovendo o progresso do

organismo físico, numa série numerosa de corpos, forma e matéria, e do organismo anímico, vida e espírito, que deles faz moradas transitórias nos mundos materiais em que encarna e desencarna, periodicamente.

Como esclarece Lannes Bernardes Jr., em seu livro “Espiritualismo Evolucionista”, o Homem resulta de três amplos movimentos evolutivos : o físico, o biológico e o espiritual, que constituem a evolução geral, a Criação. A alma humana, como o corpo físico, de que se utiliza, não são criados perfeitos e acabados (teoria criacionista) ; muitos e muitos milênios são necessários, para que se complete a obra da Criação. A Evolução se faz, pois, lenta, parcial e gradativamente, pelos chamados fenômenos de vida e morte, que atendem à permanente necessidade do ser de modificar-se, renovar-se, melhorar-se. A vida é a força vital que mantém o ser em constante expansão, a morte é apenas um processo de renovação, transformação, porque, em verdade, o Espírito é imortal.

C — Reencaração

O progresso contínuo e incessante é condição inerente do princípio espiritual, o princípio inteligente do Universo ; nessa condição, ele deve utilizar, à medida que evolui, corpos físicos cada vez mais aperfeiçoados e aptos, o que determina a evolução das espécies, dentro das coordenadas básicas do transformismo.

Compreende-se, assim, que a Evolução não poderia decorrer no limitado espaço de tempo de uma ou algumas vidas humanas, por mais longas que fossem; daí as oportunidades repetidas da reencarnação, que permite ao Espírito milhares e milhares de experiências no corpo físico. Essas vivências vão ampliando, cada vez mais, seu cabedal de conhecimentos, enquanto o Espírito realiza, também, a reforma íntima, a iluminação interior, resgatando pela dor, ou pelo bem que faça desinteressadamente, os erros do passado.

A Lei, compreenda-se, não nos impõe a reencarnação, milhares de vezes, nem as torna dolorosas e difíceis: nós mesmos é que nos impemos essa situação, pela invigilância e pelos atos contrários a

ela, que, livremente, praticamos. Agimos em função de princípios inalteráveis, tais como o livre-arbítrio, cujo mau uso nos acarreta a inalienável obrigação do resgate, por força da lei de causa e efeito: os débitos acumulados constituem um carma, de que resulta, sem dúvida, não a fatalidade, mas um determinismo, ou seja, a obrigatoriedade da colheita, porque, como disse André LuÍzj, “Se soubermos suar no trabalho honesto não precisaremos suacr e chorar no resgate justo.”

A doutrina das *vidas múltiplas* explica e justifica a Evolução; à luz da palingenesia compreendemos o mecanismo sábio da Vida, entendemos o Mundo de belezas e misérias em que vivemos.

Gomo os fenômenos mediúnicos, também a reencarnação está na tradição religiosa dos povos mais antigos, cabendo, todavia, ao Espiritismo dar-lhe o realce que os conhecimentos científicos da época o permitem.⁶¹

Só pela reencarnação podemos compreender o Mundo em que vivemos, tudo quanto nele ocorre e que constituem, muitas vèzes, enigmas insolúveis para os que a desconhecem ou não na aceitam. A reencarnação explica e justifica :

a.) — a evolução biológica e espiritual do Homem, através do progresso contínuo das formas físicas, orgânicas, e do princípio espiritual, que as orienta e que se individualiza na criatura humana;

2) — a Sabedoria Divina, feita de Justiça e Bondade, cujas leis punem as faltas, mas permitem ao criminoso a própria recuperação, possibilidade que nunca lhe é negada, pois Deus coloca “o lenitivo da misericórdia sobre todos os processos da justiça”, como diz Emmanuel⁶² ;

3) — o mecanismo de que resultam as condições de vivência terrena, sempre intimamente relacionada com o nosso passado, seja nas experiências da carne, seja nos períodos de vida puramente espiritual, nos quais pomos a funcionar o nosso livre-arbítrio, com as conseqüências determinadas pelo bom ou mau uso que dele fazemos, criando-se, nesta última hipótese, pesados earmas a resgatar.

Ê assim que o espírito compreende a causa da desigualdade social, representada pelos ricos e pelos pobres, pelos poderosos e pelos humildes, pelos doentes e pelos sadios, pelos idiotas e pelos gênios, pelos felizes e pelos infelizes; das simpatias e antipatias espontâneas entre as pessoas; dos conflitos e confrontos entre os membros da mesma família, vivendo no lar comum ; da atuação de vultos históricos, de missionários, etc.

A reencarnação, que não rompe os laços da família, pelo contrário, os fortalece, faz-nos compreender que se os seus membros vezes muitas se mostram antipáticos entre si e mesmo se hostilizam é porque são antigos desafetos que, em outras vidas na Terra, ofenderam-se mutuamente e são, agora, reunidos no lar terreno com o duplo objetivo de servir de prova para uhs e, para outros, de meio de progresso (Allan Kardec, “O Evangelho segundo o Espiritismo”, cap. IV), devendo harmonizar seus sentimentos, esquecendo, servindo e perdoadando.

À doutrina anti-reencarnacionista da unicidade das existências, não admitindo a preexistência das almas que encarnam, implica a fixação prévia de seu destino, negando-lhes o direito ao progresso, e rompe, muitas vezes, os laços de família, separando seus membros, pois, segundo ela, os bons vão para o céu e os maus para o inferno, sem nenhuma possibilidade de se reencontrarem os componentes dos dois grupos.

A doutrina da reencarnação lança luz sobre problemas que, de outra maneira, jamais entenderíamos, para os quais nunca teríamos soluções lógicas: os das provas coletivas, em que dezenas, centenas ou milhares de pessoas, de idades e nacionalidades diferentes, boas ou más, cultas e incultas, perecem por morte violenta, devida a uma pausa comum: o fogo, o afogamento, os desastres, os terremotos.⁶³

A pena de morte, que tanto tem preocupado os sociólogos, os criminalistas, os homens de Estado, jamais seria cogitada, como medida corretiva, por ser contrária aos princípios de humanidade e, sobretudo, por sua inteira inutilidade, de vez que o criminoso não seria, em verdade, afastado da Terra, da sociedade; em suma, o mal

não seria eliminado.

A sexualidade com suas manifestações, naturais, sublimadas ou degradadas também passa a ser vista sob ângulos novos e pode ser analisada em profundidade, desde que aceitemos o princípio da reencarnação e saibamos que os Espíritos podem utilizar, indiferentemente, corpos masculinos ou femininos, conforme as necessidades de sua evolução.

Tais são, em resumo, as conseqüências da reencarnação, “duma lei natural e geral, abrangendo tudo o que pensa, tudo o que vive, tudo o que é”, no dizer do eminente Gustavo Geley (“Resumo da Doutrina Espírita”).

Objecção muito comum contra a reencarnação é a de que não nos lembramos de coisa alguma das Vidas passadas, sinal, portanto, de que não existiram. O Espiritismo nos mostra porque é necessário esse esquecimento, no qual se tem que reconhecer mais uma prova da sabedoria e da bondade de Deus.

A lembrança de nossas vidas passadas e dos fatos ocorridos conosco nas diversas reencarnações, que tivemos, seria inútil e mesmo prejudicial ao nosso progresso espiritual, pois desvendaria aos olhos de todos nossos erros e crimes pretéritos, levando nosso Espírito à depressão, à melancolia, à tristeza, à revolta.

O véu do esquecimento, que apaga de nossa vida as lembranças do passado, constitui mesmo, segundo o Prof. Jorge Andréa⁶⁴, *a maior das per feições do mecanismo pálingenésico*, ocultando o fardo atormentador das vidas pregressas, pois, *cada existência é um estágio de trabalho*, que não deve ser dificultado por lembranças negativas e deprimentes.

Sem a doutrina da reencarnação, a vida, com seus eventos aparentemente ilógicos, suas misérias e suas tragédias sempre maiores e mais constantes, limitada aos poucos anos de uma existência, não poderia ser a obra incomparável de uma inteligência sem par, como a do Criador; seria antes o fruto monstruoso de uma potência infernal, a se deliciar diante da dor e do sofrimento de criaturas inocentes, de criaturas que mal começaip a viver, de pessoas virtuosas, como de criminosos

infames.

Entretanto, no mecanismo admirável da Evolução, as reencarnações esclarecem e reajustam todas as distorções e levam sempre à maior potencialidade espiritual: pela progressiva melhoria das condições em que se encontra, no longo caminho a percorrer, o Princípio Espiritual “ganha sensibilidade, adquire instinto, incorpora inteligência e investe-se de senso moral”.

Nega-se a reencarnação⁶⁵ (até mesmo entre os espíritas), como se fez, em todos os tempos, com outros fatos e verdades científicas, embora a doutrina do criacionismo — cada Espírito se formando para cada corpo físico e vivendo uma única vez na Terra — nos leve até a considerar Deus um verdadeiro monstro, uma inteligência infernal. Todavia, doutrina de esclarecimento e de lógica irrecusável, a reencarnação pode ser aceita sem constrangimentos de qualquer espécie, e provada, mesmo, pelos *argumentos filosóficos*, pelas *mensagens espíritas* e pelas *pesquisas científicas*.

A Evolução atende melhor, como doutrina, aos ensaios da alma humana, mas sem o apoio da reencarnação seria incompreensível, e nenhuma filosofia, até hoje, conseguiu, sem ela, explicar o porquê das coisas relativamente aos seres vivos dotados de inteligência e razão.

As mensagens espíritas, numerosas, insuspeitas, confirmam, como não podia deixar de ser, a verdade das vidas sucessivas, mostrando ainda que se dão até em mundos diferentes, porque a vida não se limita, como muita gente pensa, à nossa Terra, perdida na grandeza infinita do Universo.

A hipótese reencarnacionista é a chave que abre os arquivos da história e do destino do Homem... legítima ou falsa, que Importa?...

A pesquisa científica amplia-se e o estudo experimental da reencarnação, que antes se fazia apenas pelo processo da *regressão da memória*, utilizado por De Rochas e muitos outros, agora se vale da chamada *memória extracerebral*, como no caso do Dr. Ian Stevenson, que já catalogou milhares de exemplos, alguns dos quais ele relata em seu livro “20 Casos Sugestivos de Reencarnação”, dois deles ocorridos em nosso País.

Os casos pesquisados não podem ser, honesta e logicamente, explicados pela fraude, pela criptomnésia, pela memória genética, pela percepção extra-sensorial, nem pela possessão, mas somente

pela reencarnação, verdade esta expressa na frase esculpida no frontispício do dólmen de Allan Kardec, no Cemitério do Père-Lachaise:

“Nascer, viver, morrer, renascer ainda e progredir sempre, tal é a Lei.”

A reencarnação não é uma doutrina estabelecida pelo Espiritismo, que apenas lhe deu coloração nova e aduziu explicações mais completas, a respeito do seu mecanismo; ela está na base de muitas religiões antigas, como o budismo, a teosofia, o rosa-cruz, etc.

De relance, podemos citar:

“Assim como a alma vestindo este corpo passa pelos estados de infância, mocidade, virilidade e velhice, assim, no tempo devido, passa a um outro corpo, e, em outras encarnações, viverá outra vez.” — Krishna, no “Bhagavad- -Gítâ”.

“Fui víbora no lago, cobra mosqueada na montanha; fui estrela, fui sacerdote. Desde que fui pastor, escoou-se muito tempo; dormi em cem mundos, agitei-me em cem círculos.” — Os druidas.

D — Sobrevivência do Espírito

O Homem é, essencialmente, um Espírito imortal, que não desaparece, portanto, com a morte orgânica, com o perecimento do corpo físico. Entretanto, milhares de criaturas não acreditam na imortalidade da alma e a Ciência, apesar de todas as provas evidentes e experimentais a respeito, continua afirmando: “Nada encontramos que justifique a crença na sobrevivência. Ê uma hipótese simpática e agradável, mas improvada.”

Com o advento do Espiritismo, o que era uma questão de fé passou a ser um fato corroborado pela experimentação e observação, embora não seja nenhum absurdo admitir a imortalidade do Espírito humano por força da fé raciocinada.

A imortalidade da alma resulta comprovada pelo laboratório mediúnico do Espiritismo, cujas sessões práticas trazem até nós os chamados mortos, nada mais nada menos que criaturas humanas desencarnadas, todavia perfeitamente vivas, com todas as características que as distinguem, neste mundo, quando aqui se

achavam em corpos somáticos.

Fator importante, princípio elementar de toda doutrina espiritualista, o Espiritismo comprova, sem dogmas, sem mistérios, racionalmente, a sobrevivência do Espírito, verdade inalienável graças à qual constrói o monolítico sistema com que explica, até onde o permitem, as limitações da inteligência humana, o Mundo em que vivemos e o mecanismo da sua evolução.

Cientistas dos mais notáveis, entre espíritas e não espíritas, realizaram experiências cercadas de todos os cuidados necessários à confirmação dos fenômenos e atestaram, corajosamente, sua legitimidade e, por conseguinte, a imortalidade do Espírito: Charles Richet, William Crookes, Frederico Zöllner, Camilo Flammarion, César Lombroso, Ernesto Bozzano, Frederico Myers, William James, Cromwell Varley, Alexandre Aksakof, Paul Gibier, William Barret, Oliver Lodge, James Hyslop, William Crawford, Frank Podmore, Roberto Hare, August de Morgan, J. Maxwell, Eugène Osty, Gustave Geley, Gabriel Delanne, Albert De Rochas, Enrico Morselli e muitos outros.⁶⁶

Numerosos, como sabemos, os fenômenos mediúnicos comprovam, a seu modo, a sobrevivência do Espírito, mas o que torna a evidência maior, se assim podemos dizer, é o da ectoplasmia, ou seja, o fenômeno de efeitos físicos dito de materialização.

A história do Espiritismo registra muitos casos de materializações, sendo mais conhecidos os seguintes:

- 1) — do Espírito Katie King que, em vida, fora Annie Owen Morgan, filha do pirata inglês Morgan, tendo como médium a notável Florence Cook, e como experimentador o grande sábio inglês William Crookes que, durante anos, conviveu com Katie e cujas observações foram publicadas no livro “Fatos Espíritas”;
- 2) — do Espírito Esteia Livermoore que, por seis anos, apresentou-se ao marido e a amigos, como se viva fora, graças à mediunidade de Kate Fox, a heroína de Hydesville ;
- 3) — dos Espíritos Nepenthes e Iolanda, ambas de grande beleza, tendo como médium Elisabeth d’Espérance, que narra os

fenômenos em seu livro “No País das Sombras”;

- 4) — do Espírito Senhora Testa, fenômeno ocorrido com a médium Eusápia Paladino, na Itália;
- 5) — dos Espíritos João e Raquel Figner, filha de Frederico Figner, que conviveu com a menina materializada, graças à médium Ana Prado (ver “Trabalho dos Mortos”, obra de Nogueira de Faria).⁶⁷

Em verdade, ninguém morre, pois que, ao desencarnar, deixando no túmulo o corpo material, o Espírito volta ao mundo invisível, à pátria espiritual, mais vivo do que nunca, guardando suas características, nem melhor nem pior do que quando se achava na Terra. A vida, como a chamamos, não começa no berço nem acaba no cemitério. Nascer e morrer são episódios da evolução, que se repetem ao correr dos séculos, até que não mais tenhamos que reencarnar neste mundo.

E — Comunicação entre os dois mundos (o físico e o espiritual) — Mediunidade

Os Espíritos vivem, ora na Terra, encarnados, ora no Espaço, desencarnados, mas, os interesses recíprocos, de toda ordem, que os unem, fazem com que se comuniquem, embora situados em planos diferentes de vibração, por meio da mediunidade, faculdade orgânica de que são dotadas todas as criaturas, em maior ou menor grau de desenvolvimento.

Há, assim, um intercâmbio ativo e contínuo de idéias e mesmo de interesses materiais, que assegura o permanente contacto entre os dois mundos, prova evidente da sobrevivência do Espírito ao perecimento do corpo material, de que se servia, quando na Terra.

A vida, em verdade, é contínua, e tudo quanto apresente de grandeza ou miséria retrata, por igual, as duas comunidades, que reagem constantemente entre si, intimamente ligadas pela origem e ideais.

Coube ao Espiritismo revelar o mecanismo dessas revelações, estudando as leis que as regem, e mostrar a necessidade de submeter todas as manifestações à direção e controle de pessoas

esclarecidas, estudiosas e moralizadas.

Na verdade, os encarnados sofrem verdadeiro assédio de seus irmãos do mundo espiritual, a que continuam ligados por sentimentos de amor, saudade, ódio, medo, remorso, vingança, alimentados, também, por eles, intensamente.

Nos seus diversos graus de intensidade, a atuação dos Espíritos sobre os encarnados pode acarretar-lhes, como de fato acontece, perturbações das mais sérias, agravadas por sua invigilância e seus pensamentos negativos e pelos laços que os prendem, de vidas anteriores, aos antigos comparsas, hoje desencarnados.

Então teremos, como é sabido, as obsessões, as sub-juгаções, as possessões, que hoje avassalam a maioria das criaturas.

Disciplinando a mediunidade, estudando e controlando os fenômenos, a que dá causa, o Espiritismo esclarece, em termos técnicos, corretos e simples, o mecanismo da comunicação entre encarnados e desencarnados, oferecendo aos homens os meios seguros de convivência com os que já partiram, mostrando-lhes como tomar proveitoso e útil esse intercâmbio.

A Doutrina Espírita nos demonstra que, segundo a lei divina do Amor, devemos ser humildes e aceitar com resignação as provas, que nos são impostas, como consequência de nossas más ações em vidas pregressas, quando, então, ofendemos irmãos que confiaram em nós e que agora procuram, em sua ignorância espiritual, cobrar aquilo a que se julgam com direito, embora ninguém possa fazer justiça pelas próprias mãos. Devemos ter fé e trabalhar, com dedicação, pelo esclarecimento desses irmãos, orando muito por eles e realizar a nossa própria reforma íntima, indispensável respaldo do nosso desejo de progresso espiritual, de nossa paz interior.

O intercâmbio com os irmãos da espiritualidade também nos proporciona ensinamentos preciosos, pelas mensagens recebidas de entidades categorizadas e que constituem advertências, conselhos, roteiros seguros para nossas vidas, sujeitos que estamos a difíceis provas, individuais e coletivas.

Não nos deixemos, porém, enganar, porque entre o mediunismo sem doutrina e a prática consciente e disciplinada da mediunidade,

como comprova o Espiritismo, a diferença é muito grande, e depende de nós a escolha do meio mais adequado de mantermos o intercâmbio com os irmãos da espiritualidade, aos quais devemos levar a contribuição do nosso saber e sincero desejo de ajuda e esclarecimento quando necessitados, recebendo, outros- sim, dos que estejam em condições de assim proceder, o ensino precioso de suas mensagens de consolação e estímulo, que, realmente, estimulam nosso progresso espiritual.

Em resumo:

Os Princípios Básicos da Doutrina Espírita, de que jamais se poderia despojar (de um, sequer), sem quebra da unidade de sua essência ou estrutura e natureza, mostram, à sociedade, os aspectos em que se desdobra, para abranger uma concepção total do Mundo, sintetizada naquilo que se pode denominar suas coordenadas mestras. — Ciência, Filosofia e Religião, conforme, aliás, expunha Kardec na Conclusão (item VII) de “O Livro dos Espíritos” :

“O Espiritismo apresenta-se sob três aspectos diferentes: o das manifestações, o dos princípios e da filosofia que delas decorrem e o da aplicação desses princípios.”

Há, portanto, uma conexão mútua entre os fenômenos da Vida, porque tudo na Natureza se encadeia por elos que ainda não podemos compreender e tende para a Unidade, conforme disseram os Espíritos a Kardec (Q. 604

0 607, de “O Livro dos Espíritos”). É esse entrosamento dos aspectos da Doutrina que a torna insubsti-

1 nível, como síntese dos conhecimentos do Homem neste findar de tempos, que levará a um novo Céu e a uma nova Terra (Apocalipse, 21, 1).

Assim, o Espiritismo prova, experimentalmente, a sobrevivência do Espírito e mostra sua origem e natureza, acorde com os princípios básicos da Evolução. É ciência, n ciência da comunicação entre encarnados e desencarnados e dos fenômenos que dela decorrem.

Demonstra que o Espírito, por sua natureza, é responsável, daí as reencarnações determinadas pela necessidade de resgate e

correção de desvios em relação à Lei, atendendo a que a liberdade (livre-arbítrio) tem seus limites e o acúmulo de erros e transgressões implica a constituição do canna e este no determinismo, a que então wo vê sujeito, compelido o Espírito. O Espiritismo é, então, filosofia.

Conclui, afinal, que, sendo o Homem um ser moral, deve aceitar, como consequência dos princípios científicos e filosóficos que regem a Vida, a existência de Deus — a inteligência suprema e a causa primária de todas as coisas, inclusive dele, Homem —, daí a justificava de sua adoração, do culto interior no templo do coração e da consciência e do respeito, para um reto viver, às suas leis eternas de Fraternidade, de Justiça, de Amor. Assim, o Espiritismo é a Religião.

Cumpre-nos, como espíritas, estudar a Doutrina, para bem compreendê-la, e, por amor à verdade que ela encerra, jamais permitir que se lhe quebre *a unidade de princípios*, a fim de que continue a linfa cristalina e pura, manancial de ensinamentos preciosos, o roteiro, enfim, das almas que, embora jungidas ao fardo da matéria, anseiam por alçar o vôo que as levará às paragens, ainda apenas entrevistas, da verdadeira vida espiritual.

A ORIGEM DA VIDA

O Espiritismo, como ciência, não pretende, absolutamente, substituir as disciplinas que, em virtude do continuado esforço humano, tiveram suas bases estabelecidas através de séculos e séculos de estudos e pesquisas, de análises e experimentações. Não se pode negar, de fato, a contribuição valiosa da ciência materialista ao progresso da Humanidade.

O papel do Espiritismo não é o de substituição nem de intromissão em seara alheia, mas de complementação dos ensinamentos e das conclusões da Ciência, que pode enriquecer-se, iluminar-se e situar-se em dimensões novas e em bases mais lógicas e de mais perfeito entendimento.

De fato, assim se dá, porque
“O Espiritismo, não cessamos de repetir, é ciência de observação e investigação constantes. Tatearemos agora as primeiras

constatações ante o infinito das realidades que *busca, devassa, esclarece*. Há, ainda, e continuamente, infindo campo de informação a perquirir e comprovar no continente da vida espiritual.” — Viana de Carvalho (mensagem psicografada por Divaldo P. Franco). — Os grifos são nossos.

Como salienta, por outro lado, o Professor Deolindo Amorim, em artigo publicado na “Revista Internacional de Espiritismo”, de julho de 1970, intitulado “Perspectivas do Espiritismo no Mundo”, “(...) o Espiritismo tem elementos de elucidação para enriquecer o entendimento na apreciação de muitos problemas inerentes às ciências humanas.”

Esse pensamento, o mesmo articulista já o havia expandido, em outros termos, em artigo intitulado “Encontro de Opiniões”, também estampado na “Revista Internacional de Espiritismo”, de outubro do ano anterior:

“(...) a Doutrina Espírita está bem fundamentada para levar sua interferência não apenas a certos aspectos da Biologia, mas também da Psicologia, como da Filosofia, pois as teses espíritas — é bom repetir —, quando bem estudadas, têm repercussão em diversos domínios da cultura humana.”

Entretanto, o problema da origem da vida, que tem preocupado os homens de pensamento e cultura, desde a antiguidade, tanto quanto seja possível saber a respeito, continua a situar-se, até hoje, no campo das hipóteses. Mesmo para nós, os spiritistas, porque apenas podemos afirmar que a origem da vida está em Deus, “a inteligência suprema e a causa primária de todas as coisas”.

Há coisas que ainda não temos condições de saber, advertem os Espíritos Superiores: entre elas está a *origem da vida*.

Claude Bernard disse, pois, com acerto, que “não se pode definir a vida” e quando alguém o tenta, como o fez Bichat, apenas se limita a um circunlóquio: “É o conjunto de princípios que resistem à morte”.

A vida, dizemos, é atributo dos seres vivos, mas isso é muito pouco, em verdade.

TEORIAS

A Ciência tem procurado, em longos debates e com bastante imaginação, desvendar o mistério da origem da vida e daí as teorias formuladas a respeito.

A teoria *mecanicista* ou *organicista* é defendida pelos materialistas que explicam a vida como resultante de um conjunto de fenômenos físico-químicos, o que se dá quando a matéria chegou, na sua evolução histórica, aos estágios biológicos próprios, tudo ocorrendo, naturalmente, dentro dos princípios da *causalidade* e da *indeterminação*. Dizem, então, que “algo se organizou, algo cresceu”, mas não explicam *como*. A essa teoria, *monista*, opõe-se a do *vitalismo* (ou vitalista), *dualista*, segundo a qual a matéria é animada por um princípio extrafísico, “o princípio vital”. A vida seria, assim, a *causa* da organização da matéria, não o *efeito*, como querem os materialistas.

Procurando, talvez, conciliar posições irredutíveis, surgiu a teoria *neovitalista*, de Claude Bernard, que aceita as leis da matéria, mas sustenta que a *vida*, uma energia particular, inerente à matéria viva, orienta-a numa direção própria, pelo chamado *princípio ou idéia diretriz*.

Outras teorias⁶⁸ tratam do assunto, inclusive a da *geração espontânea*, defendida por Pouchet e que a genialidade de Pasteur demonstrou não ser verdadeira. Kardec a considerou *hipótese provável*, mas não como *artigo de doutrina*; deu, apenas, sua opinião pessoal.⁶⁹

Citemos, de passagem, as teorias *ondulatória* e *coloidal*, de menor importância, esta de autoria de Augusto Lumière.⁷⁰

A vida é algo que mantém o ser em constante expansão e renovação, rumo à Vida Maior, à sua fonte inesgotável — Deus, antepondo-se à morte, mero processo de renovação, nos longos caminhos da evolução, a que estão sujeitos todos os seres. Nada, em verdade, morre, no sentido que se dá ao termo, de destruição definitiva, de perecimento. Há apenas mudanças permanentes de estados vibratórios, decorrentes da natureza mesma dos seres,

todos animados do princípio espiritual⁷¹, individualizado no Homem, difuso nas demais criaturas, indestrutível por origem e natureza, porque,

“Não obstante a substância vivente morrer continuamente, a vida não se extingue nunca. A renovação é condição de vida, e a vida e a morte mais não são que fases desta renovação... *Assim como o que não morre não pode ter nascido, também o que existia antes do nascimento não pode morrer. O que nasceu com a vida, com a vida não morre.*” — Pietro Ubaldi, in “A Grande Síntese”.

O HOMEM

CONSTITUIÇÃO⁷²

O Homem é um Espírito, que se utiliza de vários corpos materiais, os corpos físicos, e de um semimaterial, fluídico, o corpo astral ou perispírito, para realizar, em várias etapas, chamadas encarnações, a evolução, a que está sujeito, por sua própria natureza.

O Espírito, essência divina, imortal, é o princípio intelectual, imaterial, individualizado, que sobrevive à desagregação da matéria. É dotado de razão, consciência, livre-arbítrio e responsabilidade.

É o princípio inteligente do Universo (“O Livro dos Espíritos”, Q. 23).

Assim, *uno* em essência (espiritual), o Homem é *trino* em pessoa, constituindo-se, segundo a concepção espírita, de

- 1) — Espírito (inteligência)
- 2) — Perispírito (corpo fluídico, matéria menos densa)
- 3) — Corpo físico, carnal (matéria densa).

O Espírito é eterno; o corpo físico, que é utilizado pelo Espírito, diferente em cada encarnação, é destruído, em cada desencarnação, pelo fenômeno da morte, e o corpo fluídico, ou perispírito, serve, permanentemente, ao Espírito, cada vez mais depurado, até que

dele não mais necessite.

O PERISPÍRITO

Lemos em “O Livro dos Espíritos” e em “O Livro dos Médiuns” que o perispírito, uma substância vaporosa, formada do fluido de cada globo, matéria, portanto, embora menos densa, é o envoltório do Espírito, sob cujo comando e direção exerce importantes funções.

A forma do perispírito é a que lhe queira dar o Espírito, por isso, ele toma a aparência humana dos desencarnados, para que possam ser reconhecidos, identificados por nós. O mesmo acontece com os animais, também dotados de princípio espiritual.

Em sua “Enciclopédia de Parapsicologia, Metapsíquica e Espiritismo”, João Teixeira de Paula define o *perispírito* como o “invólucro fluídico, vaporoso, quintessenciado, semimaterial, do Espírito, com flexibilidade e expansibilidade”.

O Prof. Jorge Andréa, em sua obra “Nos Alicerces do Inconsciente”, diz que é constituído de capas vibratórias unidas por contigüidade, que, partindo do Centro espiritual do Homem, adensam-se à medida que se aproximam do corpo físico, de onde como que transbordam, Irradiando para fora, sob a forma de *aura*, variável de acordo com o grau de evolução do Espírito. '

O termo *envoltório* ou *invólucro* não é muito real, porque o “corpo não envolve o- Espírito, fica interpene- trado por ele e o perispírito, em contacto com todas as células do organismo, desde os fios de cabelo até às unhas dos pés”, segundo pensa o Prof. Artur Massena, Presidente da Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro.

FUNÇÕES DO PERISPÍRITO

Pela diferença de vibrações, o Espírito não poderia atuar diretamente sobre a matéria do corpo físico, daí a necessidade de um corpo intermediário, cujas vibrações fossem mais intensas junto ao Espírito e mais fracas próximo do corpo carnal, permitindo a ação recíproca de n m sobre o outro, de que resultam a vida psíquica consciente, os fenômenos da vida vegetativa e os de origem

mediúnica.

Por ser estável e indestrutível, o perispírito representa o arcabouço, o esqueleto, o modelo do corpo físico, que condiciona, desde a fecundação até a completa formação orgânica.

O corpo físico se renova sempre, pela contínua substituição das células, mas o *perispírito*, como o *molde* do organismo, permanece o mesmo e, em todas as encarnações, presidirá à formação e constituição do soma.

A respeito dessa importante função do perispírito, vamos resumir aqui a magnífica lição do Prof. R. C. Romanelli, constante de artigos publicados em “Mundo Espírita”, de agosto/setembro de 1969.

A vida resultou do impulso que começou no seio tépido das águas dos mares primitivos, com a gênese dos primeiros compostos albuminóides, culminando no Homem. Esse impulso evolutivo é de caráter ortogenético, impondo a filiação das espécies (filogênese), que resultam umas das outras. As causas do transformismo ainda desnorteiam a Ciência (embora tenha ela abandonado o *fiocismo* ou *criacionismo*), e seus fatos não se dão por *acaso*, não são devidos a agentes físico-químicos (teorias mecanicistas) nem à evolução dialética da matéria, e muito menos ao *princípio vital*, que anima a matéria, mas não pode criá-la, nem transformá-la.

Há um *finalismo* na obra da criação : os princípios físico-químicos estimularam, mas não dirigiram a evolução, que é devida a um agente *imaterial*, e a Doutrina nos mostra que esse agente propulsor e orientador dos fenômenos biológicos é de ordem psíquica, pelo qual se exprime outro mais sutil, inteligente — o Espírito. Seu *modus operandi* se dá pela *reencatnação*. A forma física (*corpo* ou *soma*) é modelada segundo a forma psíquica (*perispírito* ou *noossoma*). Por efeito de sua direção, a matéria ainda informe do ovo irá constituir-se e organizar-se no embrião, este no feto, este no recém-nascido. Sabe a Ciência que nenhuma alteração morfológica se transmite do corpo para o *gene*, mas, ao contrário, deste para aquele (Genética). As modificações do corpo se processam primeiro no *gene*. A criação de uma espécie nova só pode

provir, portanto, da alteração do *gene* que lhe deu origem.

Cada nova qualidade demonstrada no perispírito é transferida ao *soma*, na encarnação seguinte, através do *gene*. Seria uma *hereditariedade psíquica*, mais concreta quanto mais elevada a entidade reencarnante, que não herda de outra, mas de si mesma, a não ser caracteres orgânicos determinados pela hereditariedade.

O *impulso criador* não se origina, porém, no *perispírito* e sim no Espírito, projetando-se no corpo astral e depois no *soma*. *Soma e perispírito* (noossoma), em cada encarnação, se tornam mais flexíveis e transparentes. Assim, há uma *progressiva atualização de formas*, do mais simples e menos complexo para o mais complexo: o peixe saiu de anfíbio, daquele o mamífero inferior, deste o antropóide, que deu origem ao homem.

Assim, o Espírito é *substância*, o perispírito é *forma*, que se define copio o conjunto de propriedades e características de organização do ser.

Em resumo:

- 1) — o perispírito (*noossoma*) é a sede dos princípios organogênicos, constituindo o modelo invisível que estrutura o corpo ou *soma*,-
- 2) — a palingênese explica a filogênese, o incessante aprimoramento do *noossoma* (perispírito) através da reencarnação e, portanto, o contínuo aperfeiçoamento do *soma* ou corpo físico, com a criação de novas espécies ;
- 3) — a continuidade e integridade da estrutura somática, através do processo filogenético, só foi possível graças à continuidade e integridade da estrutura noos- somática, através do processo palingenético;
- 4) — nenhuma alteração se fixa no *soma*, para transmitir-se, por hereditariedade, à descendência, se primeiro não se fixou no *gene* (germe) e nenhuma alteração se fixa no germe, se primeiro não se fixou no *noossoma*;
- 5) — o aparecimento de caráter novo no *soma* não se faz de improviso nem por acaso, não surge do nada, por geração espontânea, mas é fruto de longa e inciente elaboração na estrutura noossomática, através de sucessivas reencarnações.

Daí por que as características orgânicas são tanto mais vagas e imprecisas quanto mais recuamos na escala zoológica, porque todo órgão, por mais complexo que seja, se originou de formas elementares e inferiores.

Emmanuel, no livro que tem o seu nome, no tópico “O santuário da memória”, cap. XXIV, afirma, categórico:

“O corpo espiritual não retém somente a prerrogativa de constituir a fonte da misteriosa força plástica da vida, a qual opera a oxidação orgânica ; é também ele a sede das faculdades, dos sentimentos, da inteligência e, sobretudo, o santuário da memória, em que o ser encontra os elementos comprobatórios da sua identidade, através de todas as mutações e transformações da matéria.”

Assim, quando o Espírito quer, o perispírito vibra e o corpo físico executa, de modo mais ou menos perfeito, as ordens recebidas. As vivências do Espírito lhe permitem armazenar, por assim dizer, no perispírito, os conhecimentos adquiridos e essa *memória ancestral*, embora oculta por pesado véu material, pode ser revelada por processos próprios (regressão da memória). Criam-se, assim, pela repetição contínua e milenar, os *atos instintivos* que se tornam *inconscientes*, formando os *instintos*, forma elementar da manifestação do princípio espiritual. Dos instintos mais primitivos o ser evolve até chegar à razão, ao raciocínio, ao *conhecimento* da verdade, que o tornará livre dos preconceitos, do orgulho, da vaidade, do egoísmo, da roda das encarnações compulsórias. Um dia, Espírito puro, o perispírito, seu maravilhoso instrumento de evolução, terá desaparecido ou, talvez, quem sabe, dissolver-se-á, fundido nele? Porque, em verdade, inteligência e memória são atributos do Espírito imortal.

Fenômenos os mais diversos, de ordem psíquica, não teriam explicação sem a existência do perispírito, que jamais se separa do Espírito e o acompanha, portanto, no fenômeno da morte. Durante a vida terrena, o Espírito pode afastar-se do corpo físico, no conhecido *desdobramento ou bilocação*, quando, então, é visto em local afastado de onde se encontra o corpo somático, o que ocorre graças ao corpo astral, que *conserva a forma humana*, como

sabemos.

As experiências de *exteriorização da sensibilidade*, realizadas por Albert de Rochas, demonstraram que a sensibilidade está, realmente, no perispírito, porque, o afastamento deste, acompanhando o Espírito, leva o corpo físico a não sentir coisa alguma, deixando de reagir a qualquer estímulo exterior, por mais contundente que seja (fogo, pancadas, cortes, etc.).

Ê através do perispírito que os desencarnados atuam nos fenômenos de mediunidade e obsessivos, pois assim atingem o organismo somático dos encarnados, por meio, sobretudo, do sistema nervoso que, como se sabe, é considerado hoje como parte material ou o prolongamento físico, por assim dizer, do corpo astral. Atuam, seja diretamente nas correntes vibratórias do psicossoma, seja nas zonas físicas das várias regiões nervosas, atendendo à extrema sensibilidade de suas células.

Nas sessões de ectoplasmia, os desencarnados se tornam visíveis e tangíveis, fazendo revestir seu perispírito pela substância ectoplásmica, construindo verdadeiros organismos vivos, que lhes permitem a convivência momentânea conosco. Ê a materialização, assim impropriamente chamada.

Em resumo, o perispírito

- 1) — é o *molde ou arcabouço* do corpo físico, pois contém fluidicamente as células, os órgãos, os aparelhos, que se condensam no corpo carnal. Êste será o reflexo do perispírito, que determinará sua forma, tamanho, aspecto, estado de higidez, doenças, conforme a herança que o Espírito acumula, nas diversas reencarnações, e cujos frutos, como herdeiro de si mesmo, terá, forçosamente, de colher; durante a vida material, mantém a integridade do corpo físico, cujas células podem renovar-se constantemente, como, de fato, acontece; desencarnado o Espírito, possibilita-lhe conservar a aparência humana, com que se identifica; — verdadeiro *arquivo* das vivências e experiências do Espírito, acompanha-lhe a expansão da individualidade e do progresso;
- 2) — como mediador plástico entre o Espírito e a matéria,

possibilita as influências recíprocas, a fim de que o primeiro possa realizar, na carne, as tarefas apropriadas à sua evolução; explica as reações entre o moral e o físico e permite compreender, com clareza, o mecanismo do inconsciente;

3) — é o instrumento essencial à comunicação entre o plano espiritual e o físico, através do fenômeno da mediunidade.

DENOMINAÇÕES DO PERISPIRITO

Previsto há muito, conhecido mesmo, o *perispírito* tem tomado nomes diversos, conforme a época e os religiosos, que dele tenham tratado : kama rupa, dos budistas ; kha, dos egípcios; ronach, da cabala; khi, dos chineses; linga-sharira, dos hindus; kaleb, dos persas; acasa, dos brâmanes; ochema, dos gregos; enormon, de Hipócrates; carro sutil da alma, de Pitágoras; corpo sutil e etéreo, de Aristóteles; organismo sutil, de Leibniz; corpo espiritual, do Apóstolo Paulo; a aura, de Orígenes; a psiquê, de Tertuliano; o duplo, de Lepage; corpo aroma, de Fourier; aerossoma, dos neognósticos; corpo astral, dos teosofistas; a idéia diretriz ou desenho vital, de Claude Bernard; o corpo sidéreo, de Paracelso; o fluido nervoso, da vidente de Prevorst; o corpo psíquico, de Dupuy; o corpo metafísico, de Cari Du Prel; o corpo glorioso, dos primitivos cristãos; o psicossoma, noossoma, corpo bio-plasmático, dos russos.

OBSERVAÇÃO: — *Aura humana, corpo vital ou duplo etérico*

João T. de Paula, em sua “Enciclopédia de Parapsicologia, Metapsíquica e Espiritismo”, define a *aura* como “Emanação fluídica do corpo humano e dos demais corpos, sejam orgânicos, sejam inorgânicos”, mas adverte que o termo é pouco empregado em Espiritismo.

Entretanto, muitos autores reconhecidamente espíritas têm tratado do assunto, como, por exemplo, o Dr. Antônio J. Freire, em seu livro “Da Alma Humana”.

André Luiz ensina que todos os seres vivos se revestem de um *halo energético* que lhes corresponde à natureza e que no homem essa projeção é modificada e enriquecida pelos fatores do pensamento contínuo, constituindo a *aura humana, o corpo vital ou*

duplo etérico. Por ela exteriorizamos o reflexo de nós mesmos, de acordo com o que pensamos e fazemos (“Evolução em Dois Mundos”, XVII).

O *duplo etérico* seria constituído de matéria em estado etérico (de éter), enquanto o corpo físico se constitui de matéria densa, que se apresenta nos estados sólido, líquido e gasoso.

Duplo etérico e perispírito (termo criado por Allan Kardec) não são a mesma coisa nem desempenham as mesmas funções: o primeiro desaparece com a morte do corpo físico, o segundo sobrevive à desagregação da matéria e acompanha o Espírito para o mundo invisível.

A aura humana seria a irradiação do corpo perispiritual e suas cores variam em intensidade e tonalidade, de acordo com o estado de saúde e com a maior ou menor espiritualização do homem.

O fluido vital, ainda uma transformação do Fluido Cósmico Universal⁷³, é usado pelo princípio espiritual, individualizado ou não, para animar os corpos de que se irão utilizar na vida material. Esse fluido vital estabelece a necessária ligação entre a matéria fluídica do perispírito e a matéria densa do corpo físico. Temos assim a interação Espírito, Perispírito, Corpo Vital ou duplo etérico e Corpo físico, tudo constituindo harmoniosamente o Homem.

O CORPO FÍSICO

O Espírito realiza grande parte de sua evolução encarnado, utilizando-se do corpo físico, cujo estudo tem sido objeto constante da Ciência, que nega a existência do princípio espiritual e reduz a criatura humana a um amontoado de carne, sangue, ossos, vísceras, nervos e órgãos, mas não pode desconhecer o prodigioso e maravilhoso dessa extraordinária, eficiente e sensível máquina, que é o organismo humano.

O corpo físico é estudado e considerado pela Ciência sob vários aspectos, compreendendo constituição, forma e estrutura, objeto da *anatomia humana*, e funções, objeto da *fisiologia*; isto de modo geral porque, particularizando, outros ramos, como a embriologia, a histologia, a citologia, tratam, restritamente, do embrião humano,

dos tecidos e da célula, respectivamente.

É necessário ao espírita, para melhor compreender certos aspectos da Doutrina, que conheça regularmente o assunto, que tão de perto diz com sua própria constituição humana; aliás esse conhecimento é de grande valor nas pesquisas que deseje realizar, sobretudo, no campo da mediunidade, como sabemos.

“O corpo de carne é o santuário em que te exprimes no mundo”, adverte Emmanuel, para mostrar sua importância e nos alertar para a maneira pela qual devemos encará-lo na vida diária, como instrumento de progresso do nosso Espírito, através do qual se filtram, por assim dizer, as nossas imperfeições, no cadinho milagroso da dor, que desperta as criaturas para os problemas e aspectos essenciais da vida futura.

O Espírito realiza a evolução encarnando na Terra muitas e muitas vezes, ocupando, em cada uma dessas vivências, um corpo físico diferente, cuja constituição e funcionamento dependem do comportamento do Espírito, de sua obra, de seus atos nas vidas anteriores; mais saúde ou menos saúde, órgãos perfeitos ou imperfeitos, funções desajustadas, memória, capacidade de aprendizagem e de realizações no campo das atividades humanas, tudo depende, sim, do merecimento próprio do Espírito, que, por intermédio do perispírito, imprime, grava no seu instrumento de trabalho, o corpo material, as deficiências e as capacidades de realização, de que é portador.

O mergulho na matéria constitui para o Espírito uma oportunidade de trabalho, progresso e resgate de faltas, e é por isso que existem doenças de toda ordem, que afetam o organismo humano, levando dor e angústia à alma, quando não é o corpo mutilado, deformado, incapaz de realizar as funções para as quais é normalmente destinado: tudo é fruto do merecimento ou demérito do Ser imortal, responsável, o artífice de seu próprio destino.

Em cada encarnação o Espírito cria e vive na Terra uma *personalidade* diferente, que se expressa através de um *corpo físico* apropriado e constituído segundo as necessidades de evolução da alma e as anotações referentes ao mérito do reencarnante. Por isso,

só o Espírito pode evitar que, em encarnações futuras, outros corpos físicos, que terá de ocupar forçosamente, pois a Lei obriga a nascer, a morrer, a renascer ainda, a progredir sempre, apresentem deformidades ou estejam sujeitos às doenças de toda ordem. Na verdade, o Espírito está vivendo, hoje, a vida que preparou em encarnação precedente e prepara, hoje, a futura reencarnação.

Espírito e corpo físico, que é o reflexo do perispírito, estão, assim, intimamente ligados no desempenho de tarefas evolutivas, pois o progresso é a finalidade maior da Vida.

O espírita não deve utilizar seu corpo físico com demasia de cuidados, com *narcisismo*, nem o submeter a excessos, que desgastam os órgãos e comprometem suas finalidades, apressando, muitas vezes, sua exaustão antes do término, previsto, da reencarnação, o que constitui, também, um *suicídio*.

Não te tornes escravo dele ; contudo, é preciso dar-lhe os cuidados necessários. Por isso, lê e medita a página que te oferece Emmanuel intitulada *No Corpo* :

“Há quem menospreze o corpo, alegando com isso honificar a alma; no entanto, isso é o mesmo que combater a escola, sob o estranho pretexto de beneficiar o aprendiz.

Leve observação, porém, nos fará lembrar a importância da Vida física.

Diz-se, muitas vezes, que o corpo é adversário do espírito; contudo, é no corpo que dispomos daquele bendito anestésico do esquecimento temporário, com que a cirurgia da vida, nos hospitais do tempo, nos suprime as chagas morais instaladas por nós mesmos, no campo íntimo; nele, reencontramos os desafetos de passadas reencarnações, nas teias da consanguinidade ou nas obrigações do grupo de serviço para a quitação necessária de nossos débitos, perante a lei que nos governa os destinos; com ele entesouramos, a pouco e pouco, os valores da evolução e da cultura; auxiliados por ele, perdemos os derradeiros resquícios de herança animal, que carregamos por força da longa vivência, nos reinos inferiores da Criação, a fim de que nos elevemos aos topos da inteligência; integrados nele, é que somos

pacientemente burilados pelos instrumentos da Natureza, ante a glória espiritual que a todos nos aguarda, no Infinito, na condição de filhos de Deus; e, finalmente, é ainda no corpo que somos defrontados pelos grandes amores, a começar pela, abnegação dos anjos maternais da Terra, que nos presidem o estágio no plano físico, habilitando- -nos para a aquisição dos mais altos títulos na escola da experiência. Meditemos nisso e saibamos ver no corpo a harpa sublime em que a sabedoria do Senhor nos ensina, século a século, existência a existência e dia por dia, a bendita ciência do crescimento e da ascensão para a Vida Imortal.”

Emmanuel

(Mensagem do livro “Instrumentos do Tempo” de Emmanuel, psicografado por Francisco Cândido Xavier.)

“Não podemos encarar o homem físico senão como resultado de séries sucessivas de organismos que se ligam às formas mais elementares da vida.” — Lecomte du Nouy, *in* “O Homem e seu Destino”.

EVOLUÇÃO BIOLÓGICA E ESPIRITUAL

Louvando a Deus, diz o salmista:

“Graças te dou, visto que por modo assombrosamente maravilhoso me formaste.” — (SALMOS, 139, 14.)

A história da evolução do Homem é, realmente, um romance maravilhoso, com lances de tragédia, comédia e heroísmos sublimados.

A Evolução é uma lei geral e a ela está sujeita toda a Criação divina e, no dizer de Pietro Ubaldi (“A Grande Síntese”), “(...) corresponde a um conceito de libertação de limites que fecham, de liâmes que estreitam e a um conceito de expansão que, do nível físico ao dinâmico, ao conceituai, é sempre mais vasta. É, assim, ascensão, progresso e conquista”.

O homem surgiu na Terra quando o princípio espiritual como também o corpo material atingiram um grau evolutivo apropriado, graças ao *transformismo*, pelo qual os seres animados ou vivos progridem, utilizando-se de corpos, dos mais simples aos mais

complexos, numa cadeia imensa, do verme à criatura humana.

A alma, ainda não humanizada, anima, portanto, os corpos dos animais, passando por todas as espécies, concatenando, modelando, aprimorando esses invólucros, até que, um dia, atinge o *reino hominal* e, então, utiliza-se do *organismo humano*, mais aperfeiçoado, organismo que, entretanto, não é igual no homem primitivo, das cavernas, e no de hoje, pois o deste já é mais adiantado, melhorado, apresentando caracteres diferentes. O *princípio espiritual*, humanizado, consciente, não ocupará mais os corpos inferiores dos animais, e sim o do Homem.

Ao contrário do que afirma a Ciência, que admite somente a existência da matéria, “não há uma, mas, sim, duas evoluções paralelas, interdependentes, simultâneas, prestando-se mútuo auxílio e cooperação: a do organismo físico e a do organismo anímico”. — Antônio J. Freire, *in* “Ciência e Espiritismo”, 2ª edição, FEB.

Não se pode separar a evolução biológica da espiritual, pois esta comanda, dirige aquela, porque a matéria é inerte por natureza: *mens agitat molem* (o Espírito agita a matéria).

Há, assim, uma *gênese orgânica* e uma *gênese espiritual*, de que trata Kardec, nos Capítulos X e XI de “A Gênese”, e onde emite conceitos que se ajustam às conclusões que hoje podemos adotar quanto à evolução em geral, com apoio na própria Ciência, apesar de haver ele vivido no século passado, quando o *transformismo* apenas ensaiava os primeiros passos:

Capítulo X:

“28. Por pouco que se observe a escala dos seres vivos, do ponto de vista de seu organismo, reconhece-se que, desde o líquen até a árvore, e *do zoo fito ao homem*, há uma cadeia que se eleva por graus, sem solução de continuidade, e da qual todos os elos têm um ponto de contacto com o elo precedente; seguindo passo a passo a série dos seres, dir-se-ia que cada espécie é um aperfeiçoamento, uma transformação da espécie imediatamente inferior.”

“29. Embora isto fira seu orgulho, o homem deve resignar-se a ver em seu *corpo material* o último elo da animalidade sobre a Terra.”

Capítulo XI:

“15. Da semelhança de formas exteriores existentes entre o corpo do homem e o do macaco, certos fisiologistas concluíram que o primeiro não era senão uma transformação do segundo. *Nada há de impossível nisso, nem que afete a dignidade do homem, caso assim seja.*” (Todos os grifos são nossos.)

Em “O Livro dos Espíritos” há conceitos bem claros sobre a diretriz que o Espírito imprime à evolução da matéria formadora dos corpos de que se servem em sua contínua evolução, mostrando a existência do *princípio espiritual* nos animais e sua individualidade e evolução. Vejam-se as questões 597 e 598, a parte inicial da 605, a 607, onde se diz, claramente, que o Espírito evolue “numa série de existências que precedem o período a que chamais Humanidade” e “que o princípio inteligente sofre uma transformação e se toma Espírito”, a 608, a 609 e a 611, com esta resposta definitiva: “Desde que o princípio inteligente atinge o grau necessário para ser Espírito e entrar no período de humanização, já não guarda relação com o seu estado primitivo e já não é a alma dos animais, como a árvore já não é a semente.”

A EVOLUÇÃO BIOLÓGICA

Embora aceita por muitos filósofos antigos a teoria da evolução, até a primeira metade do século XVIII prevalecia a tese da *fixidez das espécies*, segundo a qual os animais teriam aparecido na Terra com suas formas definitivas, já adaptadas ao meio em que iriam viver; imutáveis, conservavam as mesmas características, do aparecimento até hoje. Lineu, seu grande defensor, afirmava que “há tantas espécies quantas, de início, criou o Ser Infinito”; outro adepto da teoria foi Cuvier.

O *evolucionismo* surgiu como decorrência do progresso das Ciências, das pesquisas dos sábios, da observação da Natureza, embora muitos de seus princípios viessem ferir, duramente, preconceitos humanos e religiosos, enfim, o orgulho dos homens. Lançada por Lamarck a teoria, ele a justificou segundo as *leis da adaptação* ou do *uso e desuso dos órgãos* e da *herança dos*

caracteres adquiridos.

O *evolucionismo* é a base do princípio geral do *trans-formismo*, pelo qual os animais evoluem, de formas mais simples para outras mais complexas, estendendo-se por uma cadeia imensa, que vai do protozoário ao Homem, e levou Charles Darwin a expô-lo em seu monumental livro “Da Origem das Espécies”, publicado em 24 de novembro de 1859. Haveria, segundo o sábio, uma *seleção natural*, de que resulta a sobrevivência dos mais aptos na luta que todos travam pela vida (*struggle for live*), teoria que já fora exposta por Alfred Wallace Russel, antes da publicação do livro de Darwin, cuja idéia central é a de “que todas as formas de vida orgânica procedem de um pequeno número de tipos primitivos”, que sofreram a ação lenta e gradual de influências modificadoras do meio, havendo, então, seleção de formas, mediante a ação de leis naturais. A teoria foi complementada pela lei das *mutações*, formulada por De Vries, e segundo a qual aparecem indivíduos com características novas, que, se vantajosas, fixam-se, dando em resultado tipos diferentes.

Mário Jaci, do GES, esclarece, em “Sabedoria”, dezembro de 1965:

“Chama-se *mutação* a transformação do material hereditário que acarreta, nos descendentes, inúmeras variações. Sabemos que as mutações se processam nos vários reinos da natureza e são necessárias para que as espécies evoluam e se adaptem, assim, às variações, por sua vez lentas e inexoráveis, do meio em que vivem. A luz da espiritualidade, essas mutações são necessárias para que as espécies rudimentares, através das quais o Espírito como que inicia sua longa jornada de aprendizagem, possam transformar-se com o correr de milhões e milhões de anos terrestres, em veículos cada vez mais aperfeiçoados à manifestação da Centelha Divina.”

O *transformisme* tem fundamento e comprovação na *paleontologia* (as formas mais simples aparecem primeiro, o estudo dos *fósseis* mostra o contínuo aperfeiçoamento dos corpos animais) ; *anatomia comparada* (que demonstra a identidade de estrutura no mesmo grupo, aparecendo os mesmos órgãos, com as mesmas partes, os mesmos elementos e na posição relativa em todos os

animais, a chamada *conexão dos órgãos*);

embriologia (a epigênese embrionária produz o fenômeno da *recapitulação*, que comprova ser o embrião semelhante em todos os vertebrados) ;

ontogênese (que mostra a série de transformações por que passa o ser, até o completo desenvolvimento).

O *evolucionismo*, expresso na transformação das espécies, surge, simultaneamente, com o Espiritismo, que nos mostra uma evolução paralela, anímica, comandada por um princípio autônomo, diretor, inteligente, o *principio espiritual*.

OS LONGOS CAMINHOS DA EVOLUÇÃO

“Se o fim da natureza fosse apenas perpetuar a vida, ter-se-ia detido nos protozoários, mas o aparecimento sucessivo de formas cada vez mais perfeitas, através dos tempos, mostra bem a ânsia de progresso implícita na lei da evolução constante, abarcando toda a criação”, lemos algures.

De fato, a Ciência nos mostra como evoluiu a Terra, através das idades ou eras geológicas⁷⁴, com seus longos e numerosos períodos, cada qual caracterizado por seres vivos com corpos físicos diferentes, multiformes. A vida teve início nas águas e as algas marinhas são os seres vivos mais antigos que se conhecem. No *protoplasma* primitivo tiveram início as primeiras células, constitutivas dos primeiros e mais rudimentares animais, os *protozoários* (ameba, paramécie), que deram saída à marcha ascensional da vida. Os vertebrados incluem o Homem, no grupo dos mamíferos, antes dos quais vamos encontrar, na série evolutiva, os peixes, os anfíbios, os répteis e as aves.

O corpo físico, que hoje ocupamos, como elemento de trabalho e progresso, é o produto de uma série enorme de contínuos aperfeiçoamentos, conseguidos através de milhões de anos de experiências, lutas, vivências na face da Terra. Cada característica, cada etapa evolutiva revela, em sua história, a luta permanente em busca de novos estágios, de melhores condições de vida, à base do progresso compulsório, a que está sujeita toda a Criação. Embora o

processo evolutivo se faça, se desenvolva à custa de muito tempo e muito sofrimento, pode o Homem orgulhar-se de ser o seu artífice, pois a bondade de Deus lhe reserva o mérito da obra.

Assim, uma a uma, as conquistas da evolução biológica foram-se somando, no correr dos milênios, para resultar no corpo físico de que hoje desfrutamos, como instrumento de trabalho de nosso Espírito, destinado, naturalmente, ao progresso, à perfeição. Temos, assim: os tecidos, que permitiram a divisão do trabalho orgânico, resultando o filamentosos nos nervos, instrumento da vida psíquica; os orifícios, para ingestão dos alimentos (boca) e expulsão dos resíduos (ânus) ; a cabeça, de simetria bilateral definida; os vasos sanguíneos, para a circulação; a ossatura, provinda de cartilagens endurecidas, base do esqueleto, da forma erecta futura; os dentes, para trituração dos alimentos; pulmões, para respiração; pernas, para melhores e mais rápidos movimentos; o ovo de casca, etapa de grande significado na evolução (pela maior proteção aos germes da vida); o sangue quente; a placenta, para proteção das crias; o cérebro, pequeno e pouco eficiente, rudimentar mesmo, que se desenvolve nos primatas e atinge, no Homem, a maior capacidade conhecida.

No último estágio da evolução animal, vamos encontrar, a seguir, a espécie humana, ainda em processo evolutivo, como sabemos, caracterizando-se pela posição erecta do corpo pelas mãos apreensoras pelos olhos de focalização penetrante (visão estereoscópica) pelo cérebro possante pelo dom da palavra (linguagem articulada, inteligente).

A Evolução completa-se do verme ao Homem, e, como ensina Jorge Andréa (“Energias Espirituais no Campo da Biologia”), “à custa de mais um impulso evolutivo, nasce o homem primitivo, ainda profundamente animalizado, devendo atravessar os milênios para definir-se numa melhor espécie, embora mesclada em imensas famílias e raças. Tudo fala em favor da origem do homem das últimas formas físicas animais (antropóides), porquanto ele só aparece no período quartenário, na fase do pleistoceno, quando a escala fitológica e zoológica alcançaram a fixação permanente, definindo as suas espécies”.

Há um milhão de anos aparecia o primeiro homem, mas o de hoje data de 600 mil anos a.C., e a Ciência queda-se, perplexa, procurando o segredo da mutação inacaco-homem, buscando os chamados *elos perdidos* (*miasing link*): “Embora o homem não pudesse ter sido o que é, inteligente e ereto, sem passar pelas etapas do macaco e do mono, a sobrevivência dos monos em nossos dias nos dá uma prova de que a simples passagem por essas etapas não prova, necessariamente, a evolução posterior em direção do homem.” — “Histórias e Aventuras da Vida”, de Julian Huxley e outros.

Mas a Espiritualidade Maior nos dá a solução do enigma, que acabrunha a Ciência: “Os antropóides das cavernas espalharam-se, então, aos grupos, pela superfície do Globo, no curso vagaroso dos séculos, sofrendo as influências do meio e formando os pródromos das raças futuras, em seus tipos diversificados; a realidade, porém, é que as entidades espirituais auxiliaram o homem do sílex, imprimindo-lhe novas expressões biológicas. Os séculos correram o seu velário de experiências penosas sobre a frente dessas criaturas de braços alongados e de pelos densos, até que um dia as hostes do invisível operaram uma definitiva transição no corpo perispiritual pré-existente, dos homens primitivos, nas regiões siderais e em certos intervalos de suas reencamações. Surgem os primeiros selvagens de compleição melhorada, tendendo à elegância dos tempos do porvir.

“Uma transformação visceral verificara-se na estrutura dos antepassados das raças humanas.” — Emmanuel, *in* “A Caminho da Luz”.

A EVOLUÇÃO ESPIRITUAL

Como vimos, a evolução é dupla, simultânea, paralela, a das formas físicas, sob a orientação e o comando do princípio espiritual, inteligente, porque, como diz André Luiz, “tudo é trabalho da mente no espaço e no tempo, a valer-se de milhares de formas, a fim de purificar-se e santificar-se para a glória divina”. — *in* “Entre o Céu e a Terra”.

Sem o princípio espiritual diretor, como explicar, de maneira racional, por exemplo, a passagem de grupos animais de um meio ambiente para outro, da vida aquática para a terrestre e desta para a aérea?

Como explicar a eclosão da vida pela simples evolução dialética da matéria, como quer a Ciência?

O princípio espiritual, esse sim, é a vida, o movimento, a inteligência, é a causa e o efeito de si mesmo e “avança palmo a palmo pela difícil estrada da evolução, sob o guante da dor e impulsionado pelo desejo de superar o meio onde se desenrola o grande drama da vida”. — Hemani G. Andrade, *in* “A Teoria Corpuscular do Espírito”.

Esse princípio diretriz anima, aliás, todos os seres e coisas, porque não haveria matéria sem ele: os cristais, refazendo um ângulo partido, o vegetal, que sente estar a meio caminho do reino animal (as plantas carnívoras), os microorganismos, no campo do automatismo. Por isso, já diziam os mestres muçulmanos:

“Morri como mineral e me converti em planta; morri como planta e me converti em animal ; morri como animal e me convertí em homem.”

A Doutrina Espírita torna o problema de clareza meridiana, aceitável pelo mais exigente raciocínio; pena é que a Ciência não se mostre, até agora, disposta a encarar, do mesmo modo, o assunto.

Na própria Igreja Católica o evolucionismo tem medrado com vigor, graças, sobretudo, às obras de Pierre Teilhard de Chardin, jesuíta francês e cientista de renome, autor de “O Fenômeno Humano” e outras obras de sucesso.

André Luiz, em “No Mundo Maior”, traça, em admirável síntese, o roteiro do elemento inteligente do Universo, segundo a definição de “O Livro dos Espíritos” :

“O princípio espiritual, desde o obscuro momento da criação, caminha sem detença para a frente. Afastou-se do leito oceânico, atingiu a superfície das águas protetoras, moveu-se em direção à lama das margens, debateu-se no charco, chegou à terra firme, experimentou na floresta copioso material de formas

representativas, ergueu-se do solo, contemplou os céus, e, depois de longos milênios, durante os quais aprendeu a procriar, alimentar-se, escolher, lembrar e sentir, conquistou a inteligência. Viajou do simples impulso para a irritabilidade, da irritabilidade para a sensação, da sensação para o instinto, do instinto para a razão. Nessa penosa romagem, inúmeros milênios decorreram sobre nós.”

Sem desconhecer a notável contribuição da ciência materialista, pelos serviços que prestou e presta à Humanidade, mercê do desenvolvimento tecnológico, o Espiritismo já resumiu muito bem o evolucionismo do ser humano, quando declara que “Nascer, morrer e renascer ainda e progredir incessantemente, tal é a lei.”

Assim, pela lei da reencarnação, de causa e efeito, de que resulta o carma, pelas vidas sucessivas, destinadas a assegurar o progresso contínuo e permanente dos Espíritos, a reajustá-los, a reconciliá-los com os preceitos divinos, que transgrediram e menosprezaram, dando-se cumprimento à justiça de Deus, o Espiritismo dá, a cada um, a chave da evolução, como processo que realiza, em todo o Universo, o plano criador do seu Supremo Arquiteto.

O eu do Homem primitivo é pouco mais que animalizado, embora tenha passado do estágio do *instinto* para o da *razão*. Vai evoluir, polir-se, qual diamante bruto, cheio de ganga, vai aprender a vibrar em frequência espiritual cada vez mais alta, pela elevação dos pensamentos, pela prática do amor sublime. Evolução lenta, difícil, penosa, dolorosa, mas inevitável, porque nele palpita o germe da perfeição, a que o destinou o Pai de misericórdia e bondade.

Conforme diz muito bem Lannes Bemardes Jr., em “Espiritualismo Evolucionista”, há no Homem o elemento *emocional* e o *racional*, “as duas motivações energéticas que animam o espírito humano”.

O primeiro “originou-se da energia espiritual coletiva específica que impulsionava, em época pré-histórica, o ramo animal evolutivo do qual surgiu o gênero humano. Ê, por isso, o elemento psíquico causador das atitudes ainda animalizadas do ser humano”.

O segundo é “a sede da razão, das faculdades ditas mentais, a reflexão, o raciocínio, que dão ao Espírito a capacidade de análise e compreensão”.

CONCLUSÕES

A *evolução* é uma lei geral, divina, e sua ação se verifica em todos os aspectos e fases da Criação, abrangendo o Universo inteiro.

Há, quanto ao Homem, a evolução paralela, interdependente, simultânea, do princípio espiritual e do organismo físico, aquele já humanizado, responsável, ao atingir o *reino hominal*.

Os fatos da *evolução biológica*, determinantes do aparecimento das várias espécies, sempre mais adiantadas, a começar dos animais celulares, passando pelos invertebrados e chegando aos vertebrados (peixes, anfíbios, répteis, aves e mamíferos) e finalmente ao homem, só se podem explicar pela diretriz que lhes imprime o *princípio espiritual*, jamais, simplesmente, pelas leis da adaptação ao meio ou da seleção natural, como querem os cientistas do materialismo dialético. A evolução é inteligente, não cega.

QUADRO I A EVOLUÇÃO DA TERRA E DOS SERES VIVOS

ERAS	PERÍODOS	DURAÇÃO EM ANOS	EVENTOS PRINCIPAIS
ARQUEOZÓICA (antiga)	Formação	1200	Surge a <i>vida</i> vegetal: <i>algas marinhas</i>
PALEOZÓICA (primária)	Transição	milhões	<i>Fauna marinha</i> :
	Pré-cambriano	500 500	crustáceos,
	Cambriano	500	moluscos
	Ordoviciano	400	Peixes primitivos
	Siluriano	350	Plantas terrestres
	Devoniano	300	<i>Peixes</i> . Anfíbios
	Carbonífero	500	Glaciação. <i>Répteis</i>
MESOZÓICA (secundária)	Permiano	100	Glaciação. Coníferas gigantes
	Triássico	200	Grandes répteis —
	Jurássico	150	Batráquios <i>Aves</i> (com dentes)
	Cretáceo	150	<i>Flora atual</i> — Mamíferos
		120	

CENOZÓICA (terciária)	Paleoceno		Mamíferos placentários.
	Eoceno	30	Lémures, Társios
	Oligoceno	60	Extinção dos primeiros
	Mioceno	40	mamíferos — Difusão dos
	Plioceno	20	modernos
		—	Primatas (antropóides)
			Glaciação. <i>Hominideos</i>
ANTROPOZÓICA (quaternária)	Pleistoceno	1 milhão	Glaciação. Homem
	Recente	0,6	primitivo (ver Quadro II)
			Homem atual

Idade da Terra: 4,5 a 5 bilhões de anos.

QUADRO n DOS PRIMATAS AO HOMEM (*)

Lémures	Observações
Tarsios (aparece a visão estereoscópica)	Capacidade craniana —
Platirríneos (Macacos do Novo Mundo)	cm ³
Catarríneos (Macacos do Velho Mundo)	
ANTROPÓIDES :	
* Ramo que se estabilizou — antropomorfos: Gibão, Orangotango, Chimpanzé, Gorila;	Postura erecta,
* Ramo que evoluiu nos HOMINIDEOS	humanização do rosto, crânio maior que o dos ANTROPÓIDES. Fala rudimentar ?
AUSTRALOPTECO (Homem símio do sul da Africa)	
PITECANTHROPUS ERECTUS (de Java) ou Homo erectus erectus ...	Dentes, ossos do quadril, da coxa, da perna e dos pés parecidos com os do Homem. Uso de instrumentos de osso e dentes dos animais ou de pedra grosseira. Comiam carne.
SINANTHROPUS PEKINENSIS	790-900
(Homo erectus de Pékin)	900-1200
MEM DE NEANDHERTAL	1100-1450
MEM DE CRO-MAGNON	1100-1500
MEM MODERNO	1120-1500
<p>(.) Ver "Dinâmica Espiritual da Evolução", de Jorge Andréa, Ed. Caminho da Libertação. "Origem e Destino da Vida", de P. M. Bergounloux, Edições Melhoramentos "Introdução à Antropologia", de Ashley Montagu, Editora Cultrix.</p>	

TERCEIRA PARTE LITERATURA ESPÍRITA

INDICE

I — LITERATURA — 1. Conceito; 2. Expressão; 3. Características e Extensão.

II — LITERATURA ESPIRITA — 1. Temas; 2. Objetivo; 3. Linguagem.

3 — LITERATURA ESPIRITA NÃO MEDIÚNICA

A — Autores Estrangeiros

F Grupo — OS CLÁSSICOS: Allan Kardec, Camille Flammarion, Léon Denis, Gabriel Delanne.

2' Grupo — OS CONTINUADORES: A.

Aksakof, E. Bozzano, G. Geley, W. Crookes, A. Conan Doyle, A. de Rochas, O. Lodge, W. Crawford, F. Zollner, A. Freire, A. Russel Wallace, C. Lombroso, C. Richet.

B — Autores Nacionais: L. O. Teles de Menezes, F. R. Ewerton Quadros, A. G. da Silva Baturia, C. Schutel, F. L. de Bittencourt Sampaio, A. Luiz Sayão, Leopoldo Cime, José Petitinga, A. Bezerra de Menezes, Leopoldo Machado, Carlos Imbassahy, Antonio Lima, Fernando do ô, Pedro Granja, Pedro Camargo, Zêus Wantuil, Deolindo Amorim, C. Torres Pastorino, Edgard Armond, J. Herculano Pires, R. A. Ranieri, Roque Jacinto, Francisco Thiesen, Ismael G. Braga, Manuel Quintão, Rodolfo Calligaris, Sylvio Brito Soares, Martins Peralva, Alme-rindo M. de Castro, etc.

LITERATURA ESPIRITA MEDIÚNICA (ou de ALÉM-TÛMULO)

A — Autores Estrangeiros: Emmanuel Swedenborg, André Jackson Davis, Amália Domingo Y Soler, W. Krijanowsky, Stainton Moses, G. Vale Owen, J.-B. Roustaing, Beecher Stowe, Francisco

Sca-ramuzza, William Sharp, Sra. Curran, Géraldine Cummins, Rosemary, Fernando de Lacerda, Pietro Ubaldi, J. Arthur Findlay.

B — Autores Nacionais: Zilda Gama, Yvonne A.

Pereira, Francisco Cândido Xavier, Divaldo Pereira Franco, Waldo Vieira, Frederico Júnior.

C — ADENDA:

- 1) O Caso Humberto de Campos
- 2) Dos Autores de direito e de fato
- 3) Da identidade do autor espiritual
- 4) Páginas Antológicas
- 5) Da influência dos Espíritos em geral
- 6) Da produção da escrita mediúnica

ALGUNS CONCEITOS

I — LITERATURA

1. Conceito — Literatura é a arte que se exprime por meio de palavra falada ou escrita (Manuel Bandeira). É o conjunto de obras escritas, de uma época, de um povo, de uma nação, que tenham relação direta ou indireta com o Belo (“Pequena Enciclopédia de Moral e Civismo”).

A Literatura abrange todas as produções da palavra escrita: o romance, o dicionário, o livro de poesias, etc.

É a cristalização da cultura de um povo (Max Lerner). Compreende todas as manifestações da inteligência de um povo: política, economia, arte, criações populares, ciências (Sílvio Romero, “História da Literatura Brasileira”).

Literatura é toda manifestação intelectual do Homem, por meio da palavra (Cecil Meira). Para Cândido de Oliveira, a Literatura, arte e ciência, é um “instrumento de indagações e análises”, papel sem dúvida desempenhado a contento pela literatura espírita, mediúnica ou não. Para Marques da Cruz, Literatura é a alma de uma Nação em prosa e verso.

A Literatura de um povo depende da situação geográfica do País como também do seu clima, da formação étnica, da população, da

evolução histórica, dos usos e costumes, da religião, em suma, do caráter nacional.

2. Expressão — pela prosa e pela poesia.
3. Características e Extensão — Quanto à essência: Prosa, fala ao intelecto; poesia, fala à sensibilidade. Quanto à forma: Prosa, linguagem continuada; poesia, linguagem rítmica (versos).

Quanto aos gêneros: Épico, lírico, romance, novela, conto; dramático (tragédia, comédia, drama); satírico; filosofia, história, oratória, crítica, folclore, ensaio, epistolografia, jornalismo.

Quanto às escolas literárias: trovadoresca, clássica, gongórica, arcaica, romântica, naturalista, parnasiana, simbolista, **espírita**.

II — LITERATURA ESPIRITA

Expressão dos Princípios da Doutrina Espírita: **universalista e progressista**.

1. **TEMAS:** DEUS, Evolução, Reencamação, Sobrevivência do Espírito, Comunicação entre vivos e mortos (Mediunidade).
2. **OBJETIVO:** Evangelização do Homem (reforma íntima).
Esclarecimento das almas.
3. **LINGUAGEM:** Compatível. Elevada, harmoniosa, ética, simples, confortadora, esclarecedora.

LITERATURA ESPIRITA NÃO MEDIÛNICA

(Produzida em vida dos Autores)

A — AUTORES ESTRANGEIROS

1* Grupo — Os Clássicos

Allan Kardec (1804-1869). **Obras:** “O Livro dos Espíritos” (1841-1857), “Revue Spirite” (1858), “O que é o Espiritismo” (1859), “O Livro dos Médiuns” (1861), “O Espiritismo na Sua Expressão Mais Simples” (1862), “O Evangelho segundo o Espiritismo” (1864), “O Céu e o Inferno” (1865), “A Gênese” (1868), “Obras Póstumas” (1890).

Camille Flammarion (1842-1925). **Obras:** “Pluralidade dos

Mundos Habitados”, “A Morte e o seu Mistério”, “Deus na Natureza”, “Urânia”, “As Casas Mal Assombradas”, “As Forças Naturais Desconhecidas”, “O Desconhecido e os Problemas Psíquicos”, “Sonhos Estelares”, “O Fim do Mundo”, “O Mundo Antes da Criação do Homem”, etc.

Léon Denis (1846-1927). **Obras:** “Depois da Morte”, “O Porquê da Vida”, “O Problema do Ser, do Destino e da Dor”, “Síntese Doutrinária e Prática do Espiritismo”, “Joana d’Arc” (Médium), “No Invisível”, “O Grande Enigma”, “O Além e a Sobrevivência do Ser”, “Cristianismo e Espiritismo”, etc.

Gabriel Delanne (1857-1926). **Obras:** “O Espiritismo Perante a Ciência”, “O Fenômeno Espírita”, “A Evolução Anímica”, “Pesquisas Sobre a Mediunidade”, “A Alma é Imortal”, “As Aparições Materializadas de Vivos e Mortos”, “Documentos para servirem de Estudo à Reencamação”.

2º Grupo — Os Continuadores

Alexandre Aksakof — “Animismo e Espiritismo”, “Um Caso de Desmaterialização”.

Ernesto Bozzano — “Animismo ou Espiritismo?”, “Pensamento e Vontade”, “Os Enigmas da Psicometria”, “Metapsíquica Humana”, “A Crise da Morte”, “Xenoglossia”, “Fenômenos Psíquicos no Momento da Morte”, “Fenômenos de Transporte”, “Literatura de Além-Túmulo”, “Materializações Minúsculas”, “Materialização de Espíritos”, “Comunicações Mediúnicas Entre Vivos”, etc.

Gustave Geley — “Ectoplasma e Clarividência”, “Resumo da Doutrina Espírita”, “O Ser Subconsciente”, etc.

William Crookes — “Fatos Espíritos”.

Artur Conan Doyle — “História do Espiritismo”, “A Nova Revelação”.

Albert de Rochas — “Vidas Sucessivas”, “A Levitação”, “A Feitiçaria” (exteriorização da sensibilidade).

Oliver Lodge — “A Evolução do Homem”, “Raymond”, “Porque creio na Imortalidade Pessoal”.

William Crawford — “Mecânica Psíquica”.

Frederico Zollner — “Provas Científicas da Sobrevivência”.
Antonio J. Freire — “Ciência e Espiritismo”, “Da Alma Humana”,
“Da Fraude no Espiritismo Experimental”.
Alfred Russel Wallace — “Milagres do Moderno Espiritualismo”.
César Lombroso — “Hipnotismo e Mediunidade”.
Charles Richet — “Tratado de Metapsíquica”, “A Grande
Esperança”, “O Sexto Sentido”.
J. Arthur Findlay — “No Limiar do Etéreo”.
Paul Gibier — “Análise das Coisas”, “O Espiritismo”.
Isidoro Duarte Santos — “Os Mortos Vivem”, “Ronda Espiritual”,
“Um Passo no Desconhecido”, “O Espiritismo no Brasil”, “Luz no
Caminho”.
Alfred Erny — “O Psiquismo Experimental”.
Epes Sargent — “Bases Científicas do Espiritismo”.
Marchai (Padre) — “O Espírito Consolador”.
José Amigó y Pellicer — “Roma e o Evangelho”.
Paul Bodier — “A Granja do Silêncio”.
Humberto Mariotti — “O Homem e a Sociedade numa Nova
Civilização”.
A. Wylm — “O Rosário de Coral”.
Antoinette Bourdin — “Memórias da Loucura”, “Entre Dois
Mundos”.
C. A. Lanza — “O Espírito das Trevas”, “O Beijo da Morta”.
Elias Sauvage — “Mireta”.

B — AUTORES NACIONAIS

Luís Olímpio Teles de Menezes — “O Eco de Além-Túmulo”
(jornal).
Francisco Raimundo Ewerton Quadros — “Espiritismo”,
“História dos Povos da Antiguidade sob o Ponto de Vista
Espírita”, “Catecismo Espírita para Meninas”.
Antonio Gonçalves da Silva Batuira — “Verdade e Luz”
(jornal).
Cairbar Schutel — “Revista Internacional de Espiritismo”, “O
Clarim” (jornal), “Parábolas e Ensinos de Jesus”, “O Espírito do

Cristianismo”, “Vida e Atos dos Apóstolos”, “A Vida no Outro Mundo”, “Espiritismo e Protestantismo”, “Médiuns e Mediunidade”, “O Diabo e a Igreja”, “Gênese da Alma”, etc.

Francisco Leite de Bittencourt Sampaio — “A Divina Epopéia”, “Jesus Perante a Cristandade”, “Do Calvário ao Apocalipse”, “De Jesus para as Crianças”.

Antônio Luís Sayão — “Elucidações Evangélicas”.

Leopoldo Cime — “Memória Histórica do Espiritismo”, “Doutrina e Prática do Espiritismo”, “Anti-Cristo, Senhor do Mundo”, “A personalidade de Jesus”.

José Petitinga (José Florentino de Sena) — jornalista, poeta, orador e filósofo, notável pioneiro do Espiritismo na Bahia.

Adolfo Bezerra de Menezes Cavalcanti — “A Loucura sob Novo Prisma”, “A Casa Mal-Assombrada”, “Uma Carta de Bezerra de Menezes”, “Pérola Negra”, “Evangelho do Futuro”, etc.

Leopoldo Machado — “Pigmeus contra Gigantes”, “Doutrina Inglória”, “Julga, leitor, por ti mesmo”, “Sensacional Polêmica”, “O Natal dos Cristãos Novos”, “Para a Frente e Para o Alto”, “Ide e Pregai”, “Cruzada de Espiritismo de Vivos”, “Teatro Espiritualista”, etc.

Carlos Imbassahy — “A Mediunidade e a Lei”, “Religião”, “O Espiritismo à Luz dos Fatos”, “À Margem do Espiritismo”, “A Face Escura da Mente”, “Enigmas da Parapsieologia”, “Hipóteses em Parapsicologia”, “A Missão de Allan Kardec”, “O Que é a Morte”.

Antônio Lima — “A Caminho do Abismo”, “Senda de Espinhos”, “Vida de Jesus”, “A Sonâmbula”.

Fernando do ó — “... E as Vozes Falaram”, “Almas que Voltam”, “Marta”, “Alguém Chorou por Mim”, etc.

Pedro Granja — “Afinal, quem somos?”, “Os Simples e os Sábios”.

Pedro Camargo (Vinícius) — “Nas Pegadas do Mestre”, “Em torno do Mestre”, “Na Seara do Mestre”, “O Mestre na Educação”.

Zêus Wantuil — “As Mesas Girantes e o Espiritismo”, “Grandes Espíritas do Brasil”.

Manuel Quintão — “O Cristo de Deus”.

Deolindo Amorim — “Espiritismo e Criminologia”, “O Espiritismo e as Doutrinas Espiritualistas”, “O Espiritismo à Luz da Crítica”, “Africanismo e Espiritismo”, “O Espiritismo e os Problemas Humanos”, “Idéias e Reminiscências Espíritas”.

C. Torres Pastorino — “Técnica da Mediunidade”, “Sugestões Oportunas”, “Minutos de Sabedoria”.

Edgard Armond — “Mediunidade”, “Trabalhos Práticos de Espiritismo”, “Os Exilados da Capela”, “Curas Espirituais”, “O Redentor”.

Eliseu Rigonatti — “A Mediunidade sem Lágrimas”, “Evangelho dos Humildes”, “O Espiritismo Aplicado”.

Guillon Ribeiro — “Jesus nem Deus nem Homem”.

J. Martins Peralva — “Estudando a Mediunidade”, “Estudando o Evangelho”, “O Pensamento de Emmanuel”, “Mediunidade e Evolução”.

Carlos Toledo Rizzini — “Evolução para o Terceiro Milênio”.

Hermínio Correia Miranda — “Reencamação e Imortalidade”, “As Marcas do Cristo”, “Sobrevivência e Comunicabilidade dos Espíritos”, “Diálogo com as Sombras”, “Histórias que os Espíritos Contaram”.

Miguel Timponi — “A Psicografia ante os Tribunais”.

Michaelus — “Magnetismo Espiritual”.

Celso Martins — “Espiritismo e Vidas Sucessivas”, “Mensagem de Esperança”, “Por um Mundo Melhor”, “A Delicada Questão da Vida”, “Estudos Doutrinários”, “A Obsessão e seu Tratamento Espírita”.

Clóvis Ramos — “A Imprensa Espírita no Brasil”, “O Perfume do Evangelho”.

Wallace Leal V. Rodrigues — “Remotos Cânticos de Belém”, “A Esquina de Pedra”, “E Para o Resto da Vida”, “Os Inocentes”, “Katie King”.

Victor Ribas Carneiro — “ABC do Espiritismo”, “O Espiritismo em Palavras Simples”.

Alfredo Miguel — “As Heroínas de Hydesville”, “Comunicação e

Reencarnação”.

Luciano dos Anjos — “Deus é o Absurdo”.

Aureliano Alves Netto — “Extraordinárias Curas Espirituais”.

Clóvis Tavares — “Amor e Sabedoria de Emmanuel”, “Trinta Anos com Chico Xavier”.

Antônio Souza Lucena, Paulo Alves Godoy — “Personagens do Espiritismo”.

J. Herculano Pires — “Arigó: Vida, Mediunidade e Martírio”, “Barrabás”, “O Verbo e a Carne”, “Lázaro”, “O Espírito e o Tempo”, “Na Hora do Testemunho”, “Curso Dinâmico de Espiritismo”, “Agonia das Religiões”, “Mediunidade”, “Revisão do Cristianismo”, “Vampirismo”.

R. A. Ranieri — “Materializações Luminosas”, “Forças Libertadoras”, “O Abismo”, “Chico Xavier e os Grandes Gênios”, “O Palácio Encantado da Mediunidade”, “O Sexo Além da Morte”.

Ramiro Gama — “Chico Xavier na Intimidade”, “Faze Isso e Viverás”, “Irmãos do Bom Combate”, “Lindos Casos de Bezerra de Menezes”, “Os Mortos Estão de Pé”, “Teatro Espírita”, “Seareiros da Primeira Hora”, “Lindos Casos de Chico Xavier”, “Lindos Casos do Evangelho”.

Roque Jacinto — “Celeiro de Luz”, “Doutrinação”, “Jesus e Kardec”, “Xardec e Emmanuel”, “Passe e Passista”, “Tratamento da Obsessão”, “40 Anos no Mundo da Mediunidade de Chico Xavier”, “Intimidade”.

Jorge Andréa — “Novos Horizontes da Parapsicologia”, “Energias Espirituais nos Campos da Biologia”, “Enigmas da Evolução”, “Nos Alicerces do Inconsciente”, “Palingênese, a Grande Lei”, “Dinâmica Psi”, “Dinâmica Espiritual da Evolução”, “Psicologia Espírita”, “Forças Sexuais da Alma”.

Hemani Guimarães Andrade — “Parapsicologia Experimental”, “A Teoria Corpuscular do Espírito”, “A Matéria Psi”.

Zêus Wantuil e Francisco Thiesen — “Allan Kardec”.

LITERATURA ESPIRITA MEDIÚNICA

A — AUTORES ESTRANGEIROS

Emmanuel Swedenborg⁷⁵ — Nasceu em Estocolmo, na Suécia, em 1688, e desencarnou em Londres, em 1772. Era engenheiro, físico, astrônomo, anatomista, financista, político, estudioso da Bíblia, possuindo vasta cultura. Foi notável médium vidente e publicou muitos livros em Latim. Via, normalmente, cenas do mundo espiritual e os desencarnados que conhecera em vida. Foi dos primeiros a descrever o *ectoplasma* como o “vapor aquoso muito visível e que caía no chão, sobre o tapete”. Verdadeiro pioneiro do movimento espírita. Conversava com os mortos, sem dificuldade, e falava de uma nuvem psíquica grosseira (de baixa vibração) que envolvia a Terra e sua Humanidade. Publicou numerosas obras: “Céu e Inferno”, “A Nova Jerusalém”, “Arcana Celeste”, “A Verdadeira Religião Cristã”, “Sabedoria Angélica”, “O Amor Conjugal”, “Apocalipse Revelado”, etc.

No verbete *Swedenborg*, de “A Verdadeira Religião Cristã”, Vol. 2, lê-se: “Aproveu ao Senhor abrir a vista de seu Espírito e assim introduzi-lo no mundo espiritual.

Foi-lhe concedido estar com os Anjos e os Espíritos em seu mundo como se fosse um deles. Ele conversou no mundo espiritual com os Apóstolos, com os Papas, Imperadores e Reis defuntos, com Lutero, Calvino, Melancton e outros.”

André Jackson Davis⁷⁶ — Nasceu em 1826, nos Estados Unidos, desencarnou em 1910 e é considerado o Profeta da Nova Revelação (o Espiritismo de língua inglesa).

Inculto, grosseiro, doentio, era médium vidente e auditivo dos mais poderosos, e psicógrafo. Descrevia o corpo humano em seu funcionamento normal, pois que a seus olhos se tornava transparente e, por isso, podia perceber nitidamente o coração trabalhando, o sangue circulando nas veias, os movimentos dos pulmões, etc.

Ignorante, quase analfabeto, discorria, em língua hebraica, sobre questões de Geologia, Arqueologia, Mitologia, etc.

Era inspirado e orientado pelo Espírito Swedenborg.

Deixou numerosos livros mediúnicos sob a denominação genérica

de *Filosofia Harmônica e Revelações Divinas da Natureza*.

Em “A Grande Harmonia” descreve a morte de uma senhora, observando e revelando os detalhes da partida do Espírito.

Previu o advento do automóvel, da máquina de escrever, e predisse o aparecimento do Espiritismo no livro “Princípios da Natureza” (1847) : “É verdade que os Espíritos se comunicam entre si, quando um está no corpo e outro em esferas mais altas e, também, quando uma pessoa em seu corpo é inconsciente do influxo e, assim, não se pode convencer do fato. *Não levará muito tempo para que essa verdade se apresente como viva demonstração.*”

Davis, como Swedenborg, como André Luiz muito mais tarde, descreve a *vida espiritual*, mostrando que é *semelhante* à da Terra, porque a *morte não transforma ninguém*. Assim, diz ele que, na verdadeira pátria do Espírito, “viu estudo para os estudiosos, tarefas geniais para os enérgicos, arte para os artistas, beleza para os amantes da Natureza, repouso para os cansados”. — A. Conan Doyle, *in* “História do Espiritismo”.

No dia histórico de *31 de março de 18Jf8* escreve: “Esta madrugada um sopro quente passou pela minha face e ouvi uma voz suave e forte dizer: Irmão, um bom trabalho foi começado — olha! Surgiu uma demonstração viva!”.

Em seu livro “Filosofia do Comércio com os Espíritos” alertava para que não os víssemos como *deuses a adorar*, mas como mestres, jamais abdicando, porém, do direito de raciocinar e julgar, mostrando que “o Espiritismo é útil como uma vivida demonstração da existência futura”.

Fundou, em 1847, um periódico dedicado a assuntos psíquicos e que circulou por pouco tempo, o “The Uni- verccelum”.

Amalia Domingo Soler — Extraordinária figura do Espiritismo na Espanha, deixou “Memórias do Padre Germano”, “Perdô-te”, “Ramos de Violetas”, “O Espiritismo”, etc. Dirigiu as revistas “A Luz do Porvir” e “O Eco da Verdade”. Nasceu em Sevilha, em 1835, desencarnando em Barcelona, em 1909.

Wera Krijanowsky — Médiuim russa, psicografou numerosos romances históricos: “A Abadia dos Beneditinos”, “O Faraó

Merneptan”, “Herculânium”, “O Festim de Baltazar”, “O Sinal da Vitória”, “Romance de uma Rainha”, “A Vingança do Judeu”, “O Chanceler de Ferro”.

Stainton Moses — Reverendo, notável médium : “Ensinos Espiritualistas”.

G. Vale Owen — Reverendo: “A Vida Além do Véu” (revelação da Vida Espiritual).

Jean-Baptiste Roustaing — Advogado na Corte Imperial de Bordéus, de cuja Ordem dos Advogados fora Presidente (Bastonário), Roustaing nasceu em 1806 e desencarnou em 2 de janeiro de 1879, tendo sido contemporâneo de Allan Kardec.

Recebeu e coordenou a obra “Os Quatro Evangelhos”, também denominado “Espiritismo Cristão ou Revelação da Revelação”, estudo dos versículos dos Evangelhos, explicados pelos próprios Evangelistas e recebidos mediunicamente pela Sra. Emilie Collignon.

A obra foi publicada em 1866, em três volumes, e posteriormente, pela FEB, em quatro.

Bastante discutida, já foi apreciada por vários adeptos da Doutrina, em copioso número de artigos nos periódicos espíritas e em livros.

Por tudo isso, o assunto é muito controvertido, e como o Espiritismo é uma doutrina aberta, que prega o uso da razão para melhor se decidir, que os espíritas leiam os livros que abordam o assunto e tirem suas próprias conclusões.

Para conhecimento de todos, sem prejuízo, é claro, da pesquisa nas fontes, vamos indicar aqui o que refere Allan Kardec a respeito de “Os Quatro Evangelhos” e do *corpo fluídico de Jesus*, na “Revista Espírita” e em “A Gênese”:

A “Revista Espírita”, de junho de 1861, páginas 179/184, estampa uma carta de Roustaing a Kardec, da qual diz, resumidamente, o Codificador: “Como nós, todos apreciarão a justeza dos pensamentos expressos nesta carta. (...) Há um outro ponto, pelo qual também se reconhece o espírita sério: pelas citações que o autor desta carta faz dos pensamentos contidos nas

comunicações que ele recebeu, prova de que não se limitou a admirá-las como belos trechos literários, bons para conservar num álbum; mas as estuda, medita e tira proveito. Há outra coisa pela qual devemos felicitar o Sr. Roustaing: é a declaração que termina a sua carta. Infelizmente nem todos têm, como ele, a coragem de sua opinião, o que estimula os adversários.” (Roustaing dissera, ao fechar sua carta: “Eu me honro de ser altamente e publicamente espírita.”.)

1) Na mesma Revista (*anos depois, em 1866*), Kardec afirma, sobre “Os Quatro Evangelhos” de Roustaing: “Esta obra compreende a explicação e a interpretação dos Evangelhos, artigo por artigo, com a ajuda de comunicações ditadas pelos Espíritos. É um trabalho considerável e que tem, para os espíritas, o mérito de não estar, em nenhum ponto, em contradição com a Doutrina ensinada pelo “O Livro dos Espíritos” e o “Livro dos Médiuns”. As partes correspondentes às que tratamos no Evangelho segundo o Espiritismo o são em sentido análogo. O autor desta nova obra julgou dever seguir um outro caminho. Em vez de proceder por gradação, quis atingir o fim de um salto. Assim, tratou de certas questões que não tínhamos julgado oportuno abordar ainda e das quais, por consequência, lhe deixamos a responsabilidade, como aos Espíritos que as comentaram. Conseqüente com o nosso princípio, que consiste em regular a nossa marcha pelo desenvolvimento da opinião, até nova ordem não daremos às suas teorias nem aprovação nem desaprovação, deixando ao tempo o trabalho de as sancionar ou as contraditar. Quando tratarmos dessas questões, fá-lo-emos decididamente. Dissemos que o livro do Sr. Roustaing não se afasta dos princípios de “O Livro dos Espíritos” e “O Livro dos Médiuns”. É assim, por exemplo, que dá ao Cristo, em vez de um corpo carnal, um corpo fluídico concretizado, com todas as aparências da materialidade e de fato um agêner. Sem nos pronunciarmos pró ou contra essa teoria, diremos que ela é, pelo menos, hipotética e que se um dia fosse reconhecida errada, em falta de base todo o edifício desabaria. Sem a prejudicar, diremos que já

foram feitas objeções sérias a essa teoria e que, em nossa opinião, os fatos podem perfeitamente ser explicados sem sair das condições da humanidade corporal. Estas observações, subordinadas às sanções do futuro, em nada diminuem a importância da obra que, ao lado de coisas duvidosas, em nosso ponto de vista, encerra outras incontestavelmente boas e verdadeiras, e será consultada com fruto pelos espíritas sérios.” (Págs. 188/190.)

2) sobre o *corpo fluídico de Jesus*, que “Os Quatro Evangelhos” dão como verdadeiro, Kardec volta a pronunciar-se em 1868, em “A Gênese”, cap. XV.

Beecher Stowe — “A Cabana do Pai Tomaz” (romance abolicionista norte-americano).

Francisco Scaramuzza — “Poema Sacro”, ditado por Ludovico Ariosto, cujas idéias elevadas foram traduzidas em linguagem pobre.

William Sharp — recebeu do Espírito Fiona Macleod, sob cujo nome publicou, obras notáveis que só ficaram conhecidas como de origem mediúnica após a morte de Sharp.

Sra. Curran — Recebeu, em 1913, nos Estados Unidos, notáveis obras literárias, ditadas pelo Espírito Patience Worth, que vivera na Inglaterra em 1649. Os fatos são narrados pelo Dr. Walter Prince, da Sociedade de Pesquisas Psíquicas, de Boston, na obra “O Caso de Patience Worth”.

A médium era de capacidade intelectual comum e as obras ditadas pelo Espírito revelavam conhecimentos históricos, literários e filosóficos profundos.

Dentre os trabalhos recebidos (romances históricos, dramas, poesias), mencione-se:

— “A História Triste” (*The Sorry Tale*), romance histórico, em linguagem moderna, desenrolado na Palestina, ao tempo de Jesus, cuja crucificação era descrita. O título de rei, dado pelas personagens do Imperador Romano, não constituía um erro, como se supôs a princípio, identificando, ainda mais, a autoria mediúnica da obra, sua veracidade.

Anos depois, outro médium, Francisco Cândido Xavier, obscuro e inculto, receberia os romances “Há 2000 Anos...” e “Paulo e Estêvão”, continuando a obra da Sra. Curran. A concordância de médiuns diversos, em vários lugares, psieografando e apreciando assuntos semelhantes, mostra a verdade da fenomenologia espírita, como assinala Kardec.

Diz o Dr. Walter Prince que Patience ditava à médium Sra. Curran e esta repetia as palavras em voz alta (fenômeno de audiência), havendo um secretário que as anotava. A médium, consciente, conversava com os assistentes, fumava, atendia o telefone, interrompendo assim o trabalho, logo depois normalmente recomeçado. Quando uma parte já escrita de um romance se extraviou, Patience repetiu o ditado, que se verificou ser exatamente igual à parte desaparecida e que fora encontrada depois; certa feita, ditou quatro romances de uma vez, um em linguagem moderna, outros em dialetos. Narra o pesquisador que: “Numa dada ocasião, ela reuniu duas personagens de dois romances diferentes, fê-las dialogar de tal forma que a personagem de um dos romances parecia responder à outra, discutindo com ela. Quando as passagens dos dois romances foram desenredadas e colocadas nos seus textos respectivos, verificou-se que cada uma se adaptava perfeitamente à parte que deveria ocupar no livro.”

Télka, poema ditado em linguagem inglesa arcaica, mereceu as seguintes considerações de um dos pesquisadores, o Sr. Yost, editor:

“*Télka* é único não somente pela pureza de sua linguagem anglo-saxônica, pela combinação de formas em dialetos de épocas diferentes e por seus conhecimentos gramaticais, mas também pelas alterações e extensões conferidas a diversos vocábulos. Patience Worth, como Shakespeare, emprega às vezes um advérbio à maneira de um verbo, ou de um substantivo, ou de um adjetivo. Isto se explica pela situação transitória na qual se achava então a língua inglesa ; mas esta observação constitui uma prova suplementar para demonstrar que Patience Worth está de pleno acordo com a sua época, mesmo nas anomalias gramaticais.”

Sobre as obras literárias mediúnicas e sua origem, muito têm cogitado os estudiosos. De onde provêm essas jóias literárias, “nas quais, como observa Bozzano, se desenvolve uma vasta cultura e um gênio admirável, uma riqueza de formas inesgotável na maneira de exprimir seu pensamento, uma profunda filosofia, uma sagacidade penetrante, uma espiritualidade elevada, uma velocidade fulminante na concepção das idéias, uma habilidade excepcional no desenvolvimento das mais complexas operações mentais, enfim, também uma aparente adivinhação do pensamento dos outros”?

O próprio Bozzano responde:

“Nestas condições, deve-se concluir racionalmente que o problema não poderá ser solucionado sem admitir-se a intervenção de uma entidade estranha à médium, entidade conhecedora da língua da qual se serviu tão corretamente.”

Géraldine Cummins — recebe, em 1925, da entidade espiritual O Mensageiro, páginas maravilhosas relativas à época da Igreja Cristã do 1º Século, sob o título de *Escritos de Cleofas*, em presença de padres, médicos, teólogos, historiadores, jornalistas, membros da Sociedade de Pesquisas Psíquicas de Londres e da de Nova Iorque.

Kosemary — Pseudônimo da médium que recebeu mensagens sobre o antigo Egito, da entidade espiritual Lady Nona (Telika), sob o controle do Dr. Frederico Wood.

Lady Nona explicou como se manifestava: “Eu coloco a minha mão esquerda na testa da médium e com a direita guio o lápis.”

(Episódio idêntico foi relatado por André Luiz em “Missionários da Luz”, psicografado por F. C. Xavier, mostrando a concordância de ensino recebido por médiuns diversos em lugares distantes, sem conhecimento mútuo.)

Relatou que, há milhares de anos, fora rainha do Egito, tendo sido afogada no Nilo por ordem do Faraó, que dera ouvidos a intrigas palacianas. O Faraó foi Amenhotep III, que reinou nos anos de 1406-1370 a.C., fez muitas construções e implantou o monoteísmo no Egito.

Rosemary, a médium, tinha sido sua filha adotiva VOLA, princesa síria capturada na guerra e que fora sacrificada com Lady Nona. Lady Nona falava em inglês e depois, inesperadamente, em egípcio, o que levou o Sr. Hulmes, egiptólogo, a interessar-se pelo assunto, entrando em contacto com o Dr. Wood e passando a traduzir o que era ditado pelo Espírito comunicante. Foram recebidas mais de 800 mensagens, em linguagem esquecida há muitos séculos, falada no país ao tempo da 18ª dinastia.

A médium Rosemary, vidente, descrevia costumes do Egito e cenas da vida de ambas (médium e Espírito) nesse país e falava de Telika (Lady Nona) como de “personalidade forte, austera”.

Sobre o assunto há várias obras e estudos, incluindo o de F. V. Lorenz, publicado pela FEB, intitulado “A Voz do Antigo Egito”.

Fernando de Lacerda — Médium português que psicografou obras em que se manifestam literatos portugueses desencarnados: Camilo, A. Herculano, João de Deus, Antero de Quental, Júlio Dinis, Mendes Leal, Almeida Garrett, Fialho de Almeida, ao lado de outros vultos da literatura, das artes, das ciências, etc.

Deixou “Eça de Queiroz, Póstumo” e “Do País da Luz” (4 volumes).

Recebia as mensagens em estado de vigília, conversando, e escrevia o que lhe ditavam, ouvindo-lhe as vozes (fonação intracérebro). Lacerda teve seu braço controlado por entidade espiritual que conhecera em vida e que, com a mesma letra e a mesma assinatura, agora o obrigava a escrever ditos sarcásticos e injuriosos contra o próprio médium e seus familiares.

Pietro Ubaldi — Italiano radicado no Brasil, onde desencarnou. Obra cíclica, a que deixou, destacando-se: “Ascensões Humanas”, “Ascese Mística”, “História de Um Homem”, “Problemas do Futuro”, “Fragmentos de Pensamentos e Paixões”, “A Nova Civilização do Terceiro Milênio”, “Problemas Humanos”, “Deus e o Universo”, “A Grande Síntese”, da qual disse Ernesto Bozzano, em carta ao Autor:

“(…) a onda de inspiração supranormal lhe ditou a mais extraordinária, concreta e grandiosa mensagem mediúnica, de

ordem científica, que se conhece em metapsíquica.”

Escrevia inspirado pelo que chamava de *Sua Voz*.

Emmanuel referiu-se assim à obra de Ubaldi: ““A Grande Síntese” é o Evangelho da Ciência, renovando todas as capacidades da religião e da filosofia, reunindo-as à revelação espiritual e restaurando o messianismo do Cristo, em todos os institutos da evolução terrestre.”

Pietro Ubaldi nasceu em Foligno, na Itália, em 18 de agosto de 1886 e desencarnou em S. Vicente, S. Paulo, em 29 de fevereiro de 1972, com 86 anos, como, aliás, ele mesmo previra em seu livro “Profecias”. Destaca-se, também, como obra mediúnica, “As Três Mensagens”, pois as demais não têm essa característica.

B — AUTORES NACIONAIS

Zilda Gama — Nasceu em Juiz de Fora (Minas Gerais), onde foi professora primária e se jubilou. Desencarnou em 10-1-1969. Sua mediunidade psicográfica explodiu em 23 de dezembro de 1918, ano em que a FEB lança seu primeiro livro, “Na Sombra e na Luz”. Deixou romances notáveis: “Do Calvário ao Infinito”, “Dor Suprema”, “Redenção”, “Almas Crucificadas”, todos ditados pelo Espírito Victor Hugo, o genial escritor francês.

Viveu 91 anos (nasceu em 11 de março de 1878) de trabalhos e muitas dores e dificuldades econômicas, mas sempre dentro dos preceitos cristãos, que nortearam sua existência. “Foi ela, no Brasil, a primeira médium feminina a obter do Espaço uma vasta literatura espírita, tendo causado sensação as suas obras mediúnicas quando apareceram, quer nos meios espíritas, quer entre os leitores leigos, apreciadores da boa literatura. Zilda Gama foi, pois, grande trabalhadora na seara espírita e soube bem cumprir o seu dever de mediadora entre a Terra e a Espiritualidade, não obstante as grandes lutas morais e materiais que sustentou, os grandes sofrimentos e decepções que lhe atingiram o coração.” (V. “Reformador”, abril de 1969.)

“Além dos romances maravilhosos que nos foram ofertados pela mediunidade de Zilda Gama, é interessante referendarmos, aqui, um livro pouco conhecido nos arraiais espíritas, porque surgiu em

1929. Queremos nos referir ao livro “Diário dos Invisíveis”, onde pontificam maravilhosos seres do mundo invisível, trazendo, também, seus judiciosos ensinamentos, o estilo, a técnica de que eram capazes para demover o pensamento materialista, para fecundar a vida espiritualista, para alertar o homem que ele é o artífice de sua própria imortalidade ante as luzes que o envolvem no seu jomadear eterno. É nesse livro, “Diário dos Invisíveis”, que se encontra uma mensagem transmitida pelo Espírito Allan Kardec, mensagem que vibra em todo o seu esplendor, em toda sua autenticidade, porque Zilda Gama, quando recebeu esta obra, estava em fase áurea de mediunidade.” Extraído de uma conferência de Newton Boechat, no Centro Espírita “Léon Denis” (Opúsculo publicado em março de 1975).

Yvonne A. Pereira — Psicografou “Nas Telas do Infinito”, “Memórias de um Suicida”, “Amor e Ódio”, “A Tragédia de Santa Maria”, “Nas Voragens do Pecado”, “Recordações da Mediunidade”, “Ressurreição e Vida”, “Dramas da Obsessão”, “Devassando o Invisível”. “Memórias de um Suicida”, recebido em 1926, foi ditado pelo Espírito Camilo Castelo Branco (sob o pseudônimo de Camilo Cândido Botelho), escritor português, de fama mundial, que se suicidara. A médium, suicida, também, em encarnação precedente, trazia a tarefa de divulgar a obra da doutrinação contra o tremendo erro que é o suicídio.

As obras “Nas Telas do Infinito”, “A Tragédia de Santa Maria”, “Recordações da Mediunidade” são de orientação de Bezerra de Menezes; outras são devidas ao Espírito Charles, amigo da médium, a ela ligado em outras vidas.

Francisco Cândido Xavier — O maior e mais prolífico médium psicógrafo do mundo em todas as épocas.

Nasceu em Pedro Leopoldo, modesta cidade de Minas Gerais, em 2 de abril de 1910. Vive, desde 1959, em Uberaba, no mesmo Estado. Completou o curso primário, apenas.

Pais: João Cândido Xavier e Maria João de Deus, desencarnados em 1960 e 1915, respectivamente. Infância difícil; foi caixeiro de armazém e modesto funcionário público, aposentado desde 1958.

Desde os 5 anos comunicava-se com os mortos, conversando com a própria mãe desencarnada.

Em 7 de maio de 1927 participa de sua primeira reunião espírita. Até 1931 recebe muitas poesias e mensagens, várias das quais publicou com seu próprio nome. Nesse mesmo ano, vê, pela primeira vez, o Espírito Emmanuel, seu inseparável mentor espiritual até hoje.

Em 1932 publica a FEB seu primeiro livro, o famoso “Parnaso de Além-Túmulo”; hoje as obras que psicografou vão a mais de 200. Várias delas estão traduzidas e publicadas em castelhano, esperanto, francês, inglês e japonês.

De moral ilibada, realmente humilde e simples, Chico Xavier jamais auferiu vantagens, de qualquer espécie, da mediunidade. Sua vida privada e pública tem sido objeto de toda especulação possível, na informação falada, escrita e televisionada. Apodos e críticas ferinas, tem-nas colhido de miúdo, sabendo suportá-las com verdadeiro espírito cristão. Viajou com Waldo Vieira ao Exterior, aos Estados Unidos e à Europa, onde visitou a Inglaterra, a França, a Itália, a Espanha e Portugal, sempre a serviço da Doutrina.

Chico Xavier é hoje uma figura de projeção nacional e suas entrevistas despertam a atenção de milhares de pessoas, mesmo alheias ao Espiritismo; tem aparecido em programas de TV, respondendo a perguntas as mais diversas, orientando as respostas pelos postulados espíritas. Já recebeu o título de Cidadão Honorário de várias cidades: Rio Preto, São Bernardo do Campo, Franca, Campinas, Santos, Catanduva, em São Paulo; Uberlândia, Araguari e Belo Horizonte, em Minas Gerais; Campos, no Estado do Rio de Janeiro, etc.

Dos livros que psicografou já se venderam mais de 3.000.000 de exemplares. Até 1971, havia psicografado 16 obras de André Luiz, com 84 edições; 27 de Emmanuel, com 93 edições; 12 de Irmão X (Humberto de Campos), com 54 edições ; 6 de Casimiro Cunha, com 12 edições, e numerosas outras de vários autores.

As obras psicografadas por Chico Xavier abrangem os mais diversos assuntos, compreendendo poesias, romances, contos,

crônicas, história (geral e do Brasil), ciência, religião, filosofia, literatura infantil, etc.

“Parnaso de Além-Túmulo”, a primeira, publicada em 1932, provocou (e comprovou) a questão da *identificação* das produções mediúnicas, pelo pronunciamento espontâneo dos críticos, tais como Humberto de Campos, ainda vivo na época, Agripino Grieco, severo crítico literário, de renome nacional, Zeferino Brasil, poeta gaúcho, Edmundo Lys, cronista, Garcia Júnior, etc.

Prefaciando “Parnaso de Além-Túmulo”, escreveu Manuel Quintão: “Romantismo, Condoreirismo, Parnasianismo, Simbolismo, aí se ostentam em louçanias de sons e de cores, para afirmar não mais subjetiva, mas objetivamente, a sobrevivência de seus intérpretes. É ler Casimiro e reviver “Primaveras”; é recitar Castro Alves e sentir “Espumas Flutuantes”; é declamar Junqueiro e lembrar a “Morte de D. João”; é frasear Augusto dos Anjos e evocar “Eu”.”

Romances históricos foram a Série Romana, de Emmanuel, composta de: “Há 2000 Anos...”, “50 Anos Depois”, “Ave Cristo!”, “Paulo e Estêvão”, provocando a elaboração do “Vocabulário Histórico-Geográfico dos Romances de Emmanuel”, de Roberto Macedo, estudo elucidativo dos eventos históricos citados nas obras. “Há 2000 Anos...” é o relato da encarnação de Emmanuel à época de Jesus.

De Humberto de Campos (Espírito), aparece, em 1938, o profético e discutido “Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho”, uma história de nossa pátria e dos fatos a ela ligados, em dimensão espiritual. (Ver, em capítulo à parte, *O Caso Humberto de Campos.*)

A série André Luiz é reveladora, doutrinária e científica; compreende obras notáveis e a maioria completa, no tocante à vida depois da desencarnação, obras anteriores, de Swedenborg, G. Vale Owen e outros: “Nosso Lar”, “Os Mensageiros”, “Missionários da Luz”, “Obreiros da Vida Eterna”, “No Mundo Maior”, “Agenda Cristã”, “Libertação”, “Entre a Terra e o Céu”, “Nos Domínios da Mediunidade”, “Ação e Reação”, “Evolução em dois Mundos”,

“Mecanismos da Mediunidade”, “Sexo e Destino”, “Desobsessão” e “E a Vida Continua...”.

De parceria com o médium Waldo Vieira, Chico Xavier psicografou 17 obras. A extraordinária capacidade mediúnic de Chico Xavier está comprovada pela grande quantidade de autores espirituais, da mais elevada categoria, que por seu intermédio se manifestam.

Sua vida e sua obra têm sido objeto de numerosas entrevistas e comentários em jornais e revistas, espíritas ou não, em almanaques, e em livros dos quais podemos citar: o opúsculo intitulado “Pinga-Fogo, Entrevistas”, obra publicada pelo Instituto de Difusão Espírita, de Araras; “Trinta Anos de Chico Xavier”, de Clóvis Tavares; “No Mundo de Chico Xavier”, de Elias Barbosa; “Lindos Casos de Chico Xavier”, de Ramiro Gama; “40 Anos no Mundo da Mediunidade”, de Roque Jacintho; “A Psicografia ante os Tribunais”, de Miguel Timponi; “Amor e Sabedoria de Emmanuel”, de Clóvis Tavares; “Presença de Chico Xavier”, de Elias Barbosa; “Chico Xavier Pede Licença”, de Irmão Saulo, pseudônimo de Herculano Pires; “Nosso Amigo Chico Xavier”, de Luciano Napoleão; “Chico Xavier, o Santo dos Nossos Dias” e “O Prisioneiro de Cristo”, de R. A. Ranieri.

RELAÇÃO DAS OBRAS PSICOGRAFADAS POR CHICO XAVIER (MAIS DE 200)

Poetas diversos, a primeira — “Parnaso de Além-Túmulo”.

Humberto de Campos (ou Irmão X) — “Crônicas de Além-Túmulo”, “Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho”, “Novas Mensagens”, “Boa Nova”, “Reportagens de Além-Túmulo”, “Lázaro Redivivo”, “Luz Acima”, “Pontos e Contos”, “Contos e Apólogos”, “Contos desta e doutra Vida”, “Cartas e Crônicas”, “Estante da Vida”.

Emmanuel — “Emmanuel”, “A Caminho da Luz”, “Há 2000 Anos...”, “50 Anos Depois”, “O Consolador”, “Paulo e Estêvão”, “Renúncia”, “Caminho, Verdade e Vida”, “Pão Nosso”, “Vinha de Luz”, “Roteiro”, “Ave, Cristo!”, “Palavras de Emmanuel”, “Fonte

Viva”, “Pensamento e Vida”, “Religião dos Espíritos”, “Seara dos Médiuns”, “Justiça Divina”, “Leis do Amor”, “Opinião Espírita” (com André Luiz), “Livro da Esperança”, “Palavras de Vida Eterna”, “Estude e Viva” (com André Luiz), “Encontro Marcado”, “No Portal da Luz”, “Alma e Coração”, “Bênção de Paz”, “Rumo Certo”, “Mãos Unidas”, “Vida e Sexo”, “Segue-me”, “Escrínio de Luz”, “Instrumentos do Tempo”, “Busca e Acharás” (com André Luiz), “Deus Sempre”, “Companheiro”, “Recados do Além”, “Assim Vencerás”, “Inspiração”, “Amigo”, “Calma”, “Ceifa de Luz”, “Livro de Respostas”, “Urgência”, “Momentos de Paz”, “Pronto Socorro”, “Irmão”, “Caminhos”, “Intervalos”, “Linha 200” (a ducentésima obra), “Atenção” (com outros Espíritos), “Amor e Luz”, “Chico Xavier em Goiânia”, “Luz Bendita”, “Janela para a Vida”, “Paz”, “Mais Perto”, “Material de Construção”.

André Luiz — “Nosso Lar”, “Os Mensageiros”, “Missionários da Luz”, “Obreiros da Vida Eterna”, “No Mundo Maior”, “Agenda Cristã”, “Libertação”, “Entre a Terra e o Céu”, “Nos Domínios da Mediunidade”, “Ação e Reação”, “Evolução em dois Mundos”, “Mecanismos da Mediunidade”, “Opinião Espírita” (com Emmanuel), “Sexo e Destino”, “Desobsessão”, “Estude e Viva” (com Emmanuel). “E a Vida Continua...”, “Sinal Verde”, “Conduta Espírita”, “Sol nas Almas”.

Casimiro Cunha — “Cartas do Evangelho”, “Cartilha da Natureza”, “História de Maricota”, “Gotas de Luz”, “Juca Lambisca”, “Timbolão”.

Irmão Jacob — “Voltei”.

Neio Lúcio — “Mensagem do Pequeno Morto”, “Alvorada Cristã”, “Jesus no Lar”.

Meimei — “Pai Nosso”, “Evangelho em Casa”, “Cartilha do Bem”, “Palavras do Coração”, “Sentinelas da alma”, “Amizade”, “Deus Aguarda”, “Somente Amor” (com Maria Dolores).

Hilário Silva — “A Vida Escreve”, “Almas em Desfile”.

Comélio Pires — “O Espírito de Comélio Pires”, “Retratos da Vida”, “Conversa Firme”, “Baú de Casos”, “Coisas deste Mundo”.

Maria Dolores — “Antologia da Espiritualidade”, “Maria

Dolores”, “Coração e Vida”, “Somente Amor” (com Meimei), “Caminhos do Amor”, “A Vida Conta”.

Batuíra — “Mais Luz”.

Maria João de Deus — “Cartas de Uma Morta”.

Veneranda — “O Caminho Oculto”, “Os Filhos do Grande Rei”.

João de Deus — “Jardim da Infância”.

Manuel Maria Barbosa Du Bocage — “Volta Bocage”.

Bezerra de Menezes — “Bezerra, Chico e Você”.

F. V. Lorenz — “Espéranto como Revelação”.

Marcos — “Crianças no Além”.

Walter Perrone — “Amor Sem Adeus”.

F. C. Xavier, J. H. Pires e Diversos — “Na Hora do Testemunho”.

Augusto — “Falou e Disse”.

Laurinho — “Gaveta de Esperança”, “Antenas de Luz”.

F. C. Xavier, E. Barbosa e Vera Cruz — “Irmã Vera Cruz”.

F. C. Xavier, E. Formiga e Diversos — “Notícias do Além”.

F. C. Xavier e C. Ramacciotti — “Vida no Além”, “Viajores da Luz”.

Augusto — “Augusto Vive”.

F. C. Xavier e H. M. C. Arantes — “Eles Voltaram”.

Diversos Espíritos — “Sonetos de Vida e Luz”, “Palavras do Infinito”, “Lira Imortal”, “Coletânea do Além”, “Nosso Livro”, “Falando à Terra”, “Pérolas do Além”, “Cartas do Coração”, “Instruções Psicofônicas”, “Vozes do Grande Além”, “O Espírito da Verdade”, “Relicário de Luz”, “Antologia dos Imortais”, “Ideal Espírita”, “Dicionário da Alma”, “Trovadores do Além”, “Entre Irmãos de outras Terras”, “Antologia Mediúncia do Natal”, “Caminho Espírita”, “Trovas do Outro Mundo”, “Luz no Lar”, “À Luz da Oração”, “Orvalho de Luz”, “Passos da Vida”, “Poetas Redivivos”, “Idéias e Ilustrações”, “Paz e Renovação”, “Correio Fraternal”, “Trovas do Mais Além”, “Mãe” (Antologia), “Pinga-Fogo” (1ª entrevista), “Coragem”, “Entrevistas”, “Dos Hipes aos Problemas do Mundo”, “Através dos Tempos”, “Taça de Luz”, “Chico Xavier Pede Licença”, “Mãos Marcadas”, “Encontro de Paz”,

“Na Era do Espírito”, “Rosas com Amor”, “Astronautas do Além”, “Entre Duas Vidas”, “Diálogo dos Vivos”, “Calendário Espírita”, “Jovens no Além”, “A Terra e o Semeador”, “Chão de Flores”, “Caminhos de Volta”, “Amanhece”, “Recanto de Paz”, “Somos Seis”, “Momentos de Ouro”, “Enxugando Lágrimas”, “Caridade”, “Tempo de Luz”, “Encontros no Tempo”, “Marcas do Caminho”, “Antologia da Criança”, “Sinais de Rumo”, “Vida em Vida”, “Feliz Regresso”, “Aulas da Vida”, “Rumos da Vida”, “Família”, “Paz e Alegria”, “Vivendo Sempre”, “Seguindo Juntos”, “Quem São”, “Diário de Bênçãos”, “Gabriel”, “Filhos Voltando”, “Os Dois Maiores Amores”, “Vida Nossa Vida”, “Correio do Além”, “Recados da Vida”, “Mais Vida”, “Estamos no Além”, “Ninguém Morre”, “Presença de Laurinho”, “Lealdade”, “Seara da Fé”, “Praça da Amizade”, “Notícias do Além”, “Caminhos de Volta”.

Em co-autoria com Divaldo P. Franco — “... E o Amor Continua”.

Divaldo Pereira Franco — O grande médium baiano destaca-se por sua obra social, por suas obras psicografadas, que já ascendem a 29, e por ser um dos maiores oradores espíritas de hoje, o que lhe tem permitido levar a Doutrina até ao Exterior.

Mantém, na Bahia, em Salvador, a “Mansão do Caminho”, onde abriga, em regime de família, crianças desamparadas. Sua mediunidade eclodiu em 1944, em Feira de Santana, e, em 1948, pronunciou sua primeira palestra pública, em Aracaju.

Obras publicadas: “Messas de Amor”, preciosas mensagens ditadas pelo Espírito Joanna de Ângelis; “Espírito e Vida”, “Dimensões da Verdade”, “Lampadário Espírita”, “Florações Evangélicas”, “Convites da Vida”, “Celeiro de Bênçãos”, também de Joanna de Ângelis; “Filigranas de Luz”, de Rabindranath Tagore; “Glossário Espírita Cristão”, “Legado Kardequiano”, “Ementário Espírita”, de Marco Prisco; “À Luz do Espiritismo”, de Vianna de Carvalho; “Além da Morte”, de Otilia Gonçalves; “Crestomatia da Imortalidade”, “Sementeira da Fraternidade” (diversos Espíritos), “Poema de Paz”, de Simbad; “Panoramas da Vida”, de Ignotus; “Nos Bastidores da Obsessão”, de Manoel Philomeno de Miranda;

“Párias em Redenção”, de Victor Hugo; “Sol de Esperança” (diversos Espíritos), “Seara Espírita”, de Joanna de Ângelis; “Sublime Expição”, de Victor Hugo; “Grilhões Partidos”, “Tramas do Destino”, “Estudos Espíritas”, “Após a Tempestade”, “Depoimentos Vivos”, “Espelho d’Alma”, “Herança de Amor”, “Leis Morais da Vida”, “Momentos de Decisão”, “Oferenda”, “No Limiar do Infinito”, “Rumos Libertadores”, “Sol de Esperança”, “Do Abismo às Estrelas”, de Victor Hugo; “Nas Fronteiras da Loucura”, de Manoel Philomeno de Miranda; “Há Flores no Caminho” e “Luz do Mundo”, de Amélia Rodrigues; “Alerta” e “Otimismo”, de Joanna de Ângelis; “Sementes de Vida Eterna” e “Terapêutica de Emergência” (diversos Espíritos), “No Longe do Jardim”, pelo Espírito Eros; “A Serviço do Espiritismo” (reportagens das viagens de Divaldo ao Exterior, feitas por Nilson Pereira de Souza), “Calvário de Libertação”, de Victor Hugo; “Enfoques Espíritas”, “Messe de Amor”, “Primícias do Reino”, “O Semeador”, “Repositório de Sabedoria” (2 volumes), “Painéis de Obsessão”, “Diálogo”, “Divaldo Franco em Uberaba”.

Para o castelhano foram vertidos “Messe de Amor”, “Primícias do Reino”, “Além da Morte”, “À Luz do Espiritismo” e “Nos Bastidores da Obsessão”. Para o tcheco, “Nos Bastidores da Obsessão”.

O médium baiano — que fala mediunizado — já pronunciou mais de 600 conferências, visitando 24 países, dentre os quais Espanha, França, Inglaterra, África (Johannesburg, Pretória, Lourenço Marques, Moçambique, Luanda, Angola) e, nas Américas, Peru, México, Colômbia, Venezuela, Panamá, Guatemala, El Salvador, Honduras, Uruguai, Argentina e Estados Unidos.

Dolores Bacelar — “A Mansão Renoir”, “A Rosa Imortal”, “A Canção do Destino”, “Às Margens do Eu-frates” (2 volumes), “Cânticos do Além”, “Novos Cânticos”, “À Sombra do Olmeiro”.

ADENDA

— O Caso Humberto de Campos

1. Sua viúva, D. Catarina Vergolino de Campos, propõe, em 1944,

uma ação declaratória contra a Federação Espírita Brasileira e Francisco Cândido Xavier, sob a alegação de que após a morte do marido surgiram produções literárias atribuídas ao *Espírito Humberto de Campos*, psicografadas pelo citado médium e publicadas pela livraria editora daquela instituição espírita, intituladas: “Novas Mensagens”, “Boa Nova”, “Reportagens de Além-Túmulo”, Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho” e “Crônicas de Além-Túmulo”.

2. A ação tinha por objetivo esclarecer se a obra literária era ou não do “Espírito Humberto de Campos”, devendo o juiz declarar, no caso afirmativo, se os direitos autorais pertenceriam à família do escritor ou à Federação Espírita Brasileira e ao médium e, em caso negativo, se os responsáveis pela publicação estariam passíveis de sanção penal, proibidos de usar o nome de Humberto de Campos em qualquer publicação literária e ainda sujeitos ao pagamento de perdas e danos.
3. A defesa da Federação, confiada ao advogado Miguel Timponi, sustentou o seguinte, *preliminarmente*:
 - 1) — a Autora, D. Catarina Vergolino de Campos, pede à Justiça que declare, por sentença, a *sobrevivência ou não do Espírito e a possibilidade ou não de comunicação dos mortos com os vivos* — princípio de fé, religioso e científico, cuja natureza não permite seja decretado pela Justiça, por ser uma questão de *consciência*, de liberdade de crença e de culto religioso, que a *Constituição consagra e garante* ;
 - 2) — deseja a Autora, outrossim, a “realização de *demonstrações mediúnicas para verificação da sobrevivência e operosidade do Espírito Humberto de Campos*, isto é, a produção do fenômeno espírita *em hora certa, em lugar determinado e por método indicado* pela Justiça, quando se sabe que isso não é possível, pois, conforme escreveu Allan Kardec, “não há no mundo um só médium que possa garantir a obtenção de um fenômeno espírita em determinado lugar” — “O Evangelho segundo o Espiritismo”. À Justiça não é, assim, possível determinar a ocorrência de um

fenômeno peculiar, quando ele depende, principalmente, da *vontade soberana dos Espíritos*, que vão produzi-lo, muito menos com indicação de hora e dia de realização, porque “não atenderiam ao pregão solene do porteiro das audiências judiciais...”;

- 3) — a Autora, ou melhor, a Justiça, *não poderia estabelecer, de modo absoluto, a identificação do Espírito* fora dos métodos da técnica da experimentação espírita, que, em verdade, não reconhece nem aceitaria;
- 4) — a ação declaratória é imprópria ao objetivo visado pela Autora, ou seja, *a declaração de um fato*, quando ela só pode ter por finalidade a simples declaração de existência ou inexistência de uma relação jurídica.

4. No *mérito*, a defesa se refere à Federação Espírita Brasileira, indicando sua origem, suas finalidades, a destinação de sua receita à publicação de livros doutrinários, de propaganda da Doutrina e ao setor de assistência social, as obras mediúnicas, publicadas e recebidas sem alegações de fraude ou burla; faz referência às cartas enviadas a Cândido Xavier por D. Ana de Campos Vera, mãe de Humberto, nas quais o chama de *intérprete espiritual* do filho; demonstra que, em face da lei civil, os *mortos* não são mais *pessoas* capazes de *direitos* e *obrigações* e que, portanto, aquilo que possam produzir não constitui *herança* ou *legado*, porque nada podem transmitir. Assim, os herdeiros do *morto* não podem falar em *direitos autorais* de um patrimônio que não integra aquele que lhes fora deixado pelo *de cujus*, quando de sua desencarnação.

As obras mediúnicas, adquiridas livremente pelos que aceitam o fenômeno, não pertencem, portanto, aos herdeiros do *morto*, mas ao *vivo* que as recebe, o médium, esse sim, sujeito de direitos e obrigações. Depois de mostrar a veracidade do fenômeno, com longa citação de fatos e referências aos seus ilustres e idôneos pesquisadores, dentre os quais se contam, como sabemos, alguns dos grandes sábios de todos os tempos, que estabeleceram de modo irretorquível a sobrevivência do Espírito e sua comuni-

com os vivos, a defesa, por seu ilustre patrono, salienta que “Resulta de tudo isso que vem exposto, que procede, à evidência, a preliminar levantada de que ao Poder Judiciário não cabe pronunciar-se em contendas que visem a discutir os fundamentos das religiões, as razões de crença, as questões de foro íntimo, os princípios filosóficos e científicos.”

A Autora foi julgada carecedora da ação proposta, por sentença do Dr. João Frederico Mourão Russel, de 23 de agosto de 1944, de que recorreu. No Tribunal de Apelação do antigo DF a sentença foi mantida por seus jurídicos fundamentos, tendo sido relator o saudoso Ministro Álvaro Murтинho Ribeiro da Costa, que disse :

“Do exposto se conclui que, no caso vertente, não há nenhum interesse legítimo que dê lugar à ação proposta.”

“Assim formulada, a inicial constitui mera consulta; não contém nenhum pedido positivo, certo e determinado, sobre o qual a Justiça se deva manifestar.”

“Os argumentos dessa decisão, vazados em linguagem lógica e sintética, desenvolvem a tese do interesse legítimo peculiar à ação judicial, eis que o grande escritor Humberto de Campos, já falecido, não poderia, depois de sua morte, transferir aos seus herdeiros e sucessores nenhum direito autoral, por isso que, com a morte, extinguindo-se todos os direitos e, bem assim, a capacidade de os adquirir, não poderia ele, logicamente, ter adquirido direito de espécie alguma, segundo o conceito expresso no art. 10 do Código Civil.” — Do voto do Relator.⁷⁷

O *affaire* Humberto de Campos despertou enorme curiosidade da população, sendo comentado pela imprensa do Rio e de outras capitais do Brasil, por magistrados, advogados, professores, cientistas e escritores.

A *literatura mediúnica* continuaria, assim, a enriquecer as almas e a consolar os corações, permitindo a esse fenomenal Chico Xavier o exercício da psicografia de obras que, por sua diversidade e elevado conteúdo moral, constituem hoje inestimável tesouro de cultura e sabedoria.

— Dos Autores de Direito e de Fato

Na *literatura mediúnica*, o verdadeiro Autor seria o *Espírito desencarnado*, porque o médium é, apenas, o *instrumento*, que recebe e transmite, ou seja, um *medianeiro*. Entretanto, porque a individualidade do morto não seja reconhecida, pelo Direito Civil, como pessoa, capaz de direitos e obrigações, o Autor passa a ser o médium. Há, assim, um *Autor de fato*, ou *espiritual*, e um *de direito*, o *sensitivo*.

— Da Identidade do Autor Espiritual

O Autor, um Espírito, pode ser conhecido, identificado (Emmanuel, senador romano Publius Cornélius Lentulus e Padre Manoel da Nóbrega) ou desconhecido (Hilário Silva).

Pode pertencer ao *passado* remoto (J. W. Rochester) ou ter sido nosso *contemporâneo* (Comélio Pires, Frederico Fígner).

As vezes, é um *espírita* (Bezerra de Menezes), às vezes, não (Joanna de Ângelis).

Ora é um poeta (Castro Alves), um romancista (Camilo Castelo Branco), um músico (Franz Liszt), um cientista (André Luiz), um moralista (Cornélio Pires), ora um historiador (Humberto de Campos), um evangelizador (Emmanuel), um filósofo (Farias Brito), um orador sacro (Monte Alveme).

— Páginas Antológicas

O Prof. José Jorge (in “Anais” do Instituto de Cultura Espírita do Brasil, n’ 2) pondera, com razão, falando da literatura espírita, que ela

“deleita, instruindo; agrada e orienta; encanta e salva. Nos autores clássicos encontramos um estilo conciso, num planejamento didático, em Allan Kardec; uma poesia em prosa, num Camilo Flammarion e num Léon Denis. Nos modernos, o estilo fluente de um André Luiz, de par com seus magníficos poemas sem metro e suas prosas poéticas das mais arrebatadoras (...)” “São páginas antológicas pela *forma* e pelo *conteúdo*.”

— Da Influência dos Espíritos em Geral

Sabemos que é (e sempre foi) permanente e efetiva a influência dos chamados *mortos* sobre os chamados *vivos*. Tudo depende da maior ou menor capacidade de percepção e dos laços de ordem afetiva ou material, criados no passado, ou seja, em encarnações pretéritas.

Os artistas em geral, sejam escritores, poetas, músicos, pintores e oradores, cuja sensibilidade se motra sempre mais atuante e receptiva, estão sujeitos, de preferência, à atuação dos Espíritos, seja nos processos obsessivos, seja nos de intuição e inspiração (sonhos, avisos, premonições, etc.). Isto significa que sua obra, sem prejuízo, é claro, da contribuição própria de cada um, é de origem mediúnica.

Às vezes, a influência não é reconhecida, mas quase sempre é notada, embora não se lhe aceite a origem extraterrena ou mediúnica, por preconceito ou por motivo qualquer. Esses autores não são *espíritas* ou pelo menos negam sê-lo.

Alguns exemplos : Mozart dizia a respeito de suas idéias musicais exuberantes: “Ignoro donde procedem esses pensamentos e como me chegam; nisso não tem a minha vontade a menor intervenção.” Heine conta: “Escrevia sem interrupção e sem fazer emendas. E ao passo que escrevia, parecia-me ouvir por cima da cabeça como um ruflar de asas.”

Émile Zola confessa que, ao escrever um romance, deixa que ele se faça por si mesmo; isto é, espera que as cenas e os tipos “surjam” e tudo se encaixe, naturalmente: “Chego, às vezes, a persuadir-me de que sou inteiramente estranho ao meu romance.”

Numerosas obras-primas da literatura tiveram sua fonte de inspiração na mediunidade, e a lista seria longa demais para constar deste trabalho, se quiséssemos citá-las todas: “Os Irmãos Karamazov”, de Dostoievski; “O Fausto”, de Goethe; “Divina Comédia”, de Dante; “O Paraíso Perdido”, de Milton; “O Discurso do Método”, de Descartes.

O Dr. Elias Barbosa tem-se dedicado à pesquisa de fatos espíritas e de influências mediúnicas na obra de escritores e poetas

alheios ao Espiritismo. Guimarães Rosa é um deles e fala de como escreveu algumas de suas histórias: ““A Buriti” (Noites do Sertão), por exemplo, quase inteira, *assistí*, em 1948, num sonho de duas noites repetido. “Conversa de Bois” (Sagarana), recebi-a, em amanhecer de sábado, substituindo-se a penosa versão diversa, apenas também sobre viagem de carro-de-boi e que considerara como definitiva quando fora dormir na sexta. “A Terceira Margem do Rio” (Primeiras Histórias) veio -me, na rua, em inspiração pronta e brusca, tão “de fora”, que instintivamente levantei as mãos para “pegá-la”, como se fosse uma bola vindo ao gol e eu o goleiro. Quanto ao “Grande Sertão” (Veredas), forte coisa e comprida demais seria tentar fazer crer como foi ditado, Bustentado e protegido por forças ou correntes muito estranhas.” Segundo depoimento do autor, o livro citado foi “gerado em 7 meses, recebendo os caboclos que baixavam forte”. (V. “Anuário Espírita” de 1969.)

Desse ilustre pesquisador vamos encontrar trabalhos semelhantes nos Anuários de 1970 (referentes a Érico Veríssimo), 1971 (Marcei Prost), 1972 (Lima Barreto), 1973 (Antonio Nobre, Florbela Espanca, Camões), 1974 (Herman Hesse), 1975 (Paulo Bonfim).

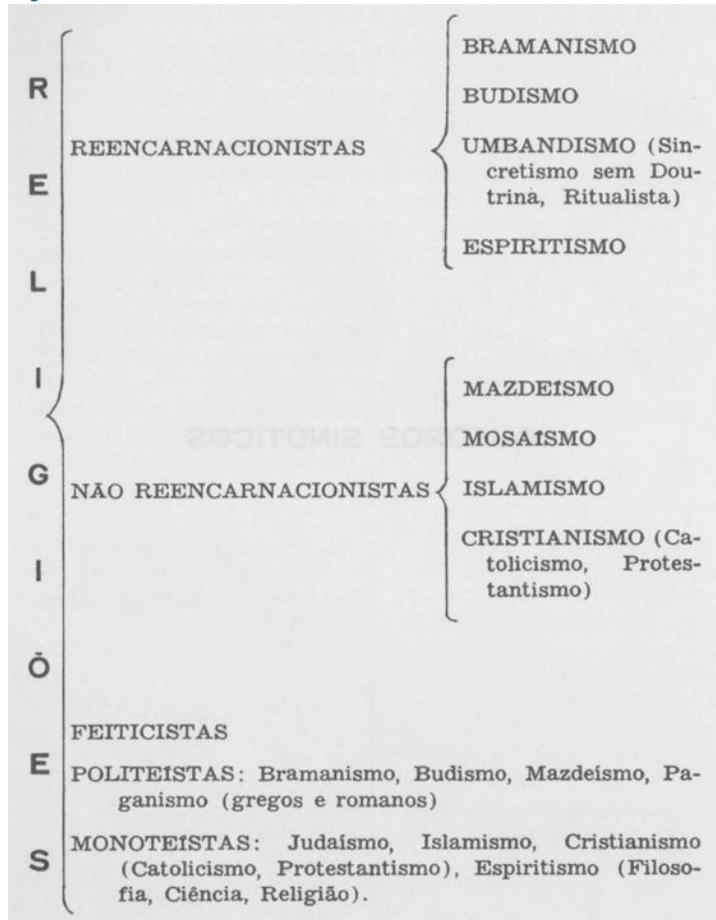
— Da Produção da Escrita Mediúcnica

O médium escreve, quase sempre, com extrema ligeireza, páginas e páginas, por horas e horas, sem cansaço. A escrita é obtida, às vezes, em língua completamente estranha ao médium (fenômeno de xenoglossia). Os caracteres são grafados, também, de trás para diante e às avessas, e a mensagem só pode ser lida com auxílio de um espelho (mediunidade especular).

A mensagem escrita pode ser obtida por processos primitivos, cesta-pião, cesta-de-bico), melhorado (prancheta), na psicografia indireta; ou na direta, quando o médium utiliza a própria mão, recebendo a mensagem mediunicamente, como se a caneta escrevesse sozinha, permitindo ao sensitivo exercer, simultaneamente, outros afazeres, conversar, etc. A mensagem pode ser recepcionada, também, pela intuição, tornando-se difícil,

neste caso, saber o que é do médium, o que é do Espírito.

QUADROS SINÓTICOS



AS IDÉIAS RELIGIOSAS E O ESPIRITISMO

- | | |
|----------------------------------|---|
| 1. AS TRÊS REVELAÇÕES | {
De <i>Moisés</i> (Alta Antiguidade)
De <i>Jesus, o Cristo</i> (Início da Era Cristã)
Dos <i>Espíritos</i> (Séc. XIX, segunda metade) |
| 2. PRECURSORES | {
Emmanuel Swedenborg (1688-1772), " <i>Céu e Inferno</i> ", " <i>Arcana Celeste</i> ", etc.
Afonso Cahagnet (1809-1885), " <i>Arcanos da Vida Futura</i> ", etc.
Andrew Jackson Davis (1826-1910), " <i>Filosofia Harmônica</i> " |
| 3. PRIMÓRDIOS | {
"O Episódio de Hydesville" (31 de março de 1848)
"As Mesas Girantes" (1850-1855) |
| 4. A CODIFICAÇÃO DE ALLAN KARDEC | {
"O Livro dos Espíritos" (1844-1857)
"O Livro dos Médiuns" (1861)
"O Evangelho segundo o Espiritismo" (1864)
"O Céu e o Inferno" (1865)
"A Gênese" (1868) |

Filosofia
Ciência
Religião

E S P I R I T U A L I S M O	1. C A R A C T E R I S T I C A S	ORIGENS	Primórdios: "O Episódio de Hydesville" e "As Mesas Girantes".	
			Advento: Paris, 18 de abril de 1857 — 1ª edição de "O Livro dos Espíritos".	
			Autores: Espíritos Superiores, orientados pelo Espírito da Verdade. Médiuns: vários Codificador: Allan Kardec.	
		CONSTITUIÇÃO	Impessoal, espiritual. Alicerce: "O Livro dos Espíritos".	
			Experimentalista, racionalista (não dogmática), relativista (conhecimento progressivo).	
		NATUREZA	a) Doutrina Espiritualista: reencarnacionista, nomenclatura própria, metodologia específica (aplicação dos Princípios que defende).	
			b) Sentido progressivo (acompanha a evolução geral).	
			c) Sentido de consistência (não modifica os Princípios ou conceitos básicos).	
		2. CONSEQUÊNCIAS: Nova concepção do Mundo e da Vida. Reforma moral do Homem.		

Fonte: "Anais do Instituto de Cultura Espírita do Brasil", nº 2. (Aulas do Prof. Deolindo Amorim.)

CODIFICADOR: ALLAN KARDEC

D
O
U
T
R
I
N
A

E
S
P
Í
R
I
T
A

O TRIPLICE ASPECTO: *Filosofia* (estudo das causas e conseqüências, os porquês e sua explicação) — “O Livro dos Espíritos”.

Ciência (os fenômenos e sua comprovação, disciplina mediúnica) — “O Livro dos Médiuns”.

Religião (Moral) — estudo, compreensão e alcance das máximas do Evangelho de Jesus — “O Evangelho segundo o Espiritismo”.

OS PRINCÍPIOS BÁSICOS: Deus — Evolução (reencarnação) — Imortalidade do Espírito — Comunicação entre encarnados e desencarnados.

AS DIFERENÇAS: *da Umbanda* — quanto à origem, ao conteúdo doutrinário, à prática ritualista.

de outros credos — pela reencarnação, que adota; pela comunicação com os mortos, que comprova.

A LITERATURA: Mediúnica.

Não Mediúnica.

LITERATURA

1. Conceitos									
2. Expressão	<table border="0"> <tr> <td style="font-size: 3em; vertical-align: middle;">{</td> <td>Prosa</td> </tr> <tr> <td style="font-size: 3em; vertical-align: middle;">}</td> <td>Poesia</td> </tr> </table>	{	Prosa	}	Poesia				
{	Prosa								
}	Poesia								
3. Características e Extensão	<table border="0"> <tr> <td style="font-size: 3em; vertical-align: middle;">{</td> <td>Quanto à essência</td> </tr> <tr> <td style="font-size: 3em; vertical-align: middle;">}</td> <td>Quanto à forma: prosa, poesia</td> </tr> <tr> <td style="font-size: 3em; vertical-align: middle;">{</td> <td>Quanto aos gêneros: épico, lírico, romance, novela, conto, drama, sátira, filosofia, história, crítica, folclore, ensaio, epistolografia, jornalismo.</td> </tr> <tr> <td style="font-size: 3em; vertical-align: middle;">}</td> <td>Quanto às escolas: trovadoresca, clássica, gongórica, arcaica, romântica, naturalista, parnasiana, simbolista e espírita.</td> </tr> </table>	{	Quanto à essência	}	Quanto à forma: prosa, poesia	{	Quanto aos gêneros: épico, lírico, romance, novela, conto, drama, sátira, filosofia, história, crítica, folclore, ensaio, epistolografia, jornalismo.	}	Quanto às escolas: trovadoresca, clássica, gongórica, arcaica, romântica, naturalista, parnasiana, simbolista e espírita.
{	Quanto à essência								
}	Quanto à forma: prosa, poesia								
{	Quanto aos gêneros: épico, lírico, romance, novela, conto, drama, sátira, filosofia, história, crítica, folclore, ensaio, epistolografia, jornalismo.								
}	Quanto às escolas: trovadoresca, clássica, gongórica, arcaica, romântica, naturalista, parnasiana, simbolista e espírita.								

LITERATURA ESPÍRITA

1.	Expressão dos Princípios da Doutrina Espírita, universalista e progressista.																
2.	TEMAS: Deus, Evolução, Reencarnação, Sobrevivência do Espírito, Comunicação entre vivos e mortos (Mediunidade).																
3.	OBJETIVO: Evangelização do Homem, Esclarecimento e complementação da Doutrina.																
4.	LINGUAGEM: compatível. Elevada, harmoniosa, ética, simples, confortadora, sadia, útil, agradável, esclarecedora.																
5. Não Mediúnica	<table border="0"> <tr> <td style="font-size: 3em; vertical-align: middle;">{</td> <td>Autores estrangeiros</td> <td style="font-size: 3em; vertical-align: middle;">{</td> <td>1º Grupo: Os Clássicos</td> </tr> <tr> <td style="font-size: 3em; vertical-align: middle;">}</td> <td></td> <td style="font-size: 3em; vertical-align: middle;">}</td> <td>2º Grupo: Os Continuadores</td> </tr> <tr> <td style="font-size: 3em; vertical-align: middle;">{</td> <td>Autores nacionais</td> <td style="font-size: 3em; vertical-align: middle;">{</td> <td>Mortos</td> </tr> <tr> <td style="font-size: 3em; vertical-align: middle;">}</td> <td></td> <td style="font-size: 3em; vertical-align: middle;">}</td> <td>Vivos</td> </tr> </table>	{	Autores estrangeiros	{	1º Grupo: Os Clássicos	}		}	2º Grupo: Os Continuadores	{	Autores nacionais	{	Mortos	}		}	Vivos
{	Autores estrangeiros	{	1º Grupo: Os Clássicos														
}		}	2º Grupo: Os Continuadores														
{	Autores nacionais	{	Mortos														
}		}	Vivos														
6. Mediúnica	<table border="0"> <tr> <td style="font-size: 3em; vertical-align: middle;">{</td> <td>Autores estrangeiros</td> </tr> <tr> <td style="font-size: 3em; vertical-align: middle;">}</td> <td>Autores nacionais</td> </tr> </table>	{	Autores estrangeiros	}	Autores nacionais												
{	Autores estrangeiros																
}	Autores nacionais																
7. ADENDA	<table border="0"> <tr> <td style="font-size: 3em; vertical-align: middle;">{</td> <td>O "Caso Humberto de Campos" Dos Autores de Direito e de Fato Da Identidade do Autor Espiritual Páginas Antológicas</td> </tr> <tr> <td style="font-size: 3em; vertical-align: middle;">}</td> <td>Da Influência dos Espíritos em Geral Da Produção da Escrita Mediúnica</td> </tr> </table>	{	O "Caso Humberto de Campos" Dos Autores de Direito e de Fato Da Identidade do Autor Espiritual Páginas Antológicas	}	Da Influência dos Espíritos em Geral Da Produção da Escrita Mediúnica												
{	O "Caso Humberto de Campos" Dos Autores de Direito e de Fato Da Identidade do Autor Espiritual Páginas Antológicas																
}	Da Influência dos Espíritos em Geral Da Produção da Escrita Mediúnica																

INDICAÇÃO BIBLIOGRÁFICA

Obras da Codificação, básicas: “O Livro dos Espíritos”, “O Livro dos Médiuns”, “O Evangelho segundo o Espiritismo”, “O Céu e o Inferno”, “A Gênese”.

Obras Complementares, acessórias: “Obras Póstumas”, “Introdução ao Estudo da Doutrina Espírita”, “O Que é o Espiritismo”, “A Prece”.

De Allan Kardec indique-se ainda: “Revista Espírita” (Jornal de Estudos Psicológicos).

“Anais (II e III) do Instituto de Cultura Espírita do Brasil”.

“Allan Kardec” — Zéus Wantuil e Francisco Thiesen.

“As Heroínas de Hydesville” — Alfredo Miguel.

“As Mesas Girantes e o Espiritismo” — Zéus Wantuil.

“As Razões da Coincidência” — Arthur Koestler.

“A Grande Síntese” — Pietro Ubaldi.

“A Caminho da Luz” — Francisco Cândido Xavier (Emmanuel).⁷⁸

“A Teoria Corpuscular do Espírito” — Hernani Guimarães Andrade.

“Afinal Quem Somos?” — Pedro Granja.

“A Origem da Vida” — A. Oparin.

“A Psicografia ante os Tribunais” — Miguel Timponi.

“Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho” — Francisco Cândido Xavier (Humberto de Campos).

“Bhagavad-Gitâ”.

“Crestomatia da Imortalidade” — Divaldo Pereira Franco (Vários).

“Chama Divina” — Júlio de Abreu Filho.

“Ciência e Espiritismo” — Antônio J. Freire.

“Como se deve Curar” — Túlio Chaves.

“Dinâmica Espiritual da Evolução” — Jorge Andréa.

“Deus e a Evolução” — Mário G. Xavier.

“Diálogo dos Vivos” — Francisco Cândido Xavier (Emmanuel) .

“Dos Raps de Hydesville até Allan Kardec” — José Jorge. “Da Evolução do Espiritismo” — Dr. Antônio J. Freire.

“Da Alma Humana” — Dr. Antônio J. Freire.

“Enciclopédia de Parapsicologia, Metapsíquica e Espiritismo” — João Teixeira de Paula.

“Emmanuel” — Francisco Cândido Xavier (Emmanuel).

“Evolução em Dois Mundos” — Francisco Cândido Xavier (André Luiz).

“Energias Espirituais nos campos da Biologia” — Dr. Jorge Andréa.

“Entre a Terra e o Céu” — Francisco Cândido Xavier (André Luiz).

“Elos Doutrinários” — Ismael Gomes Braga.

“Estudos de Espiritismo” — João Teixeira de Paula. “Espírito e Matéria” — Heráclito Carneiro.

“Espiritualismo Evolucionista” — Lannes Bernardes Jr. “Experiências Psíquicas Além da Cortina de Ferro” — Sheila Ostrander e Lynn Schroeder.

“Fatos Espíritas” — William Crookes.

“Forças do Espírito” — Dr. Lauro Neiva e Luiz da Rocha Lima.

“Forças Libertadoras” — R. A. Ranieri.

“Grandes Espíritas do Brasil” — Zéus Wantuil.

“Histórias e Aventuras da Vida” — Julian Huxley.

“História do Espiritismo” — Arthur Conan Doyle. “Introdução à Filosofia” — Pe. Francisco Leme Lopes. “Instrumentos do Tempo” — Francisco Cândido Xavier (Emmanuel).

“Kardec e não Roustaing” — Luciano Costa.

“Materializações Luminosas” — R. A. Ranieri.

“Mundos e Galáxias” — V. A. Firsoff.

“No País das Sombras” — Elisabeth d’Espérance.

“No Invisível” — Léon Denis.

“No Mundo Maior” — Francisco Cândido Xavier (André Luiz).

“Nos Alicerces do Inconsciente” — Dr. Jorge Andréa.

“O Trabalho dos Mortos” — Nogueira de Faria.

“Operações Espirituais” — Dr. Urbano Pereira.

“O Homem e seu Destino” — Leconte du Nouy.

“Origem das Espécies” — Charles Darwin.

“O Fenômeno Humano” — Theilhard de Chardin.

“Os Quatro Evangelhos” — J.-B. Roustaing.

“O Espírito da Verdade” — Francisco Cândido Xavier (Emmanuel) .

“O Verbo e a Carne” — Júlio A. Filho e J. Herculano Pires. “O Espiritismo e as Doutrinas Espiritualistas” — Deolindo Amorim.

“O Espírito e o Tempo” — J. Herculano Pires.

“Os Três Caminhos de Hécate” — J. Herculano Pires.

“O Consolador” — Francisco Cândido Xavier (Emmanuel). “O Homem e a Sociedade numa Nova Civilização” — Humberto Mariotti.

“O Fenômeno Espírita” — Gabriel Delanne.
“O Espiritismo perante a Ciência” — Gabriel Delanne. “Pequena Enciclopédia de Moral e Civismo” — Fernando B. de Ávila, S. J.
“Palingênese, a Grande Lei” ■ — Dr. Jorge Andréa.
“Religião” — Carlos Imbassahy.
“Resumo da Doutrina Espírita” — Gustavo Geley.
“Vida de Jesus” — Antônio Lima.
“Vozes do Grande Além” — Francisco Cândido Xavier (Diversos).
“Vida e Obra de Allan Kardec” — André Moreil.
“Vida e Obra de Léon Denis” — Gastão Luce.
“20 Casos Sugestivos de Reencarnação” — Dr. Ian Stevenson.

Notas

[←1]

“O Espiritismo e as Doutrinas Espiritualistas”.

[←2]

É sabido que o Islamismo também influenciou as crenças dos africanos. O turbante, de uso na Índia, introduzido na África, é um exemplo.

[←3]

Veja-se o tópico Esclarecendo Dúvidas

[←4]

Fenômeno: tudo que é percebido pelos sentidos, pela consciência. Temos assim fenômenos astronômicos, físicos, químicos, espirituais, etc.

[←5]

Conceito de Kardec em "O Livro dos Espíritos", Introdução, II:
"ser imaterial e individual que em nós reside e sobrevive ao
corpo".

[←6]

Metapsíquica (do grego meta: além de); Parapsicologia (do grego para: ao lado)

[←7]

A Parapsicologia é conhecida também como Psicobio- física, Psicotrônica.

[←8]

Para melhor exame desta matéria, ver, dentre outros livros, "Noções de Psicologia Experimental", de Theobaldo Miranda Santos

[←9]

Além de numerosos outros, os episódios de Sócrates e seu daimon, de Joana d'Arc e suas vozes, de José Cupertino levitando.

[←10]

Desse período se destaca, também, a obra do Dr. Justinus Kerner, médico alemão, que relata os fenômenos ocorridos com Frederica Hauíí, a célebre “vidente de Prevorst” e os trabalhos de Afonso Cahagnet, com a médium Adélia Maginot, fatos considerados precursores, dentre outros, da revelação espírita, pouco depois codificada por Kardec.

[←11]

Sobre este assunto convém ler "Afiml quem somos?" e "Os Simples e os Sábios", de Pedro Granja, "O Espiritismo à Luz dos Fatos", de Carlos Imbassahy, "História do Espiritismo", •de Arthur Conan Doyle

[←12]

Quanto às subdivisões, remete-se o leitor à obra "Parapsicologia Experimental", de Hernani Guimarães Andrade (Cap. XV)

[←13]

Segundo Carlos de Brito Imbassahy, a telepatia, “erroneamente definida por alguns como transmissão do pensamento, é um fenômeno onde só é posto em jogo o poder do sensitivo que a pratica; o sensitivo emite as ondas telepáticas que se vão refletir na mente da pessoa auscultada, retornando à origem: aí então o telepata executa a lei (mental), filtrando as vibrações que voltam acopladas com as ondas por ele anteriormente emitidas”. (V. em “Desobsessão”, de março de 1978, o artigo Fenômenos Anímicos Conscientes.

[←14]

“A Face Oculta da Mente”, de Oscar G. Quevedo

[←15]

É notável o fenômeno de clarividência ocorrido com Emmanuel Swedenborg, sensitivo sueco, que, de Gothenburg, a centenas de quilômetros de Estocolmo, descreveu um incêndio, que lavrava nessa última cidade, fazendo-o com exatidão de pormenores.

[←16]

Concepção Espírita de Educação, artigo publicado na revista
"Educação Espírita", n» 2

[←17]

“O Livro dos Espíritos” — Introdução ao estudo da Doutrina Espírita, N. XVII.

[←18]

Lins de Vasconcellps, mensagem psicografada por Divaldo Pereira Franco e publicada em "Crestomatia da Imortalidade"

[←19]

Nesse sentido, houve uma "revelação" budista, uma Islâmica, etc

[←20]

O conhecimento revelado é dos mais importantes e perfeitamente possível: “Deus pode revelar o que à ciência não é dado apreender.” (“O Livro dos Espíritos” — questão 20.) Ver Paulo aos Gálatas, 1:11-12: “Faço-vos, porém, saber, irmãos, que o Evangelho por mim anunciado não é segundo o homem; porque eu não o recebi, nem o aprendi de homem algum, mas mediante revelação de Jesus-Cristo.” (Destacamos.)

As leis morais, divinas ou naturais, são eternas e imutáveis como o próprio Deus (“O Livro dos Espíritos” — questão 615), são reveladas e estão implícitas ou explícitas no Decálogo, de Moisés, nos Mandamentos de Jesus (“Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo”, o que resume a Lei e os profetas, no “Amai-vos uns aos outros tanto quanto eu vos amei”) e nos preceitos mencionados na Parte Terceira de “O Livro dos Espíritos”

[←21]

“Com a Primeira (de Moisés), ensinam os Espíritos, tivemos um dos aspectos da eterna Verdade: o da Justiça; com a Segunda (do Cristo), outro aspecto: o do Amor; com a Terceira (do Espírito da Verdade, através de suas imensas Falanges de Espíritos), o derradeiro: da Verdade progressiva” — “Allan Kardee”, de Zêus Wantuil e Francisco Thiesen, Introdução, V — A progressividade da Revelação, Vol. II, 1» edição FEB

[←22]

Chamados, também, de rappings, noise», echoes, knockings
(ruídos, pancadas, ecos)

[←23]

A respeito desse episódio da história do Espiritismo, Alfredo Miguel escreveu um livrinho muito interessante e que merece lido: "As Heroínas de Hydesville"

[←24]

“Guéridons”.

[←25]

Cognominado o "Bossuet italiano"

Relembremos algumas dessas explicações:

- 2) os fenômenos seriam devidos à eletricidade, ao magnetismo, aos fluidos que, como sabemos, fazem girar os ponteiros do relógio, mover o pêndulo. Agenor de Gasparin, em sua obra "Des Tables Tournantes, du Surnaturel et des Esprits" (1854), diz que o fluido seria um agente físico que, emanado dos assistentes, imprimiria movimento aos objetos;
- 3) a do músculo estafante, do fisiologista alemão Moritz Schiff, que atribuía os fenômenos ao deslocamento reiterado dos tendões da perna (o longo perônio), adotada, também, pelo Dr. Jo- bert de Lamballe, cirurgião da Academia de Medicina, de Paris, que, entretanto, atribula os fatos ao curto perônio;
- 4) a dos movimentos musculares inconscientes, estabelecida por Miguel Faraday, químico e físico notável, membro da Sociedade Real, de Londres, falecido em 1867, com reputação firmada no mundo científico, que atribuía os fenômenos aos movimentos musculares inconscientes dos assistentes, cujas mãos ficavam sobre a mesa. Essa teoria era semelhante à de Miguel Eugênio Chevreul, grande químico, membro da Academia das Ciências, de Paris, denominada de vibrações musculares (movimento vibratório emanado de milhares de pequenos ramos nervosos), explicação puramente mecânica, contrária à lógica e à razão, ridicularizada pelo Marquês de Mirville, autor de "Question des Esprits";
- 5) a dos movimentos nascentes ou começantes, de Babinet, físico e astrônomo francês, da Academia das Ciências, de Paris, teoria semelhante à de Faraday e segundo a qual os fenômenos seriam produzidos pela "trepidação nervosa nas mãos das pessoas que tocam a mesa e através da concordância de pequenas impulsões individuais de todos os operadores, das quais não têm eles consciência".

Essas explicações ou teorias, com base em causas físicas, não bastaram aos curiosos e negadores de toda ordem e foram criadas outras:

- 6) a dos puros espíritos, do abade Moigno, que, vencido pelas respostas inteligentes das mesas, procurou explicar os fenômenos como produzidos por imaginários puros espíritos dotados de inteligência, vontade e liberdade;
- 7) a da sugestão, do Prof. Carpenter;
- 8) a da alucinação, exposta pelo magnetista Alcides Morin, que explicava os fatos pela "hipótese das vibrações do instinto";
- 9) a pessimista ou diabólica, de Eudes de Mirville, publicista de muita cultura, católico ferrenho, cuja obra granjeou notoriedade, mas foi combatida até mesmo pelo abade João Batista de Almignana, doutor em direito canônico, grande teólogo. Teoria até hoje do gosto da Igreja;
- 10) a do reflexo do pensamento ou da reminiscência, que dizia ser a inteligência das respostas mero reflexo do pensamento dos médiuns e da assistência;
- 11) na ânsia de fugir à hipótese multiespirita (fenômenos produzidos por espíritos desencarnados, dos mortos), explicação natural dada pelo Espiritismo, correta, verdadeira, outros atribuíram os fatos ao sonambulismo e até mesmo à ruminção, pela qual Dingwall queria explicar os fenômenos de materialização, dizendo que o médium esconde no estômago as imagens e objetos que surgem nas sessões e que ele regurgita no momento apropriado. (Veja-se, para estudo mais completo do assunto, "As Mesas Girantes e o Espiritismo", de Zéus

Wantuil, 2» edição da FEB.)

[←27]

Ver "O Livro dos Espíritos", Conclusão, V, parágrafo 3»: "Três períodos distintos apresenta o desenvolvimento dessas idéias: primeiro, o da curiosidade, que a singularidade dos fenômenos produzidos desperta; segundo, o do raciocínio e da filosofia; terceiro, o da aplicação e das consequências. O período da curiosidade passou; a curiosidade dura pouco. Uma vez satisfeita, muda de objeto. O mesmo não acontece com o que desafia a meditação séria e o raciocínio. Começou o segundo período, o terceiro virá inevitavelmente.

[←28]

Codificar, em síntese, é organizar, dar estrutura lógica, dar corpo a princípios esparsos, coleccionar, reduzir a código

[←29]

Zéfiro foi um dos Espíritos componentes da falange do Consolador que ditou a Kardec a Doutrina Espírita, e que o conheceu nas Gálias, quando o Prof. Rivail lá encarnara como sacerdote druida

[←30]

Humberto de Campos, em "Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho", Cap. XXII, destaca esse papel de Léon Denis, dizendo que ele "efetuará o desdobramento filosófico" da obra da Codificação.

[←31]

Jerônimo de Praga, conterrâneo de João Huss, Reitor da Universidade de Praga, teve papel destacado nas lutas contra a tirania papal; os dois íoram queimados vivos pela Igreja, respectivamente em 1416 e 1415

[←32]

Segundo artigo de redação da "Revista Internacional de Espiritismo" (março de 1925), nas sessões espíritas realizadas em Tours, o Espírito do Codificador, diante da ponderação de Denis, que alegava a idade e a doença (estava quase cego) para não presidir o Congresso e indicava, para isso, Camille Flammarion, informou ao velho lidador: "Camille Flammarion não estará lá." E diante do espanto de Denis, repetiu: "Camille Flammarion não estará lá!" E realmente assim foi, pois Flammarion desencarnou em julho e o Congresso realizou-se de 6 a 13 de setembro de 1925

[←33]

"Reformador" de junho de 1969 publica completo estudo nronL? V_Hda, e 3 obra de Luís Olímpio Teles de Menezes a proposito do lançamento do selo espírita comemorativo do óri meiro centenário de fundação de "O Eco dAlém-Túmufu

[←34]

Já se acha instalada, definitivamente, em Brasília, desde 2 de Janeiro de 1984, a sede central da FEB, com o funcionamento, all, de alguns órgãos de sua Administração

[←35]

O único que não teve interrompida sua publicação.
(V. "Reformador", Janeiro de 1983.)

[←36]

Os Congressos passaram a ser de jornalistas e escritores espiritas

[←37]

DOCTRINA, “conjunto de princípios em que se baseia tan sistema religioso, político ou filosófico” — in “Dicionário Prático Ilustrado”, de Jayme de Séguier.

KKPIRITA, palavra criada por Kardec para indicar o adepto Un Doutrina que codificara, para evitar confusões com **espiritualista**, o qual nem sempre é espírita, embora a recíproca seja **verdadeira**

[←38]

Julgamos, comparamos, tiramos conclusões do que uliKCrvamos e os seus próprios erros constituem ensinamentos pura nós, uma vez que não renunciamos ao nosso discernimento.”

"Itevlstu Espírita", 1859, págs. 194/195

[←39]

"última, não no sentido de fase final, mas da que o luimrm pôde atingir até agora, na sua lenta evolução através do InMpo", porque, como conhecimento, em sentido geral, "o Espiritismo aparece como uma síntese dos esforços humanos para ompiecnstfo do mundo e da vida" — J. Herculano Pires, "O Espírito e o Tempo"

[←40]

“Podemos tomar o Espiritismo, simbolizado desse modo, como um triângulo de forças espirituais. A ciência e a filosofia vinculam à terra essa figura simbólica, porém, a religião é o ângulo divino, que a liga ao céu. No seu aspecto científico e filosófico, a Doutrina será sempre um campo nobre de investigações humanas, como outros movimentos coletivos, de natureza intelectual, que visam ao aperfeiçoamento da humanidade. No aspecto religioso, todavia, repousa sua grandeza divina, por constituir a restauração do Evangelho de Jesus-Cristo, estabelecendo a renovação definitiva do homem, para a grandeza de seu imenso futuro espiritual” — Emmanuel, “O Consolador”, in Definição

[←41]

"Todos têm o desejo natural de saber", dizia o grande AI IKIiUcICN.
Ê exatamente esse desejo de saber, raciocinando, que liai liigun
os homens dos outros seres: pela dúvida metódica se ■ licgn li
certeza fundamental, porque, como dizia Descartes: oglto, ergo
Miun

[←42]

A Filosofia “é a ciência de todas as coisas, por suas causas mais elevadas, adquiridas à luz natural da razão: ciência, soma de conhecimentos certos; de todas as coisas, de tudo quanto existe ou é; por suas causas mais elevadas, explicando-as de modo definitivo; à luz natural da razão, pela evidência Intrínseca, não pela autoridade”. — Padre Francisco Leme Lopes, "Introdução à Filosofia”.

“A Filosofia se baseia no conhecimento da essência que Informa as coisas, a individualidade e a personalidade do homem. E indiscutível que, para o estudo do Novo Espiritualismo, faz-se necessário conhecer os princípios essenciais da Filosofia. Mas porque é necessário esse conhecimento? Porque o kardecismo está estreitamente ligado à filosofia espiritualista, sem a qual não poderíamos compreender exatamente os valores e o alcance da teoria e prática do ESPIRITISMO” — Humberto Mariotti, em “O Homem e a Sociedade numa Nova Civilização”, Edicel Ltda., 1967

[←43]

Multas verdades, deduzidas pela demonstração e conca- i. iiiidmi
entre si, formando um sistema, eis a Ciência. Constitui, , ni iilllnia
análise, uma soma de conhecimentos, ordenados e piglros.

[←44]

o método científico, de Galileu e Newton, é aquele em que se acumulam dados experimentais, formulam-se hipóteses de 11 alialliu, seguidas de rigorosa experimentação, para que as teorias ajustem aos fatos, dos quais induzimos as leis. Temos assim, de uma ou várias coisas, a hipótese, uma explicação provisória, a experimentação, repetição do fenômeno para a hipótese, a indução, a extensão do nexa aos vários Idênticos, a lei, que contém os princípios, a teoria, que contém a explicação.

Kinder disse, com muito acerto, que, "como meio de elaboração, o método científico procede, exatamente, da mesma maneira que as ciências positivas, aplicando o método experimental". —
"Aliénes»"

[←45]

O objeto da Ciência é tudo o que ela abrange, tudo o que examina, tudo quanto constitui motivação para sua pesquisa. Assim, na Ciência Espírita, o objeto é o Espírito, a realidade

[←46]

Embora falando em “mente” e não em “espírito”, muitos pesquisadores hoje voltam para as manifestações inegáveis de uma dimensão que procuram estudar aplicando os métodos considerados pela tecnologia moderna. A fotografia, por exemplo, demonstra a existência da aura humana.

Por exemplo, Healey, pela soma de Informações que contém, a respeito da fisiologia (dos ocidentais), ou Psicobiofísica (dos russos) e da Psicologia (dos chineses), a obra de Sheila Ostrander, em um livro, intitulada “Experiências Psíquicas Além da Imaginação”.

[←47]

“Allan Kardec deu à doutrina um tríplice aspecto: o científico, o filosófico, o religioso. Mas afirmou sempre que o Espiritismo não era uma religião, para significar que não era como as outras.” — Julio de Abreu Filho, em “Chama Divina”, 1959, Editorial Crítica

[←48]

“Só depois de uma conscientização filosófica e científica, a Doutrina Espírita oferece “O Evangelho segundo o Espiritismo” — explicação das máximas morais do Cristo em concordância com o Espiritismo e suas aplicações às diversas circunstâncias da vida.”
— Prof. Newton de Barros, in “Anais” (Ano III) do Instituto de Cultura Espírita do Brasil

[←49]

Obras complementares, utilíssimas no estudo da Dou- II Inii. foram legadas pelo grande missionário e dizem do seu amor l>i iii redenção da Humanidade: "Revista Espírita" (12 volumes); 11 que o Espiritismo", "O Espiritismo na sua Expressão mais 'ilmpIcN", "Obras Póstumas" (muito elucidativa), "A prece", etc

[←50]

O Professor Rivail teve, naturalmente, várias encarnações na Terra e alhures, quem sabe? Há notícia de que viveu nas Gálias, na época da Invasão romana, como Allan Kardec, sacerdote druida, pseudônimo que tomou para assinar os livros da Codificação; é apontado como tendo sido João Huss, reformador religioso da Boêmia, queimado vivo pela Igreja Católica, etc

[←51]

A legitimidade do ensino, ou da comunicação, decorre, como assinala o mestre lionês, da utilização de médiuns moralmente insuspeitos, da análise rigorosa das mensagens, sob o ponto de vista lógico e da Ciência, do teor da linguagem do agente espiritual e do consenso universal ou concordância das comunicações, obtidas por vários médiuns, ao mesmo tempo, em vários lugares e sobre o mesmo assunto

[←52]

o Prof. José Jort* apresenta, a respeito, o estudo no ANAIS do Instituto de Cultura Keplrtta do Brasil. Ano U, I apue se lautula "Conexões entre as obras básicas da Doutrina Espírita"

[←53]

Publicado, inicialmente, em abril de 1864, com o título de “Imitação do Evangelho segundo o Espiritismo”. A 2ª edição, com o novo nome, e a 3ª, considerada definitiva, saem em 1865

[←54]

Sobre a teologia cristã (cristã mesmo?) leia-se "Os Procuradores de Deus", de Hermínio C. Miranda, e "Escolas Filosóficas", de Ivan Lins

[←55]

Os princípios intrínsecos do Espiritismo, porque sejam científicos, são de caráter permanente e, assim, sempre atuais

[←56]

Sobre o Codificador e sua obra merece lido o excelente artigo de Hermínio, publicado em "Reformador" de março de 1972: "A Obra de Kardec e Kardec Diante da Obra", págs. 51/54

[←57]

“Há, no corpo da Doutrina, um lastro de conceitos básicos, de caráter definitivo, e a substituição desses conceitos seria a desfiguração radical da Doutrina.” — Deolindo Amorim, In “Anais” do Instituto de C. E. do Brasil

[←58]

“Guardarei para vós os conceitos de tempo, espaço, quantidade, medida, movimento e pericetibilidade. Não procureis medir a Divindade como medis a vós mesmos, por multiplicação e expansão do vosso concebível. E se quiserdes somar ao Infinito todos os vossos superlativos, dizei ao Infinito: Isto ainda não é Deus.” — Pietro Ubaldi, “A Grande Síntese”

[←59]

(...) surge o problema deveras embaraçoso de saber se os Espíritos vêem a Deus. O embaraço está em que, para alguém, encarnado ou desencarnado, ver a Deus, seria preciso que a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas, tivesse uma forma e se encontrasse em alguma parte — duas condições que não podem ser satisfeitas, visto como Deus é incorpóreo e se manifesta por toda parte através de suas leis". — Mário Travassos, em artigo estampado em "Estudos Psíquicos", agosto de 1967

[←60]

“A evolução é a manifestação da onipotência divina, mas não se confunde com Deus. Pois Deus não é a evolução, mas a razão da evolução.” — “Deus e a Evolução”, de Mário G. Xavier

[←61]

A reencarnação não podia ser explicada abertamente por Jesus, porque não era ainda oportuno, em face da ignorância do povo, mas o Mestre a ela se refere, veladamente embora, em várias passagens dos Evangelhos: o cego de nascimento (Jo. 9, 1-41); João Batista era Elias (Mt. 11, 7-15; Lc. 7, 24-30; 16-16); a pedra de tropeço (Mc. 9, 42-48; Mt. 18, 6-11; Lc. 17, 1-2), episódio de Nicodemos (Jo. 3, 1-2)

[←62]

"Diálogo dos Vivos", psicografia de F. C. Xavier e comentários de J. Herculano Pires (Item 25)

[←63]

A tragédia do circo de Niterói, por exemplo, reuniu antigos comparsas do crime na velha Lião, nas Gálias (v. "Reíormador" de março de 1962 — "Tragédia no Circo", do Irmão X). No terrível incêndio do Edifício Joelma, de São Paulo, ocorrido em 1« de fevereiro de 1974, a Justiça Divina reuniu, para o resgate de crimes comuns, antigos combatentes cristãos das Cruzadas, que queimavam vivos os inimigos (v. "Diálogo dos Vivos", psicografado por Chico Xavier e comentado por Herculano Pires, item 26)

[←64]

"Palingênese, a Grande Lei" (Reencamação), do Dr. Jorge Andréa

[←65]

A propósito da negação da Ciência, conta-se a seguinte e sugestiva história: "Um príncipe oriental construiu um palácio, com muitos livros, fechou-o, jogou fora a chave e disse que nele só entraria quem a achasse. Os impacientes construíram muitas chaves, os receosos desistiram logo, os desconfiados disseram não haver chave nenhuma ou que o próprio príncipe a trazia consigo. Poucos cavaram o solo e acharam a chave. Estava enferrujada, mas abriu a porta. Assim mesmo muitos negaram a veracidade ou legitimidade da chave." "Como representantes da Ciência", alegaram outros, "negamos que a chave seja verdadeira". "Como provarás o contrário?", perguntaram ao príncipe. "Senhores", respondeu ele, "não poderei provar a veracidade da chave, mas a considero boa e legítima, pois não abriu a porta? Que outra coisa poderia fazer a chave verdadeira?"

[←66]

Veja-se, a respeito, a obra de Pedro Granja, "Afiml quem Somos?"

[←67]

Sobre fenômenos de materialização ocorridos no Brasil, há várias obras sérias, que merecem lidas: "Forças do Espírito", de Luiz da Rocha Lima e Dr. Lauro Neiva; "Materializações Luminosas", de R. A. Ranieri, e "Forças Libertadoras", do mesmo autor; "Operações Espirituais", de Urbano Pereira

[←68]

O Prof. Arnaldo Claro de S. Thiago defende a tese da formação dos primeiros seres por *ectoplasma*, tese que expôs em conferência realizada na Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro e publicada na revista "Revelação", órgão da Federação Espírita Catarinense, mês de abril de 1971. A tese é precedida de comentários ao livro "A Origem da Vida", do cientista russo A. Oparin, e se intitula "Nos Primórdios da Criação Planetária". Partindo da teoria desse cientista russo, que admite a existência de gotas de *coacervato*, que não possuíam vida, mas que tinham a possibilidade de gerar os primeiros sistemas vivos, e que existiam no protoplasma primitivo, o Prof. Arnaldo Claro de S. Tiago lança a hipótese de uma geração espontânea por *ectoplasma*, em época em que as condições ecológicas do globo terrestre teriam possibilitado aos Espíritos Superiores o modelamento dos organismos vegetais e animais por processos que o sábio Charles Richet classificou de *ectoplásmicos*, em nossos dias.

[←69]

“No estado atual dos nossos conhecimentos, não podemos estabelecer a teoria da geração espontânea permanente, senão como hipótese, mas como hipótese provável e que um dia, talvez, tome lugar entre as verdades científicas incontestés.” “A Gênese”, Cap. X, 23, *in fine*.

Veja-se, a respeito, em o número de setembro de 1969, da "Revista Internacional de Espiritismo", o lúcido artigo do Professor Deolindo Amorim sobre a questão da geração espontânea o a opinião sobre ela expressada por Kardec ("Encontro de Opiniões" — III, pág. 219)

[←70]

Indicamos, para os que desejem maiores esclarecimentos n respeito, o livro "Como se Deve Curar", do Dr. Túlio Chaves, capítulo Doutrinas da Vida.

A teoria da panspermia também já foi aventada para explicar a origem da vida humana. Os seres teriam se originado de germens espalhados por toda parte, por entidades de outros mundos, possibilitando assim a eclosão da vida em nosso planeta

[←71]

“A vida não está na química complexa do mundo orgânico, mas no psiquismo que a rege.”

"Dada a natureza da energia, que é contínua expansão no espaço, o princípio da vida está difuso em todo lugar, como a luz e outras formas dinâmicas." — Pietro Ubaldi, in "A Grande Síntese"

[←72]

O Homem constitui-se de Espírito, a substância, a essência; do Perispírito, a forma, a organização; e do Corpo Físico, a manifestação material do Ser

[←73]

Talvez a matéria elementar

[←74]

Ver os Quadros I e II

[←75]

De certo modo um precursor do Espiritismo

[←76]

De certo modo, um precursor do Espiritismo, como também o foi Afonso Cahagnet, na França

[←77]

Veja-se a obra "A Psicografia ante os Tribunais", de Miguel Timponi

[←78]

Os nomes dos Autores espirituais figuram entre parênteses,
indicando que a obra é psicografada